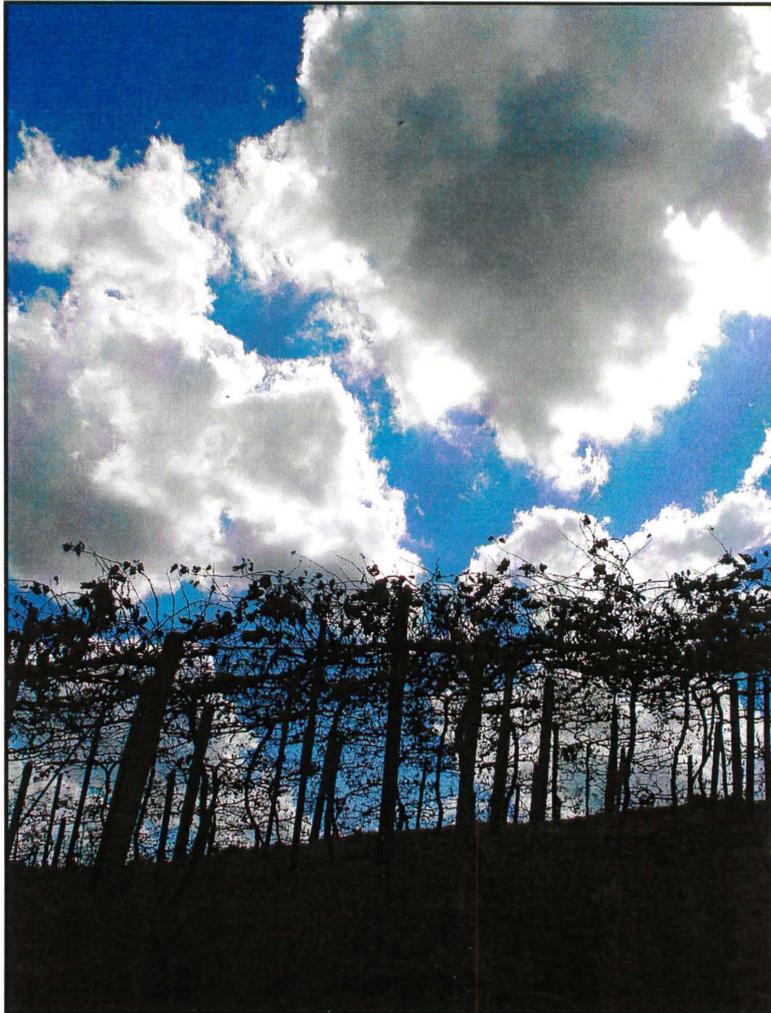


"O Cio!"

***Histórias dos descendentes
italianos de Colombo***



Paula Sasso



***Famílias Gasparin, Pavin, Fiorese,
Johnsson, Brotto e Cavassin em
Festa no Morro da Cruz – Serrinha.
Acervo Departamento de Cultura
de Colombo.***

"O Cio!"

Histórias dos descendentes

italianos de Colombo

Paula Sasso

"O ciò!"

Histórias dos descendentes

italianos de Colombo

Curitiba

2007

Fotos e diagramação: Paula Sasso
Capa: Parreiral sen José Seccon.

Agradecimentos

À Angela Mottin, sem a qual não seriam possíveis as entrevistas deste livro;

a Fábio Machioski e ao Departamento de Cultura de Colombo;

ao Departamento de Turismo de Colombo;

à Raffaella Caira e Ernani Fritoli, pelas entrevistas e ajuda com material;

a Edilson Maschio e Elaine, pelas indicações;

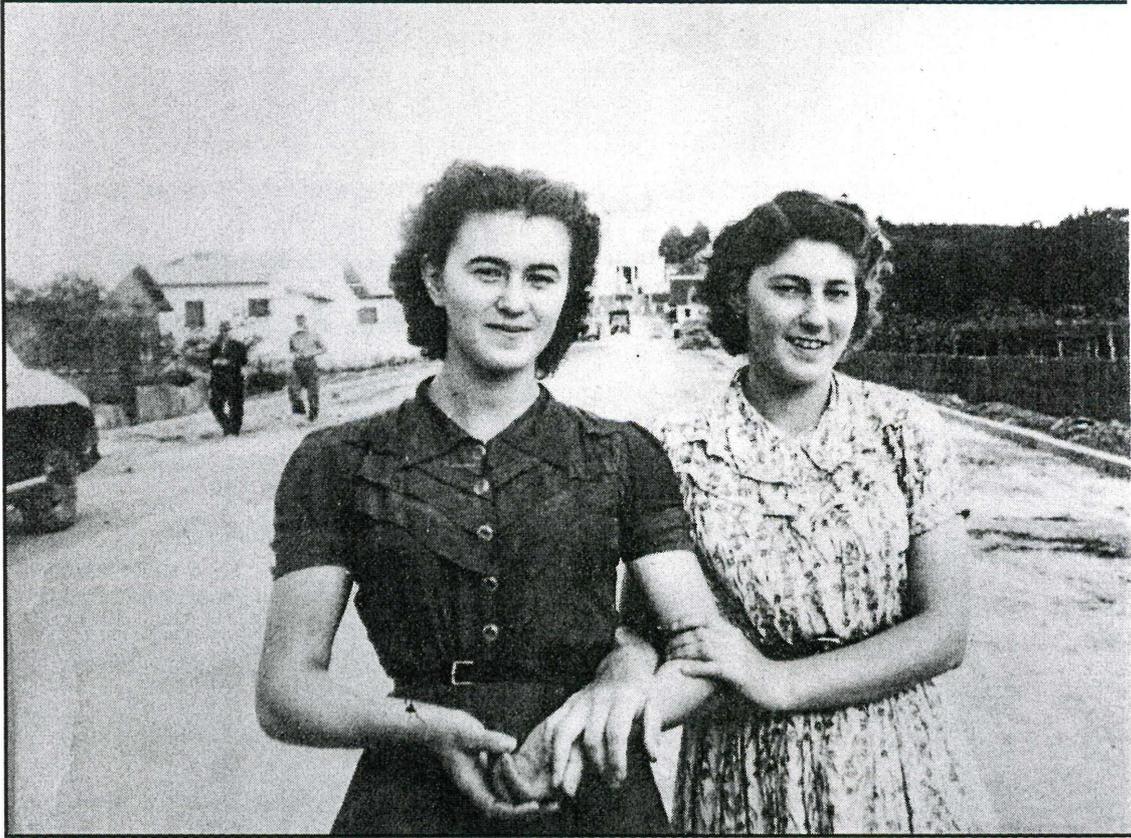
à Fernanda Fabrício, pela escolha das fotos;

à Myrian, pela orientação;

aos meus pais pelo incentivo constante;

e a todos que de alguma forma contribuíram

para a realização deste livro.



*Tracemas: Cavalli e Strapasson na Rua XV - 03/04/1954
Acervo Departamento de Cultura de Colombo*

ÍNDICE

Introdução.....	09
1. Italia - Brasile	13
2. Far la Mèrica	37
3. Grassie a Dio! Graças a Deus!	47
4. Ma ti pala il talian? Mas você fala o talian?	69
5. Chi non magna, ga magnà! Quem não come já comeu!	81
6. Ricordi. Recordações.	95
7. La scuola. A escola	103
8. I piazzéri della vita. Os prazeres da vida.....	111
9. Tutti politici, tutti ladri! Todos políticos, todos ladrões!.....	129
10. Guerre. Guerras.....	135
11. Un'altra Colombo! Uma outra Colombo!.....	139
12. Ma chi zé queo? Mas quem é aquele?.....	149
13. Queo che gien. O que virá	151
Bibliografia.....	157

Introdução

Quando surgiu a idéia de fazer um livro-reportagem sobre a imigração italiana, logo pensei no município de Colombo e na sua comunidade, formada por descendentes da etnia. A região, apesar de ter recebido um grupo de italianos no longínquo 1878, ano do desembarque de muitos desses imigrantes no Brasil, ainda preserva alguns de seus hábitos, como o dialeto, a culinária, a religiosidade. Além disso, a sociedade colombense apresenta uma fácil identificação de famílias: ‘todo mundo é parente’, como se costuma brincar, já que os italianos, essencialmente, casaram-se entre si, mantendo fortes várias das suas tradições.

Escolhida a região a ser investigada – o município de Colombo – era preciso agora de um ângulo, um ponto de vista, a partir do qual seria feita minha pesquisa e os contatos com os personagens necessários para a escrita do livro-reportagem. O Circuito Italiano de Turismo Rural, uma espécie de roteiro turístico promovido pela prefeitura de Colombo composto por diversas propriedades rurais do município, incluindo vinícolas, restaurantes, cantinas, hotéis, estâncias, foi eleito o “gancho” a partir do qual eu começaria a investigação sobre os imigrantes e seus descendentes. Imaginei, assim, contar a imigração por meio das entrevistas e histórias recolhidas nas propriedades rurais que visitasse.

Iniciei as visitas em fevereiro de 2007. Lembro-me que comecei com as propriedades próximas à Sede – centro de Colombo – pela localização mais acessível. Sabia que, para visitar as demais regiões, seria difícil, mas nada que um ônibus não resolvesse: se ele existisse. Descobri, dias depois, a inexistência de ônibus de linha para os bairros rurais da cidade, assim como a não existência de um sistema de

transporte do próprio Circuito Italiano. O motivo seria explicado um mês depois pela diretora do departamento de Turismo da prefeitura de Colombo, Denise Guimarães: a falta de demanda. O projeto Linha Turismo funcionou apenas três meses, mas como a média de passageiros era de oito a dez pessoas por viagem, e a linha era de uma empresa privada – a Viação Colombo – não foi possível manter o transporte. A previsão, segundo a diretora, era de que a partir de maio a linha voltasse a ser oferecida, mais dinâmica e interativa, funcionando apenas nos finais de semana e seguindo roteiros que teriam nomes de cidades italianas – as que mais contribuíram para a colonização da cidade: Treviso, Veneza, Belluno, Padova e Vincenza.

Um pouco desolada, já que não sabia como chegar às propriedades mais distantes, que se localizam a até sete quilômetros do centro por estrada de chão, resolvi começar, da mesma forma, e fazer algumas entrevistas. Afinal, se as histórias fossem realmente boas, eu daria um jeito.

Mas as coisas não aconteceram bem assim. Primeiramente, o circuito que pensei que fosse só italiano, agrega também propriedades de pessoas que não têm nada a ver com a imigração italiana. Fui descobrir a razão, mais uma vez, com Denise Guimarães: “Não são só imigrantes italianos, nós temos por exemplo a vinícola Passárgada que (os proprietários) não são italianos, porém eles estão dentro do contexto rural, por isso estão inseridos junto no Circuito Italiano. Tem que estar dentro destes dois conceitos: italiano ou rural, um ou outro.” Bom, mesmo com propriedades não diretamente relacionadas com a imigração, pensei, posso encontrar outras e aproveitar alguma coisa.

E realmente foi o que aconteceu: consegui “aproveitar alguma coisa”, já que acabei mudando meu foco de pesquisa e passando para os moradores da Sede. De fato, a Linha Turismo voltou, e circulou por quatro meses, saindo da Viação Colombo todos os domingos, no período da tarde,

fazendo o trajeto Gruta do Bacaetava – Colha e Pague – vinícolas, o que ainda era pouco para realizar visitas com caráter de pesquisa. Não que não tenha encontrado pessoas nem entrevistas boas, mas não na quantidade e com a facilidade que esperava encontrar. Como admite Angela Maria Mottin, responsável pela elaboração e implantação do Circuito Italiano de Turismo Rural, e agora no departamento de Cultura da Prefeitura de Colombo: “O circuito italiano não representa a italianidade do município”. Sim, apesar de englobar proprietários descendentes, não é uma boa amostra da cultura italiana que ainda sobrevive no município.

Na Sede sim, pude encontrar, com a ajuda de Angela Mottin, diversos personagens e histórias vivos, relacionados diretamente com o crescer do município, com seus fatos históricos – como o seu Bepe Busato, que viu os soldados da Revolução de 30 passarem por Colombo – com a chegada da “modernidade” – já que a maioria dos entrevistados lembra com emoção a chegada da eletricidade, e com ela, da televisão – e com muitos outros aspectos responsáveis pela formação da identidade do município que conhecemos hoje.

Pude encontrar pessoas que se dispuseram a conversar durante horas sobre suas vidas, sobre a vida da cidade. Com muito boa vontade, e que não só contavam, mas alertavam, de tempo em tempo, para depois da entrevista tirar as ‘bobagens’, como dizia dona Iolanda Wanke: “Daí você escolhe os melhores pedaços, né? Eu vou contando tudo!”

Foi assim que realizei, entre março a novembro de 2007, mais de trinta entrevistas na Sede de Colombo, englobando moradores, pesquisadores, entre outros, e consegui capturar um pouco do modo de vida das pessoas, da cidade, dos hábitos e costumes que ainda restaram de seus antepassados. Fiz também, paralelamente, entrevistas com outros estudiosos, pesquisadores da imigração,

professores de língua italiana, acervos, livros, documentos, buscando entender de forma mais completa o fenômeno da imigração no Brasil, no Paraná e em Colombo.

Atualmente, o transporte do Circuito Italiano de Turismo Rural continua em funcionamento, saindo uma vez por mês do SESC da Esquina de Curitiba, e passando o dia em pontos de visita das 52 propriedades que fazem parte do Circuito. Com certeza devem existir, na área rural da cidade – 128,3 km², que representa 64,5% de sua área total – pessoas que falem o dialeto, mantenham hábitos e costumes dos antepassados e guardem memórias tão interessantes como as que encontrei na sede.

Mas isso é tema para outro livro. Em “O ciò! Histórias dos descendentes italianos de Colombo”, pretendo contar apenas as histórias dos moradores do centro da cidade, na maioria idosos, com suas vivências, lembranças, dúvidas. Colombenses que, quando se encontram, não cansam de repetir “O ciò!” – “Ei você!”, de comer a “poenta” ou o radici, e de recordar, nostálgicos, dos “velhos tempos.” Contar, enfim, o que aconteceu – e o que não aconteceu – desde 1878, a partir do ponto de vista dos principais envolvidos: os personagens.

Era uma vez um povo miserável e muito numeroso, que morava num país sem recursos e bastante atrasado em relação aos seus vizinhos. A maioria das pessoas que lá morava, vivia no campo e apesar de trabalhar duro, não conseguia viver bem. Eram muito pobres. Um dia, eles resolveram ir embora, e aproveitando a ajuda que o governo do país oferecia, decidiram procurar um lugar melhor para viver. Pegaram então um navio e vieram até o Brasil, demoraram 36 dias pra chegar. Aqui, foram plantar, formar cidades no Sul, e trabalhar nas plantações de café de São Paulo. Sofreram bastante no início, mas trouxeram consigo uma tradição que não se perdeu no tempo: a comida, a língua, as músicas, os jogos. E hoje, os filhos dos filhos dos filhos dessas pessoas estão aí, fazendo várias coisas como faziam seus avós, e com muitas lembranças para contar.

A saga dos imigrantes italianos poderia ser resumida assim. Com ela, milhares de vidas, de relatos, de histórias, um verdadeiro quebra-cabeça, que faz parte da identidade do nosso país. Para ajudar a montar esse quebra-cabeça, foram necessários documentos, livros, mas também relatos, fotos, depoimentos. Além dos protagonistas, no caso os moradores da Sede de Colombo, quatro outros coadjuvantes foram fundamentais no desenrolar da trama dessa história.

A primeira é também italiana, calabresa, e conta com muita paixão a história de seu país. Apesar de ter estado no Brasil há três anos e ter vindo em condições completamente diversas da gente que abandonou sua terra há quase 130 anos, Raffaella Caira se identifica com o trajeto e o sofrimento dos imigrantes. “Nunca é fácil deixar uma terra,

não foi fácil para eles, não foi fácil para o segundo grupo de imigrantes que veio depois da Segunda Guerra, não foi fácil para mim, que vim para cá com uma outra condição”, emociona-se. “Nunca é fácil deixar aquilo que é seu, sua terra, seus amigos, sua pátria, mas eles tiveram que fazer isso porque era a única opção.”

Pesquisadora e professora de línguas, Raffaella estuda questões lingüísticas em Santa Felicidade, tema de seu mestrado: descobrir, afinal, que língua é aquela falada pelos descendentes: português, italiano, uma soma ou uma mistura dos dois?

O segundo, Fábio Machioski, é descendente de italianos de Colombo. Historiador, ele trabalha no departamento de Cultura do município, participa da Fundação Padre Alberto – grupo voltado à preservação da cultura italiana – e gosta de jogar Mora. Além disso, Machioski pesquisa o dialeto no município – tema de sua pós-graduação.

Já Luiz Ernani Fritoli é professor do departamento de Italiano da Universidade Federal do Paraná. Ele dá aulas de língua, literatura, e conhece a cultura italiana. Já morou na Itália por um ano e meio, e seus avós vieram de lá. Entende alguns tipos de dialetos, como o napolitano, o vêneto e o toscano, e é especialista na literatura italiana medieval, especialmente na obra de Dante Alighieri e Giovanni Boccaccio.

E, por fim, Giovanna Piffar, filha de italianos. Historiadora, fez seu trabalho de graduação sobre a alimentação dos imigrantes de Santa Felicidade – também vindos do Vêneto. Além de estudar a questão gastronômica da imigração, interessa-se pelos aspectos culturais relacionados à história de seus descendentes.

Apresentados todos os envolvidos, é hora de passar para a ação, ou melhor, para a história.

A Itália nas trevas

“Se você pensa que naquela mesma época na cidade de Chicago nos Estados Unidos estavam construindo o primeiro arranha-céu, e na Itália as pessoas ainda moravam nessas casas sem água, sem luz, sem serviços sanitários, então você tem uma idéia de como era a Itália do ponto de vista social naquela época”.

Raffaella Caira, pesquisadora.

A história da imigração italiana começa com a saída de um povo extremamente pobre – entre 1861 e 1887 – de um país paupérrimo, sem a menor infra-estrutura, condições de moradia, alimentação e higiene. Um país que, segundo Deliso Vila, em “Storia Dimenticata”, possuía um altíssimo índice de mortalidade: por ano, cerca de 40 mil pessoas morriam de malária e outras 100 mil de pelagra, e outras milhares de cólera. Um país no qual somente pouquíssimas pessoas possuíam o direito a voto – os italianos possuidores de renda; a grande população, em geral, comia carne apenas uma vez ao ano, morava em casas praticamente de papelão e vendia suas crianças – não só nas festividades com o Ferragosto, mas também para estrangeiros, o chamado “Mercato dei ragazzi”.

Condições tão difíceis faziam ser mais conveniente chorar a perda de um porco do que de uma criança: os altíssimos índices de mortalidade infantil – grande parte das crianças não passava dos 5 anos de idade – não assustavam tanto como a morte de um animal: “Se falava que era pior perder uma ovelha do que uma criança, porque a ovelha aportava alguma coisa à família, à sustentação da família, porque tinha leite, tinha carne. A criança era só uma pessoa a mais que precisava de comida”, lembra a pesquisadora Raffaella Caira.

Altos índices de analfabetismo também pioravam o quadro social da Itália: cerca de 80% da população era analfabeta e essa porcentagem se manteve alta até a Primeira Guerra Mundial – ainda em 1915, cerca de 50% da população italiana era ainda analfabeta, como ressalta a pesquisadora.

A unificação da Itália, ocorrida em 1861, propunha a reunião não só do território do Reino de Sardenha, da Lombardia, do Vêneto, do Reino das Duas Sicílias, do Ducado de Módena e Reggio, do Grão-Ducado da Toscana, do Ducado de Parma e dos Estados Pontifícios, mas também – e principalmente – de sete línguas, sete histórias, culturas diversas. Sete povos que permaneceram divididos desde o final do Império Romano, ou seja, cerca de 14 séculos, e que sofreram, é claro, as mais diversas invasões e dominações, e portanto influências. Dante Alighieri, em 1300, defendia e orgulhava-se da sua pátria, Florença, e com o mesmo sentimento de pertencimento e patriotismo, os italianos de 1861 se diziam calabreses, vênnetos ou piemonteses.

Como conta João Fábio Bertonha em “Os italianos”, as diferenças eram tão gritantes, em relação à língua, entre as regiões da Itália, que, professores do Piemonte foram confundidos com ingleses pela população da Sicília no final do século XIX. Apenas 2,5% da população falava o italiano na época da unificação. Todos os demais falavam os dialetos calabrês, napolitano, sardo... – que até então haviam sido suficientes para resolver todos os problemas de comunicação existentes. Mas, a nova nação precisava agora de laços comuns, de elementos culturais que realmente unissem os italianos na prática, que ajudassem os habitantes a se sentirem um único povo, tarefa extremamente complexa e cujos resquícios permanecem até hoje, pois como afirma Raffaella, “os italianos estavam unificados, mas não se viam como um país... e ainda hoje os italianos não se vêem como um povo único”.

A frase do pintor e escritor piemontês Massimo d'Azeglio, "Badate, l'Italia è fatta, ma non gli italiani", ou "A Itália está feita, mas não os italianos", reflete muito bem a situação, o sentimento dos italianos e os grandes desafios de lidar com sete povos na Península e resolver uma série de problemas políticos, sociais e econômicos. "A Unificação foi feita por pessoas que tinham um sonho, e que praticamente nem pensaram nos vários problemas que aquela Itália tinha.", continua Raffaella.

A imigração foi, na verdade, a solução para grande parte destes problemas. A grande massa da população – na verdade, 27 milhões de italianos que emigraram em praticamente um século, de 1875 a 1975 – estava perdida, isolada, à margem da nova nação que se formara. Não havia espaço para todos, não havia terra, trabalho nem condições de vida. A imigração aparece, então, como uma possibilidade, como uma resposta frente a todos os problemas, frente a um povo em busca de uma pátria e de países em busca de pessoas.

Parece história de novela...

"Ele era o mais velhinho da turminha, e a mãe fez uma polentinha, pôs dentro de um saquinho pra ele comer quando ele tava com fome. Ela levou ele – não sei quantos quilômetros ela andou – e disse para ele: 'Não olhe para trás e não volte porque você vai apanhar'. E levou num lugar lá que tinha gente que podia sustentar ele, porque eles não conseguiam sustentar. Eles faziam um filho atrás do outro, depois não tinham o que dar de comer. De tão pobre que eles eram. E aquele lugar onde eles moravam era muito pobre. Daí diz que ele sentou assim na frente de uma casa e ficou chorando – ele era piazote, né. Aí aquele homem saiu,

disse: 'Como é que você está aí chorando menino?'. 'A minha mãe veio aqui me perder, ela disse que não voltasse para casa por que eu ia apanhar'. 'Então entre'. E aí ficou com ele", conta Iracema Mocelin, sobre a saída do seu 'nonno', Angelo, da Itália.

A idéia de vir para o Brasil surgiu quando Angelo Strapasson, com 21 anos, começou a servir o exército italiano, e, influenciado pelos diversos navios que abandonavam porto de Gênova diariamente, resolveu embarcar para o Brasil. Na mesma época, seu pai biológico, batido pelo arrependimento, decidiu ir também ao porto, procurar o filho que havia abandonado. Além disso, um outro filho seu estava embarcando no mesmo navio, o que fez o pai pensar na possibilidade de rever o filho mais velho: "Aí, o pai dele disse: 'Mas eu não vi mais o meu filho, eu não escutei mais falar dele, eu vou lá no navio que tá levando os imigrantes para o Brasil para ver, se às vezes, ele não está inscrito lá'. Ele sabia o nome dele certo, né. E ele ficou esperando, porque vieram muitos para o Brasil. Diz que quando ele escutou Angelo Strapasson não sei do que lá, o meu bisavô foi lá disse 'Meu filho', ele disse 'Saia daqui que você não é meu pai, você mandou me perder'.

No navio, Angelo encontrou o irmão, e vieram juntos para Colombo. "Não vê essas histórias dessas novelas dos italianos? Eu acho que tem muito disso no meio", conta dona Iracema.

Tanto o Norte como o Sul da Itália contribuíram, quase igualmente, com o número de imigrantes: 46% e 43% respectivamente, sendo menor a participação da Itália Central. A região do Vêneto, no Norte da Itália, foi responsável por cerca de 30% dos imigrantes, principalmente no período anterior a 1895, quando de dois italianos que chegavam ao Brasil, um era venetense.

Destino: América ou Brasil, “il paese della cuccagna”.

“America America
si campa a meraviglia
andiamo nel Brasile
con tutta la famiglia
America America
si sente a cantare
andiamo nel Brasile,
Brasile a popolare.”

”América América
se vive que é uma
maravilha,
vamos para o Brasil
com toda a família.
América América se ouve
cantar,
vamos para o Brasil,
Brasil a povoar”

O termo “cuccagna” significa “sorte” em dialeto vêneto, e desde a Idade Média, muitos escritores descrevem um país imaginário paradisíaco, intitulado “Il paese della cuccagna”. O texto mais famoso, talvez, seja o *Fabliau de Coquaigne*, da metade do século XIII, que narra um lugar onde “as casas são feitas de peixe, de salsicha e de outras coisas apetitosas. Os gansos gordos vão se enroscando nas ruas, assando-se sozinhos, acompanhados do tempero, e as mesas estão sempre arrumadas abundantemente, com todas as iguarias, das quais cada um pode se servir livremente, e comer o que melhor lhe agrada, sem nunca pagar um tostão. Para beber corre um rio, o qual é meio de vinho branco e meio de vinho tinto. Nessa terra o mês é de seis semanas, e se celebram quatro páscoas, e quadruplicadas são as demais festas principais, enquanto a quaresma é feita apenas uma vez em cada vinte anos. O dinheiro é encontrado como pedras pelo chão; mas não há necessidade, porque ninguém compra ou vende, tudo o que é necessário para a vida se tem de graça. As mulheres que estão lá, não pedem nada além de fazer o prazer dos outros, e existe a fonte da juventude.”

Esse paraíso na terra, onde a comida é abundante, se consegue tudo de maneira fácil, não há trabalho, não há pobreza, nem sofrimento já vinha sendo idealizado desde a Idade Média e se intensificou com a ‘descoberta’ da América. A terra das oportunidades, o Novo Mundo já visitado por Colombo, Vespucci e Cabral e que, desde 1492 mexia com a cabeça dos europeus, fez também parte do imaginário do imigrante.

Fábio Machioski confirma a idéia de um “país da sorte, da fortuna”, no qual a chegada seria como tirar a sorte grande, como encontrar o pote de ouro no final do arco-íris. “É mais ou menos esse mito. Então passava pela cabeça deles é que eles iam encontrar árvores que dessem salame, vacas que o queijo saísse pronto.. então é algo do imaginário, que teria rios de vinho.” A situação em que se encontravam justificava a ânsia por melhorias, por uma vida digna com condições minimamente razoáveis.

Não só o imaginário do imigrante estava presente no momento de imigrar, mas também a propaganda da imigração, feita pelos governos da Itália e dos demais países e também pelas companhias de navegação.

Mar e céu

“Mar e céu!

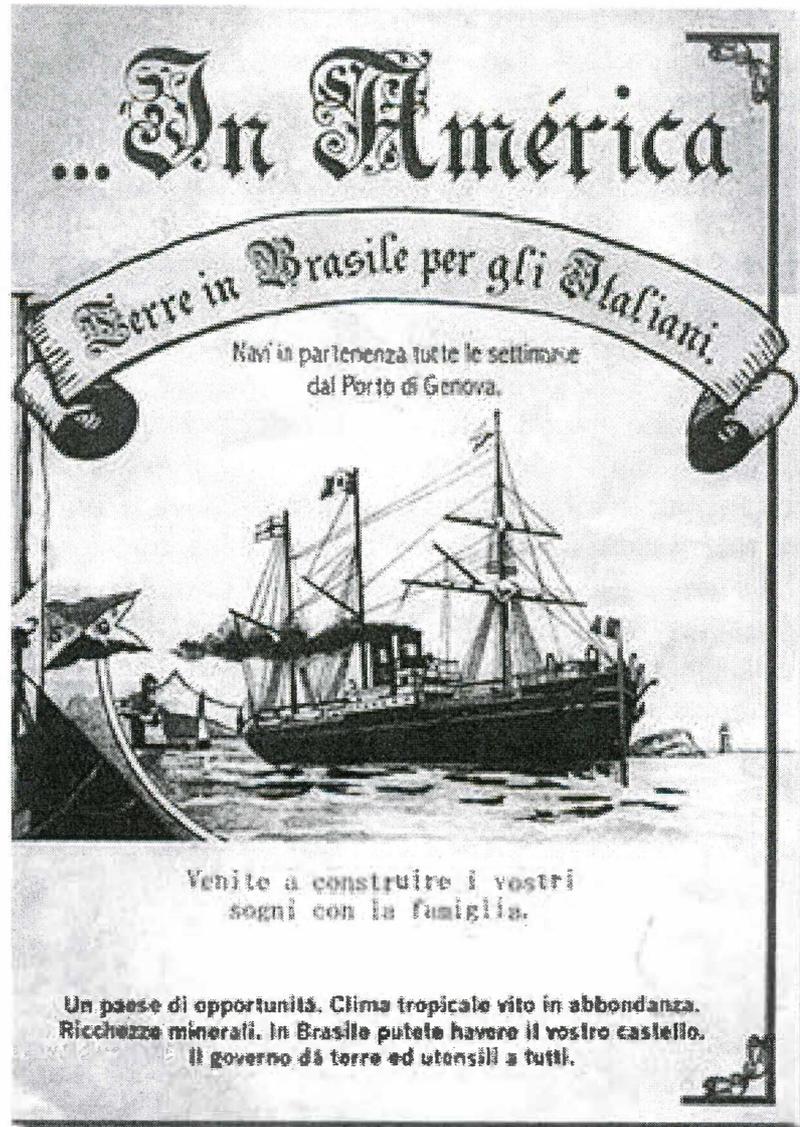
Quem é que, tendo atravessado o Oceano, dirigindo-se verso o desconhecido, não sentiu toda a profunda tristeza e ao mesmo tempo a fascinante poesia daquele azul que se estende em todas as partes ao redor, infinito?

É uma das cenas mais potentes que a natureza possa oferecer ao olhar do homem; uma cena que imerge um êxtase estranho, que dá uma ânsia assustadora do desconhecido, obsessão agonizante do além”

O trecho acima, de “Italia d’oltre mare: impressioni e ricordi dei miei cinque anni di Brasile”, escrito por Alfredo Cusano que embarcou no navio Anna Pizzorno em 22 de dezembro de 1874 rumo ao Brasil, descreve bem a sensação partilhada pela grande massa de italianos que embarcava, diariamente, nos portos de Gênova ou Nápoles, com destino à América. O medo do desconhecido era intensificado, certamente, pela viagem sem paradas e pelas más condições encontradas nos navios, apesar das propagandas pregarem o contrário.

Nos cartazes das principais companhias, como da “Navigazione Generale Italiana”, “La Veloce”, “Lavarelli”, “Navigazione Italo-Brasileira”, “Italia”, “Schiaffino Solare” viam-se suítes chiquérrimas, espaçosas, com ótimas instalações, situadas em um navio lindo, moderno. Um cartaz da Navegazione Generale Italiana, da Itália com destino à Nova Iorque exibia em tons pastéis o mar calmo e o céu azul.

Tais condições não correspondiam nem de longe à realidade, pelo contrário: contrastavam diretamente com os altíssimos índices de mortalidade constatados durante as viagens, por fome, varíola e até asfixia.



*Cartaz da propaganda de imigração: convida os italianos a construírem os seus sonhos no Brasil – o país das oportunidades, onde se pode ter um castelo.
Fonte: Arquivo público Municipal – Bento Gonçalves*

“Uma luz artificial, fraca, era tudo o que havia para iluminar o porão; nem a mais leve brisa do mar chegava até ali para atenuar o calor sufocante.

(...)No segundo dia de viagem já não havia onde pisar. Poças de vômitos espalhavam-se por todo lado. O navio jogava demais e a maioria dos passageiros enjoava. Argia Fagnoni Gattai estava sempre entre os que mais sofriam. Não conseguia alimentar-se, vomitava o que já não trazia no estômago. Com o correr dos dias a situação dos Gattai foi se agravando: grudada nos peitos da mãe – ora num, ora noutra – Hiena só os largava para reclamar, chorando desesperadamente (...). Ninguém dormia com o pranto doloroso da menina, mas ninguém reclamava.

Um médico do grupo chegou-se, aproximou-se e sem examinar a criança diagnosticou: fome. (...) Havia quanto tempo viajavam? Quando chegariam?”

O relato, feito por Zélia Gattai, neta de Argia Fagnoni Gattai, em “Anarquistas, Graças a Deus!”, revela sofrimento do grupo embarcado no navio Città di Roma, em 1890, com destino ao Paraná. Formado por 150 pessoas, entre elas Giovanni Rossi, que com o grupo de pioneiros fundaria, no mesmo ano, a colônia anarquista Santa Cecília, em Palmeira – perto de Ponta Grossa, PR. Nem a Colônia Cecília sobreviveria muito tempo, nem sobreviveu a menina Hiena: morreu logo que desembarcaram no Brasil, desnutrida.

A bordo do Città di Roma, eles viajaram 21 dias de Gênova até o Rio de Janeiro, tempo comum das travessias dos navios a vapor; sendo a superlotação muito corriqueira: geralmente, os navios desembarcavam dos portos de Gênova ou Nápoles com o número de passageiros três vezes maior do que a sua capacidade máxima. O que, somado à pouca variedade de alimentos e à falta de higiene, facilitava

a proliferação de doenças. Normalmente, os imigrantes ficavam nos porões, amontoados nos assoalhos, muitas vezes alimentados com comida podre. “As crianças e os velhos morriam todos os dias, eles eram tratados como bichos”, impressiona-se Raffaella. Os corpos dos mortos eram jogados no mar, fato que até hoje choca os descendentes dos imigrantes, sendo uma das primeiras coisas que lembram quando questionados sobre as histórias do navio: “E sabe o que acontecia quando alguém morria?? Jogavam no mar!”

Além disso, a maioria dos entrevistados de Colombo guarda, dos relatos dos “antigos”, uma horrível impressão da viagem de navio. São poucos os que imaginam uma viagem tranqüila e feliz, como Paulino Francisco Gasparin, seu Pauletto, que conta a viagem do navio como uma festa: “E diz que vinham cantando, bebendo vinho e jogando mora”. Walfrido Bonato, o seu Frideto, já tem uma lembrança mais triste: “Minha vó contava que eles vieram no navio, sofreram, 36 dias de navio, 36 giorni, sofreram bastante.”. Seu Bibi Busato confirma a versão do amigo: “Meu pai não veio da Itália, mas diziam que levava um mês para vir de lá. Demorava, não tinha avião não tinha nada. Eles falavam que lá era uma tristeza, não tinha comida, sofriam fome lá na Itália.”

O relato de dona Bernadete Lovato talvez seja o mais chocante: primeiramente, Eugenia, a esposa de Giocondo D’Agostin, grávida, perdeu o filho na viagem, que foi jogado no mar. E depois o navio pegou fogo. Como transportavam ouro, já que a família D’Agostin tinha posses na Itália, acabaram perdendo tudo no incêndio, inclusive as roupas. “A roupa dele tinha queimado, ele ficou sem roupa. Daí ela, ela usava aquelas saias grandes, teve que fazer uma calça para ele com a saia dela. Imagine!”, lembra-se. “Daí quando estavam chegando no porto, o capitão não sabia o que podia acontecer porque eles não tinham mais a bandeira. Parece-

me que eles tiveram que se ajoelhar de mãos erguidas para explicar o que tinha acontecido”, conta impressionada.

Propaganda enganosa

“Os agricultores canadenses vivem mais ricamente que os franceses e os belgas. Entre eles não se encontram casas cobertas de palha com o pavimento de terra e o adubo amontoado em frente à porta.” Mas e os lobos? “Muito menores daqueles da França e não fazem nunca mal a ninguém.” Os invernos? “Faz 30 graus a baixo de zero, mas “é a estação dos negócios, das visitas, das noitadas”. E a neve? “Dá menos trabalho que a europeia”. De fato, “no Canadá ela é seca e portanto não molha, protege o solo e o fecunda...”.

Não só a publicidade dos navios, mas os cartazes das propagandas “chamando” os imigrantes para os países americanos foram também grandes responsáveis pelo fascínio e pela atração dos imigrantes pelas novas terras. Era chamada “Missão de Propaganda para a Expansão Econômica do Brasil na Europa”. Propagandas como a transcrita acima – um manifesto do governo canadense de 1901 – atraíam e traziam cada vez mais imigrantes para a América, em busca de um recomeço. Nem que para isso fosse necessário criar um novo tipo de neve, uma nova espécie de lobos – pequenos, mansos! – e uma outra realidade.

No caso do Brasil, mais especificamente do Paraná, os cartazes e folders distribuídos na Europa falavam não só da terra, mas pintavam habitantes dóceis, tolerantes e dispostos a ajudar, como mostra o documento “Das Memórias”, do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, no livro

de Sebastião Ferrarini “A imigração italiana na Província do Paraná e no Município de Colombo”:

“Província do Paraná

“...Encerra em profusão todos os elementos naturaes para ser facil e convenientemente colonizada, pois, seo clima é ameno e saudavel, suas terras demasiadamente ferteis prestando-se a todos os generos de cultura e seo territorio é cortado em diferentes sentidos por volumosos rios.

Não está sujeita a secas prolongadas porque dispõe de um sistema fluvial bem alimentado e perfeitamente distribuido, nem a inundações perigosas graças a excelente conformação dos leitos de seos rios e a natureza favoravel dos terrenos por onde correm.

Nas zonas mais frias caem frequentes geadas durante o inverno, não ofendendo as plantações porque raríssimas vezes são extemporaneas.

A índole de seus habitantes é dócil, recebendo eles de braços abertos os emigrantes estrangeiros que buscam a província familiarizando-se logo com seus hábitos, tolerando seos preconceitos e auxiliando-os franca e sinseramente”. (Doctº “Das Memórias”, do Arquivo Nacional – Rio)

Porém, como poderemos perceber, o Brasil, de “cuccagna” nada apresentava no início, e no Paraná, mesmo encontrando terras férteis, os imigrantes encontraram simultaneamente inúmeros problemas de adaptação.

Logo que chegavam ao Brasil, os italianos desembarcavam dos navios e, depois de passarem pela inspeção e registro – na maioria das vezes na Ilha das Flores ou no porto de Santos – seguiam, em vapores ou em navios menores, para outras partes do país. No caso do Paraná, navios levavam os imigrantes para o porto de Paranaguá, de onde posteriormente seguiam para Antonina e Morretes.

O Paraná, na época, era pouco maior do que Colombo hoje: possuía 126.722 habitantes, de acordo com o Primeiro Recenseamento Geral feito em 1872. Era uma província recém-emancipada, pois desde 1853 havia se separado de São Paulo, e estava em grande desenvolvimento: em 1884 já possuía quase o dobro da população, 249.491 habitantes. Porém, ainda possuía dois terços do seu território coberto por mata virgem. A economia era baseada na agropecuária, em especial na erva mate e na extração do pinho – atividades que seriam realizadas, em sua maioria, por imigrantes.

Foi entre 1869 e 1875 que, com o início da entrada de imigrantes italianos, as colônias, em parceria com os demais grupos de imigrantes citados acima, começaram a se desenvolver. As colônias Argelina, Pilarzinho, São Venâncio, Orleans, Santa Cândida e Abranches, nos arredores da capital, mesmo com o prevaecimento de poloneses, já continham uma população considerável e crescente de italianos.

A fundação da colônia Alexandra, em 1875, em Paranaguá, também representou um marco importante na fixação dos imigrantes italianos no Paraná. O grupo pioneiro, de 50 famílias, foi liderado pelo napolitano Sabino Tripoti, encarregado pelo imperador de fundar a primeira colônia inteiramente italiana do Paraná no município de Paranaguá. Alexandra prosperou, porém, devido ao clima quente e aos problemas administrativos com o repasse do dinheiro dado pelo governo – “porque na cabeça do Sabino Tripoti era assim: ele achava que pelo porto estar ali tudo que eles produzissem eles iriam escoar pelo porto e ia formar uma grande agroindústria, podendo exportar, o que não aconteceu” – muitas famílias preferiram subir a serra, fixando-se em Curitiba e nas colônias adjacentes.

Em 1877 ocorre a fundação da colônia Nova Itália no litoral paranaense, englobando os territórios dos municípios

de Morretes e Antonina, com 12 núcleos coloniais: Entre Rios, América, Sesmaria, Rio do Pinto, Cari, Marques, Ipiranga, Rio Sagrado, Turvo, Zulmira, Cabrestante, Sítio Grande. A principal função da colônia Nova Itália era receber os imigrantes italianos que, chegavam em peso ao Paraná, em número maior em relação aos outros grupos.

Foi na colônia Nova Itália que grande parte das famílias de Colombo se fixou primeiro, vivendo meses difíceis: dirigindo inúmeros abaixo-assinados para o governo com queixas relativas à alimentação, alojamento, distribuição dos lotes. Até o momento em que a situação se tornou insustentável, e a única maneira foi sair à procura de terras e condições de vida melhores.

Finalmente Colombo – ou Butiatumirim

A viagem deve ter sido dura, e de carroça, com a ajuda de animais até a então “Curityba”, e, de lá, até Butiatumirim, terreno localizado à 23 quilômetros da capital. Chegando aos poucos, de semana em semana, eles fugiam do clima quente e úmido, dos insetos e demais bichos do litoral, e da pobreza que viviam na colônia Nova Itália: existiam, ali, mais de 800 famílias morando em condições miseráveis, “ocupadas apenas em comer o pão que lhes dava o governo”, de acordo com relatórios imperiais da época.

À frente dos grupos de imigrantes italianos vindos do Vêneto que deixaram a Nova Itália estava padre Dom Angelo Cavalli, capelão na dita colônia. Responsável pelo assentamento de dois mil italianos no Paraná, o padre Cavalli era considerado um revolucionário, justamente por instigar os italianos a emigrarem, como diz Fábio, “a deixarem o seu ‘paese’”. Foi o que fez com o grupo de imigrantes de Colombo, trazendo-os do “Canal del Brenta”, região veneta

que engloba diversas cidades às margens do rio Brenta, para o Brasil, e posteriormente da Nova Itália para Curitiba. Ali, alguns rumaram para as então colônias Dantas (bairro Água Verde) e Santa Felicidade; e outros para os núcleos coloniais dos arredores. O grupo vicentino saído do “Canal del Brenta” se fixou em Butiatumirim durante o ano de 1878; em setembro do mesmo ano seria oficialmente fundada a colônia “Alfredo Chaves”.

No dia 04 de janeiro do ano seguinte, os curitybanos e todos os demais habitantes da Província do Paraná podiam ler nas páginas do Dezenove de Dezembro a notícia da emancipação da Alfredo Chaves:

“No dia 4 do corrente realizou-se a emancipação da colônia Alfredo Chaves, fundada em setembro do ano findo, procedendo-se nessa ocasião a distribuição dos títulos provisórios dos lotes de terra dos colonos. Situada a 23km desta capital, assenta em terrenos de grande fertilidade. Conta com 80 lotes, sendo 40 urbanos e 40 rurais; formando os primeiros a povoação, que se denomina – Alfredo Chaves, composta das ruas Therezio, Antunes, Limoeiro, Chalréo e Torres. Ocupa a colônia a área total de 4.847.970 metros quadrados.



*Itália Dallazzuana Chemin e João Chemin,
pioneiros de Colombo.
Acervo Departamento de Cultura de Colombo.*

Sua população é de 162 pessoas, sendo 48 homens, 42 meninos, 42 mulheres e 30 meninas (...)

Eram apenas quatro as ruas da recém-emancipada colônia: rua Antunes, rua Chalréo, rua Therezio e rua Torres. Quase 130 anos depois, o historiador Fábio se impressiona com as ruas e os bairros da atual Colombo, que se baseiam nos antigos: “os terrenos urbanos e o centro da cidade hoje é o mesmo!”

Outras famílias de imigrantes se reuniram ao grupo mais tarde, saídas de outras colônias ou apenas desembarcadas no Paraná.

Foi o caso de Giacomo Lovato, que chegou ao Brasil em 1879 com a família, e, depois de ficar alguns meses em Morretes, na colônia Nova Itália, resolveu subir para Curitiba, e posteriormente para Colombo. “Lá, devido ao clima, não se acostumaram, não podiam dormir, ficaram doentes, (...) então vieram pra Curitiba, levaram três dias, no lombo de burros, e chegando ali, arrumaram barracões improvisados, ficaram de cinco a seis meses”, conta Bernadete Júlia Lovato D’Agostin, bisneta de Giacomo. Ela se lembra da história contada por seu avô e repetida pelo pai, dos barracões que ficavam perto da praça Tiradentes, em uma Curitiba então pequena. “Diz que não tinha mais de 50 casas”. Depois, por decisão do governo, foram para Butiatumirim, e ali, como continua Bernadete, “começaram a derrubada de árvores, capoeiras, árvores grandes, coisa difícil para eles porque eles não estavam acostumados assim. Para começar na agricultura.”

De fato, em Butiatumirim, os italianos iriam se deparar com as famílias de ‘bugres’, de portugueses, índios, negros e espanhóis que já povoavam a região, e com um vasto terreno a ser desbravado. Repleto de araucárias, pinheiros e de rochas calcárias, que seriam responsáveis por

grande parte da produção econômica do município até os dias de hoje.

Dos 80 lotes, metade eram os chamados 'urbanos', e os outros 40 os rurais ou 'rústicos'. Apesar da divisão, diversos imigrantes ficaram sem terras, tendo que fazer pedidos oficiais para requerer seu lote. E tiveram, muitas vezes, seu pedido negado, como no caso do colono Pedro Cavalli, que requereu "um lote de terra na colônia Alfredo Chaves, onde acham-se estabelecidos todos os seus parentes, porém, não existindo mais lotes vagos, e o suplicante querendo estar junto dos mesmos, vem, por isso, pedir a V. Ex^a se digne a mandar comprar um terreno que oferece à venda Manoel Theodoro Gonçalves, o qual se acha anexo à mesma colônia e junto ao lote de seu primo e demais parentes". Em 23 de junho de 1879, chega o indeferimento: "Ao suplicante pode ser dado um lote vago em qualquer colônia".

O lote não era na verdade 'dado' no momento da chegada – como acreditam muitos descendentes até hoje – e sim dividido em diversas prestações, sendo que os colonos demorariam muito tempo para pagar a dívida total. O fato é comprovado pelos certificados dos lotes, que contém os nomes dos proprietários – Gabriel Strapasson, João Maschio, Iacob Toniolo, João Cecon, Pedro Cavassin, Liberatto Cavalli, João Mosselin, Gerolamo Cavalli –, o tamanho do lote (tanto o 'rústico' como o urbano), o tamanho em braçadas, o valor da braçada, o valor da casa, a importância total, o valor pago e o débito. A grande maioria foi paga apenas em 1900, ou seja, 22 anos depois da chegada; em outros não consta a indicação do pagamento.

Nunca mais se teve nenhuma notícia do padre Angelo Cavalli. No mesmo ano da chegada de Giacomo Lovato ao Brasil, 1879, a sua mãe, Antonia Cavalli, requereu ao presidente da Província do Paraná uma ajuda de custo para manter sua família. Moradora da Alfredo Chaves, "depois da

morte de seu filho, Dom Angelo, e outras funestas desgraças”, ela pedia um “auxilio qualquer” para sustentar uma filha ainda adolescente. O pedido foi indeferido.

A morte do padre Cavalli até hoje é um mistério, pois não se sabe se o capelão morreu em Morretes – na Nova Itália – ou em terras colombenses. Seus descendentes, porém, permaneceram na Alfredo Chaves e a família Cavalli está em Colombo até hoje.

Precariedades

- Mas será que essas italianas são tão ruins que não dão nada pros pobres comerem?

- Pois eu acho que sim, eles vêm aqui todo dia pedir alguma coisa!

- É, hoje levaram mais uma galinha!

A fama das mulheres italianas serem más e deixarem os maridos morrerem de fome era propagada pelas ‘caboclas’ da região, pois freqüentemente os homens procuravam as brasileiras para pedir algum alimento, um animal para fazer alguma comida. Machioski conta que as brasileiras achavam que as italianas não faziam comida para os maridos. “Mas era porque realmente não tinha, não tinha galinha, não tinha criação ainda, não tinha milho, não tinha nada, ia fazer comida com o que?”, pergunta-se. Era necessário pedir o alimento nessa primeira fase – e sempre os homens fazendo este papel, já que “o orgulho da mulher italiana também não deixava ela ir pedir, o homem ia pedir o alimento”, acrescenta.

Além da dificuldade com a alimentação, os imigrantes sentiam imensa falta de uma igreja e de uma escola. Instalados em um barracão de madeira – um rancho de 27 metros por 7 metros – muitos esperavam a construção de 40

casas que haviam sido prometidas pelo governo. As casas, porém, apresentaram um considerável atraso de construção. Muitos colonos residentes no barracão da nova colônia se rebelaram, usando as madeiras do estado para construírem, por si mesmos, suas moradias e as duas casas que dariam origem à capela e à primeira escola do município. O fato é relatado no jornal Dezenove de Dezembro de 23/01/1879:

“Remetto a V. S. a inclusa relação dos colonos italianos estabelecidos na colônia Alfredo Chaves, que se apoderaram de diversas madeiras pertencentes ao Estado e existentes no barracão daquela colônia, afim de V.S. ordenar que seja determinada a cada um dos ditos colonos no que houverem de receber a importancia constante da relação acima mencionada”

Depois da escola, o pedido dos imigrantes foi de um moinho, em 1880 – indeferido pelo então ministro da Agricultura e de Obras Públicas do império, Manuel Buarque de Macedo. Apesar da recusa, no início do mesmo ano, Francisco Busato fundaria o primeiro moinho de fubá do município, o que representaria um grande impulso para a indústria da região – e para a tradição alimentar também.

Aos poucos, outras colônias foram sendo formadas: Antônio Prado, em 1886, colônia mista de italianos e poloneses; Presidente Faria, no mesmo ano, mistura de trevisanos, vicentinos, padovanos; em 1887, a Maria José (correspondente hoje à Quadro Barras), colônia pequena de 13 lotes que acabou sendo anexada à colônia Faria; e em 1888, a Euphásio Correia, correspondente ao bairro do Capivari hoje, formada basicamente por trevisanos.

“Porque imagine, eles guerreavam lá na Itália!”, conta Machioski sobre os italianos vindos para a Alfredo Chaves que eram todos do norte, mas de regiões diversas – que inclusive disputavam territórios entre si na época. Trento

pertencia ao Império Austro-Húngaro, e o Vêneto à Itália – e eram regiões que faziam fronteira, para piorar a situação. “No Vêneto eles pegavam os jovens para ir lutar contra esses trentinos, contra os austro-húngaros na verdade.”, explica o historiador, que atribui à guerra e às diferenças culturais o motivo dos habitantes da Alfredo Chaves e da Antonio Prado não se misturarem. “Então o povo daqui demorou para se misturar, eles casavam os furlanos (friulanos) com os furlanos e os vênnetos com os vênnetos. Dentro de 10, 15 anos, depois eles começaram a se misturar”.

Havia na época só um carreiro que comunicava as colônias Alfredo Chaves e Antonio Prado, o que também limitava o contato. “Depois que abriram a estrada o contato ficou maior porque eles começaram a casar entre eles.”

Questão de nome

Colombo demorou muito para ter este nome. Depois de Butiatumirim e Alfredo Chaves, Vila Colombo foi o terceiro nome da região, em homenagem ao descobridor da América Cristóvão Colombo, por meio de Decreto nº 11, em 8 de janeiro de 1890, já no Governo Provisório Republicano. Após menos de um mês, em 5 de fevereiro de 1890, foi instalado o Município de Colombo. Em 4 de julho de 1932, pelo Decreto Estadual nº 17, o município passou a denominar-se Capivari. O nome foi extinto rapidamente, e em 9 de agosto de 1933, com o Decreto nº 1831, voltou a denominar-se Colombo. Em 20 de outubro de 1938, de acordo com o Decreto Lei Estadual nº 7573, o município foi extinto, sendo então anexado ao de Curitiba. Voltou a ser autônomo em 30 de Dezembro de 1943, com o Decreto Estadual nº 199.



*Família Cavassin: imigrantes pioneiros na
colônia Alfredo Chaves.
Acervo Departamento de Cultura de Colombo*

“Começaram a extração da erva-mate, foram aprendendo com os que moravam aqui..trabalharam também com serrarias, com madeira, tinha operários, que dava emprego para eles” Bernadete Lovato.

De depois de terem chegado, se instalado; depois de requeridos e recebidos todos os lotes; de resolvidos os problemas de escola, de capela e de pedidos os primeiros alimentos para as caboclas da região, era então hora de começar “laorà”.

Os italianos podem ter muitos defeitos, mas são bons trabalhadores – como diz a pesquisadora Raffaella – e os imigrantes da Alfredo Chaves rapidamente começaram a desenvolver diversos tipos de atividades, sendo a erva-mate uma das primeiras categorias de negócios encontrada por eles. Desde 1820 já existia a produção da erva no Paraná, principalmente nas regiões de Morretes e Antonina, embora a extração da erva-mate seja muito mais antiga: os índios já a extraíam e produziam artesanalmente.

Porém, com a chegada dos imigrantes italianos, a indústria passa por modificações: foi acrescentada a barrica de madeira no momento de embalar, o que permitiu a exportação aos países vizinhos (Argentina, Uruguai, Chile).

“A infância? Nem te conto que bom que era! (risos)”, revela contente dona Síría (Alberti Moraes), sobre o que mais lembra da época de menina: a serraria e a colheita da erva-mate com o seu pai, Domingos Alberti. “Meu pai tinha uma serraria e tirava erva, eu andava em cima dos cavalos, das carroças, era muito legal. Tinha todos os equipamentos, os

cavalos que moíam a erva, eu ensacava a erva, eu costurava os sacos para o meu pai”. O destino da produção era o da maioria dos ervateiros da região: a empresa Leão Júnior (Mate-Leão). Para levar a erva, é claro, o meio de transporte mais comum da época: a carroça. “Ele levava de carroça, atééé Curitiba, até uma altura lá... depois carregava o caminhão. E pra Mate Leão”.

Além da erva-mate, as serrarias foram um dos primeiros ramos procurados pelos imigrantes – já que, como diria dona Síría, havia “muuitas árvores na região”, principalmente o pinho, usado na construção de casas e móveis. Diversas serrarias funcionaram em diferentes épocas e locais, como a Serraria Albino Gonçalves Guimarães e Serraria Júlio Cunha, ambas funcionando na época da inauguração da colônia Presidente Faria; e a Serraria Sebastião, Serraria Ferrarini e a Serraria São Jorge, ativas até hoje. Mas, a de Francisco Busato, foi a única instalada no centro, ainda na colônia Alfredo Chaves.

Francisco Busato já trabalhava com madeira na Itália, antes de pensar em emigrar para o Brasil. “Porque meu avô, na Itália, era madeireiro. E lá contaram que aqui tinha muita madeira. Então ele disse para os que vieram: ‘Se de fato tem madeira lá, me escrevam que eu vou pra lá’. E aqui era tudo mato, tudo pinhal, pinheiro um atrás do outro”. E ele veio mesmo, “com seis contos de réis”, conta seu José Busato.

Aqui, Francisco Busato construiu o açude e o tanque Tumirin, e ainda montou a serraria, dando emprego para muitos imigrantes: “Ele montou a serraria ali e deu serviço para todos que vieram, um trabalhava no mato, fazer tora; o outro com o carretão, puxar a tora, o outro dentro da serraria e foi indo assim”.

Seu irmão mais velho, Evaristo Busato, que completou 97 anos no dia 28 de abril de 2007, é considerado o morador “mais antigo” da sede. Sempre com um sorriso no rosto, seu Evaristo ri não só quando conta causos de portugueses, mas

também quando fala de morte. “Uma brincadeira ou outra faz parte, né?”. Ele confirma a existência da serraria hidráulica, tocada à água: tinha madeira à vontade, “serravam os pinheiros naquele tempo”.

“Mas depois Francisco Busato acabou com a serraria, porque a madeira já ficou difícil e aí montou a fábrica de louças.”, continua seu José.

Sonho de vidro

Era uma noite do ano de 1926. O ambiente tranqüilo e silencioso de Colombo foi invadido pelo sons dos sinos, que começaram a tocar sem parar. Carolina Ana Cavalli Busato acordou sobressaltada, assim como todos os moradores da Sede. A fábrica de louças que seu pai trabalhava estava pegando fogo. “Quando escuto o sino tenho ainda aquilo na cabeça. Tocava o sino sem parar, e daí correu quem trabalhava, porque só lá que eles ganhavam, né. Tudo correu para ajudar, juntar água do tanque Tumirin para apagar, mas não conseguiam”.

O esforço dos moradores, que corriam e traziam baldes de água do tanque, não adiantou. Junto com o desespero, o barulho era altíssimo, pois todos os materiais de porcelana, tonéis, jarras, estouravam. “Era um estouro né, porque estourava tudo, os galões de tudo que tinha, uma tristeza. Todo mundo trabalhava ali, de uma hora para outra ficou todo mundo sem serviço”, conta José Busato, na época com dez anos.

“Eu me pergunto até hoje porque a fábrica pegou fogo”, questiona Angela Mottin. A “Fábrica Colombo”, de louças, de propriedade de Francisco Busato, havia sido fundada em meados de 1880, ainda na colônia Alfredo Chaves. Foi a primeira do Brasil a produzir louça artística e

passou por um grande desenvolvimento, do período chamado amadorístico para o automatizado. Na primeira fase, a equipe, ainda experimental era italiana: Righetto (pintor) e João Ortolani (decorador), Arcanjo Simoneto e José Pavim (torneiro) e Borsello (fornheiro). Em 1897, Zacarias de Paula Xavier entra como sócio, e a fábrica passa por grande modernização: são chamados novos pintores (Germano Felsner e E. Egelhardt), novas máquinas são implantadas e a marca da porcelana passa de “FB” para “Z”. Devido à grande produção, de 1921 a 1926 a qualidade da cerâmica cai, e Max Schögel, técnico, é chamado para resolver o problema.

Para seu José Busato, a queda na qualidade da louça foi proposital, já que seu avô era leigo, e “não entendia nada, nada”. Francisco Busato chamou os técnicos da Alemanha, porém, eram “muito espertos”, e queriam pressioná-lo para vender a fábrica. “Então eles começaram a estragar toda a louça. E meu avô quando viu que a coisa ia mal vendeu. Eles compraram, e botaram a fábrica no seguro. Quando fazia seis meses que a fábrica estava no seguro, botaram fogo na fábrica. Queimou tudo.”

Dizem ainda que 500 mil réis foram pagos para a fábrica ser queimada. Seu José aposta que foi o guardião da fábrica que queimou, a mando de um dos técnicos da Alemanha, para pegar o seguro. Angela, por sua vez, acredita ter sido alguém que não gostava de Zacarias de Paula: “Deve ter sido o esquema de algum funcionário que não gostava do Zacarias que acabou colocando fogo”.

Quando Evaristo Busato, ainda jovem, começou a trabalhar na fábrica de louças Fontoura & Cia, a fábrica do seu avô já havia queimado. Fundada em 1922, por Rodolpho Castagnoli, Alfredo Puppi e Francisco Fontoura, a “Fontoura & Cia” empregava de quarenta a cinquenta operários, e ocupava mais de 3.800 metros quadrados. “Trabalhei lá dois, três anos. Trabalhava um salarinho vagabundo lá dentro,

naquele tempo o dinheiro valia né, trabalhava lá numa base de dois três mil réis por dia.”

Panelas e afins

“Parece que eu tô vendo aquilo correndo assim, e eles virando com a mãe, mas saia tão perfeito, tão lindo aquilo!”, lembra-se Sarita (Elisa Maschio) das peças em barro feitas na Fábrica de Louças Munari – que existiu em Colombo na mesma época da “Fontoura & Cia” e da da Fábrica de Louças Puppi.

Dona Iracema Mocelin se lembra bem da Munari, pois ela pertenceu ao seu sogro Anselmo Pavin, e aos sócios Pedro Pavin – Pânega e Chico Bonato. Ficava onde atualmente é o Colégio Estadual Abraham Lincoln – no final da Rua XV: “Ele (sogro) tinha a fábrica de barro, ele fazia as coisas de barro, tigela, de tudo ele fazia. Eles colocavam a louça lá na loja Colombo que ficava na praça Tiradentes. Toda semana levavam com a carrocinha, não tinha o que ele não fizesse”. Ela lembra-se das panelinhas que usava para brincar de casinha, e da panela de barro, “minha mãe gostava de cozinhar o frango naquela!”.

Os três donos costumavam ir freqüentemente no armazém da família Lazarini – localizado ‘no meio’ da Rua XV. “Quando eles vinham da fábrica para almoçar, eles tomavam um copinho de pinga cada um e iam embora”, conta Sarita (Elisa Maschio). “E na hora que voltavam de lá para a janta, eles paravam e iam jogar uns ‘botche’ lá e tomar mais umas pingas e de repente viam as mulheres buscar eles, tinham que sair correndo!”, complementa sua irmã mais velha, Maria de Lourdes.



*Depósito da fábrica de louças Munari – 1912
Acervo Departamento de Cultura de Colombo*

A fábrica Munari foi então transferida para o bairro do Boicininga, e no seu terreno fundada a primeira fábrica de vidros de Colombo. Inicialmente administrada por um alemão, em 1930 a indústria é comprada por Vitório Brunor, que a manteve em funcionamento em Colombo até 1943, ano que a transferiu para Curitiba, dando origem à Aurora – Cristais e Vidros, em funcionamento até os dias de hoje.

Além da Brunor, a fábrica de vidros Busato, instalada também no mesmo terreno do tanque Tumirin – localizado na rua de mesmo nome do proprietário – Francisco Busato – empregava muita gente.

Dona Iracema foi trabalhar lá quando tinha 17 anos, e cortava de cinco a seis mil copos por dia, durante os quatro anos que ficou na Busato. E que expectativa para conseguir o primeiro emprego “oficial”! Até promessa para Cristo ela fez se conseguisse a vaga, já que “não agüentava mais” trabalhar com parreirais e com a plantação: “Eu fui com a Lena, minha irmã; disse ‘vamos lá pedir, ver se tem serviço para nós’. Nós fomos lá, eles disseram ‘venham segunda feira para ver’. Eu com a Lena fizemos uma promessa para o Cristo Redentor! Que se o Cristo Redentor fizesse a gente arrumar serviço, a gente ia mandar rezar uma missa para ele! Vê se o Cristo Redentor precisa de missa!! (Risos). E eles deram o serviço!”, lembra entusiasmada.

Os pais de Victor Siezcho, Alexandre Siezcho e Anastacia Dittiman, imigrantes russo e alemã, também trabalharam na fábrica, lapidando. Ele, com 10 anos, entrou na roda: começou a lapidar também. “O meu banquinho era mais alto, aí como eu era menino, todo mundo vinha ver o que eu tava fazendo; mexendo naqueles vidros ali, aquelas taças, aqueles copos”, divaga ele, mostrando com a mão o formato dos copos e os desenhos que fazia, repetindo o movimento feito à exaustão por sete anos. “Fazia as bolinhas assim, os risquinhos, bolinhas na lapidação.”



Victor e seu serrote ao som de Ave Maria

Victor, que atualmente constrói caravelas, também é tocador de serrote – herança de seu pai, que viu no navio um polonês húngaro que tocava a serra. “Meu pai está ficando tolo, tonto, tocar serrote, ele tá doido”, foi a reação de Victor quando ganhou um serrote do pai. Mas, depois de sua morte, há quatro anos, o filho começou a lembrar do objeto que usa “direto” para fabricar as caravelas, e a considerar a “maluquice” do pai. “Eu comecei a lembrar do velho, peguei o serrote, coloquei assim, fazia assim não dava, eu não sabia como, porque eu nunca vi tocar serrote. Aí, eu não sei como, eu botei aqui nas pernas, e fiz um som, parecia um miado de gato. Mas puxa, está aqui!”. E então ele começou, treinava até quatro horas por dia, “aquele miado, enchia o saco da minha mulher e dos vizinhos, até que acabei aprendendo e dominei o serrote”.

A fama do tocador de serrote ficou conhecida mesmo em 2003, quando suas primas que moram no Rio de Janeiro, ao saberem do instrumento “exótico” tocado pelo primo, não tiveram dúvidas: o inscreveram no programa de televisão. “Pra que eu falei isso?! Elas me inscreveram no Faustão, no ‘Se vira nos 30’!!!”, conta indignado. Ele não ficou com o primeiro lugar, já que “o Faustão com aquele barrigão dele não deixa a gente tocar direito”, e porque o público sempre escolhe aqueles “animais que fazem festinha ali, o pessoal gosta de cachorrinho bonitinho que faz as piruetas”. Mas gostou da experiência.

O domínio do serrote é mostrado ao vivo, acompanhando o fundo de violino de “Ave Maria” – gravado e colocado no som. De repente, o ambiente é invadido por uma inusitada e harmoniosa melodia, cuja origem, apesar de não ser facilmente identificada, não é atribuída de jeito nenhum a um arco de violino passando por um serrote.

As mãos do artista que já lapidaram, fizeram caravelas e atualmente vibram no serrote, só param de gesticular quando é lembrado o final da fábrica de vidro. “Vendiam

para o Brasil todo, só realmente quebrou quando começou a Hering, de Santa Catarina”, lamenta.

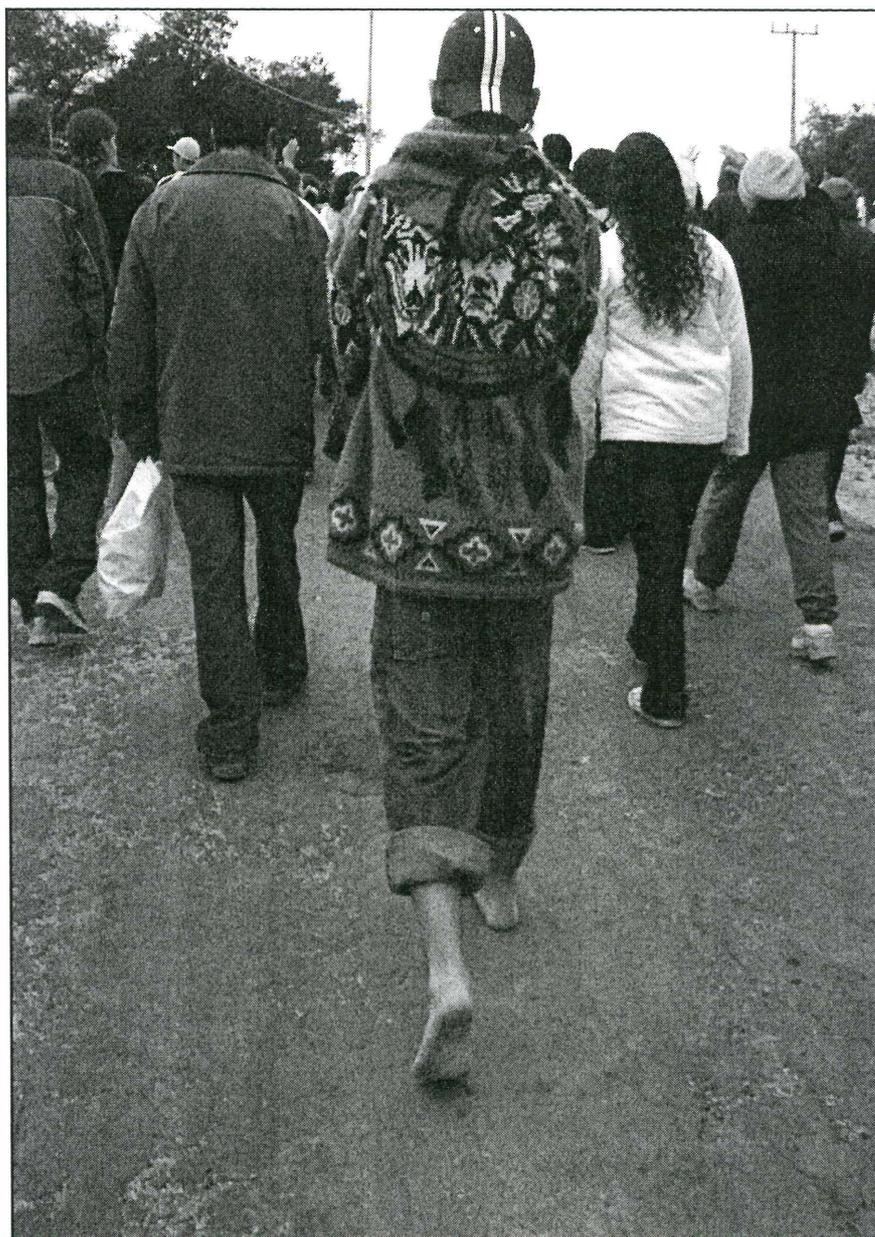
Grassie a Dio! Graças a Deus!

*“Ave, Ave, Ave Maria.
Ave, Ave, Ave Maria.
O anjo descendo, um raio de luz
Feliz Bernadete
A ponte conduz
Estendendo a mão para nossa senhora!”*

Foram quase 13 km percorridos em cerca de quatro horas. A pé. Do centro de Colombo, da Igreja Matriz, a 31ª procissão de Nossa Senhora do Caravaggio saiu no dia 26 de maio de 2007, quase pontual, às 6h05min. O destino era a Igreja de São Pedro, na comunidade do Capivari. Ainda estava escuro e o termômetro marcava 5°. Mas a concentração de fiéis já era grande.

Aos poucos o dia amanhecia, e mais pessoas se juntavam à procissão que ia passando. Chegavam das diversas estradas e ruelas que desembocavam na estrada principal, onde a santa passava, todas de terra, como os diversos rios que correm de encontro ao mar. Os que não se juntavam, observavam das janelas, dos portões de casa, soltavam fogos quando a imagem se aproximava.

A fama da santa nascida na Itália e que em 1492 se revelou para a jovem Joanita é enorme entre os colombenses. Além de uma igreja em sua homenagem, a santa tem, principalmente, fiéis fervorosos, que às seis horas da manhã caminham descalços no asfalto áspero – e assim seguem nas quatro horas de romaria, sentindo frio,



*Procissão de Nossa Senhora
do Caravaggio – 2007*

passando por pedras, terra, e qualquer outro obstáculo que apareça. A fé é maior que tudo. Parecem nem ligar para o fato de estarem descalços. “Eu faço isso há mais de vinte anos”, conta o fiel Arielso Macioszek. “ É promessa, mas eu sempre alcanço as graças”.

Ele, com sua família, fazem parte da imensa massa que caminha a passos lentos, guiada pelas orações do padre que conduz a procissão em um carro de som. A fé não tem idade: muitas crianças de colo e idosos integram a multidão que escuta o padre Leudes Aparecido. O pároco da Igreja Matriz, junto a um coro, canta, reza, e repete a história da santa que está sendo homenageada naquela manhã – apesar do seu nascimento ter sido às 17h.

A parada às 8h30min na Igreja do Ribeirão das Onças é estratégica – e o café com leite ainda mais. Muitos trouxeram mantimentos para a maratona, e se reúnem para um piquenique. Os sinais de cansaço já começam a aparecer.

A procissão retorna à estrada às 9h, e às 10:10 chega ao bairro do Capivari, na igreja onde será celebrada a missa em homenagem à Nossa Senhora do Caravaggio. Devido ao grande número de fiéis, a missa é realizada no gramado enorme em frente à igreja, onde um altar foi montado. Mais de uma hora e meia de missa, e quem estava descalço permanece. Muitos já saíram assim de casa, nem trouxeram os sapatos.

O bispo abençoa 3 mil garrafinhas de água durante a missa, que podem ser compradas em barraquinhas ao final do culto. Tumulto para levar a água benta para casa – “Uma? Ah, não, no mínimo seis!” – e também para pegar uma das rosas que ornava a estátua da santa. Afinal, a fé pode não ter tamanho, mas pode sim se concretizar em objetos simbólicos.

Romarias

“A primeira romaria eu fui. Eu tinha 39 anos, 31 anos atrás. O padre Sadi comprou um pacote de bala não sei aonde, e fez um convite para nós aqui no grupo, desceu da Igreja e disse: “Vamos fazer uma Romaria?” “Vamos.” (...) Daí ele pegou e levou Nossa Senhora de carro, o padre Gregório.” Católica fervorosa, dona Síría não podia faltar na primeira romaria de Nossa Senhora do Caravaggio, em 1976. Mesmo sendo algo improvisado, com um grupo pequeno de pessoas saindo da Igreja Matriz e o padre levando a imagem da santa em seu próprio carro. “E nós saímos daqui eu, a Nina, o padre Sadi, se não me engano o padre Valério foi também, a Raquel Batistão, e acho que é.... Saímos a pé, de dentro da igreja, seis horas da manhã”, conta.

Com o tempo, a procissão foi se modificando. No início a imagem da santa era trazida do Capivari até a estrada que vai para Bocaíúva, ela “vinha encontrar”, como diz dona Síría, e era levada pelos fiéis até a igreja. Atualmente, a imagem já sai no carro andor da Igreja Matriz, onde permanece até a chegada na paróquia do Capivari. Além disso, o pequeno grupo de pessoas deu lugar à uma verdadeira multidão de pessoas: estima-se que cerca de 600 fiéis acompanharam a 31ª romaria.

Mas o que dona Síría mais recorda da primeira procissão, é, sem dúvida, o sermão feito pelo padre Gregório exatamente na “esquina”, na estrada que leva para Bocaíúva, na presença dos fiéis do centro de Colombo, do Capivari, e dos demais bairros, que chegavam pelas estradas anexas. O padre, que “era um pregador que ó, põe todo mundo no chinelo”, fez um sermão que a deixou próxima de Nossa Senhora. “Só se eu tivesse um gravador ali para ter gravado para ter hoje para vocês verem... esse homem falou de Nossa Senhora, meu Deus do céu, não existe! Nunca vi!

Mas ele falou, falou, falou, falou assim parecia que ele estava vendo Nossa Senhora de tanto que ele falou. Acho que ele até via. Sinceramente. ‘Oh, veja, oh Nossa Senhora’. Mas ele falou depois falou das esquinas, das quebradas, dos morros, das árvores, das pedras, da água, ele escolheu ali na beirada da água, que a água.. ah, que coisa mais linda”.

Mutirão

O cinema já existia em 1901, mas nenhuma câmera havia em Colombo para registrar a imensa fila de moradores, principalmente de mulheres, que se formava nos finais de semana, em especial aos domingos, e iam passando os tijolos e os baldes de água – ou os bigoios, como dizem ainda em dialeto – por mais de um quilômetro, do tanque Tumirin até a Igreja Matriz. Ajudavam também a rolar pedras e a cortar árvores e pinheiros. Foi assim, pouco a pouco, com um trabalho de ‘formiguinha’, que a igreja foi construída durante nove anos, de 1899 até 1908. A antiga capela de madeira, feita com as tábuas doadas pelo governo quando então chegaram os primeiros grupos de imigrantes a Colombo, havia se tornado pequena. Em 1895, o padre Francisco Bonato, o primeiro vigário de Colombo, concretiza a idéia de fazer a Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

Até hoje não se sabe quem trouxe a planta da igreja, réplica de uma igreja italiana, nem em qual igreja ela havia sido inspirada. Foi projetada pelo arquiteto Antonio Fanchin, conhecido como “maestro” como fala o neto, Evaristo Busato: o avô materno construiu não só a Igreja Matriz, mas o colégio do Rosário, e outras igrejas, como a de Santa Felicidade. “Ele era construtor das cidades e de todas essas coisas”.

Embaixo das pinturas representando a Via Crucis lê-se o nome dos fiéis que ofereceram o trabalho: Estevão e

Marietta Mocelin, Angelo e Maria Toniolo, João e Zenobia Mottin, Luiz e Pedrinha Gasparin, família Pedro Fioresi, Busato, Pavin e tantos outros que colaboraram com a construção da Igreja. O quadro do altar é do pintor Ângelo Wolph, e foi encomendado por Rosa Fiorese, em 1902. As pinturas na parede foram realizadas a sua maioria em 1908, e não se sabe ao certo o autor – acredita-se que tenha sido Wolph também. Mesmo assim, dona Maria de Lourdes Ceccon lembra-se de um grupo de pintores no interior a Igreja: “A gente saía do colégio e ia correndo ver o que os pintores tinham feito. Eu me lembro desde aquele céu do Divino Espírito Santo, no altar. Quando começaram aquilo nós quase ficamos loucos de bonito que achavam.” Ela não se recorda do nome ou da proveniência dos pintores, mas que eram “um grupo de senhores de idade”.

Atualmente, apesar das missas diárias e das novenas, é nos finais de semana que a igreja enche. Nas datas comemorativas, como nas Festas do Vinho e da Uva, a missa é celebrada em dialeto, ou “in Talian”, com músicas, rezas e salmos lidos em vêneto. Mesmo com a grande participação da comunidade, era antigamente que a igreja exercia seu papel mais importante, pois não só tratava da espiritualidade, mas da vida social dos seus fiéis.

Domingo na igreja

“Porque realmente a cultura deles era de estar todo o final de semana na igreja. Não só pela questão religiosa, pela vida social que girava em torno da igreja”, conta Machioski. Lá, as pessoas podiam conversar entre si, discutir os problemas, se apoiar um no outro: “Ah, com que dificuldade você está?” “Ah, minha lavora não deu nada na primeira safra”. “Ah, mas a minha também, na segunda vai dar”.

As famílias vinham para a igreja, no começo do dia, e ali ficavam todo o fim de semana; faziam um almoço comunitário no salão paroquial, os homens jogavam, as mulheres conversavam, as crianças brincavam. Conseguiram, assim, um espaço de socialização, de apoio, e de diversão. Mas e antes da construção do primeiro barracão de madeira, construído meses após a chegada dos imigrantes? “Provavelmente eles se reuniam na casa de alguma família para estar rezando o terço, meditando o catecismo, lendo talvez a bíblia”, complementa o historiador, pois o primeiro sacerdote chegaria no município apenas em 1886, e as viagens para a capital eram feitas só por motivos especiais, como batismos, crismas, primeira eucaristia ou casamentos.

A igreja como espaço de diversão e socialização persistiu por muitos anos, sendo o salão paroquial palco de peças de teatro e até de um cinema.

No escurinho da paróquia

“Os filmes? Excelentes, minha cara, porque o Zézo e o Dinho trabalhavam no cinema. O Dinho trabalhou a vida no cinema de Curitiba, então os filmes que eram passados em Curitiba ele trazia aqui para gente. Elvis Presley, aqueles filmes do Gianni Morandi, aqueles italianos maravilhosos.”

Helena Lovato lembra bem da trajetória do cinema em Colombo. A sala, montada por Bepe Tosin na antiga casa da família Trevisan – palco também de muitos bailes e festas presenciados por grande parte dos entrevistados – foi o primeiro endereço onde os colombenses podiam ficar cara a cara com a telona. Depois, o cinema passou para Ninin Ceccon, que construiu um salão ainda maior embaixo de sua casa. Maria de Lourdes Ceccon, mulher de Ninin, lembra-se dos dias de cinema mantidos pelo casal, durante dez anos:

“Morávamos em cima, embaixo era o cinema. Era um cinema normal, como de Curitiba. O filme mudava toda semana, e enchia sempre! Mas depois os padres quiseram fazer lá em cima, naquele salão, e depois veio a televisão, foi acabando”.

O salão paroquial foi o último endereço da sala de projeção do município, junto com um palco de teatro, onde os moradores ensaiavam diversas peças com as irmãs passionistas. “Construído, tinha palco, que se apresentava teatro, as irmãs faziam peça com a gente, a gente apresentava e tinha também o cinema. Até meus 18 anos eu só assistia filmes aqui, só raras vezes eu ia para Curitiba ver se tinha algo diferente. Não era nada diferente, só o salão que era mais chique”, lembra-se Helena.

Clara Wolki Busato, aos 12 anos, lembra do filme Tarzan, que foi assistir na Igreja Matriz com um grupo de amigas: “Enchia, porque era novidade. Era baratinho porque a mãe dava uma notinha só, nem sei o valor, e dava para pagar a entrada, pro sorvete”. O cinema ali durou uns três, quatro anos. “Mas o pessoal não era acostumado a freqüentar, então acabou, não foi para frente”, conta Leoni Franceschi Tosin.

Os padres de Colombo

“O padre tinha uma metralhadora também. Um dos padres italianos tinha uma metralhadora, saiu no jornal, tudo, tiraram a metralhadora do padre, um padre novo que veio da Itália para substituir... não era muito antigo nem muito novo. Vai ver que da guerra, ele trouxe, não sei, ninguém sabe.”
Victor Siezcho



*O padre Alberto Casavecchia tendo à sua esquerda
a Igreja Matriz e à sua direita a antiga Casa Paroquial.
Acervo Departamento de Cultura de Colombo*

Desde 14 de abril de 1915, os padres da ordem passionista tomaram posse da Paróquia da Igreja Matriz. A igreja passou a receber, então, os padres que, até a década de 70, vinham sobretudo da Itália.

Entre os mais populares e recordados pelos moradores, estão o padre Francisco Bonato, de 1895, o primeiro vigário de Colombo e idealizador da Igreja Matriz; o padre Alberto de Santa Cruz, instalado em 1923, responsável por diversas melhorias na igreja (a construção da escadaria, bancos novos, construção do muro do cemitério e da capela); e do padre Manoel da Virgem Maria das Dores, de 1939, que abençoou a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

O padre Alberto tinha a fama de ser bravo e teimoso. Seu Isidoro Pavin lembra de um incidente em uma viagem de diligência, que na época passava só três vezes por semana com destino à Curitiba. “Estava tudo cheio de barro e a diligência acabou atolando. Todo mundo desceu para ajudar, menos o padre Alberto. ‘Quem é você para não descer?’, perguntou o motorista. O padre Alberto não queria sujar a batina!”, conta,

“Vai meu filho, tu procuraste, me achaste mas não te alcançarei”, repete séria dona Angela Ceccon, sobre o ‘causo’ do padre Alberto que nunca esqueceu: “O pai morreu de desgosto porque o padre Alberto tirou ele da comissão da Igreja. E no enterro, na frente do caixão, o filho quis matar o padre Alberto! E o padre Alberto: ‘Vai meu filho, tu procuraste, me achaste mas não te alcançarei’. O homem vai embora, dali dois dias enfiou um prego no pé, gangrenou, voltou para pedir perdão pro padre. Quando chegou em Bocaiúva, o padre, já encontrou o homem morto.”

Dona Angela, que mora em uma casa na entrada da sede de Colombo, nos recebeu logo depois do almoço com vinho de butiá, feito por ela mesma. Apesar de morar ali desde casou com Gigio Busato, há 12 anos, não sabe há quanto tempo a casa foi construída, mas garante que “há

muito”. Por dentro, a decoração preserva as mesmas características das casas de antigamente: o rádio antigo, o lampião à querosene, e o fogão à lenha, que fazem parte do ambiente. Além das almofadas e cortinas tricotadas por ela mesma – as de crochê para o verão e as de lã para o inverno – dona Angela mostra com orgulho a pequena cruz de madeira – “uma raridade!” – que pertenceu à sua primeira sogra. “Veio da Itália”, conta. “E foi confiada a mim depois que ela morreu”. Por um minúsculo ponto se vê, no interior da cruz, a imagem de Santo Antonio de Pádua.

Dona Bernadete Lovato também mantém em sua casa objetos antigos, como o “Atestado de Estudo e Boa Conduta” de seu tio, que aparece no documento como Gio Battista Lovato – de 10 abril de 1910. Ela fez também um álbum com a árvore genealógica da família e fotos da época dos primeiros imigrantes. A organização de Bernadete persiste até no momento da entrevista: atentíssima, ela preocupa-se constantemente com a ordem do que diz, “para você não se perder!”. Mas as histórias são tantas e a ânsia de contá-las também, que até ela acaba se perdendo, “agora fui eu que me perdi, tem tanta coisa para cortar, queria contar um pouco de tudo!”.

Quanto ao padre, Bernadete também tem uma memória viva, assim como grande parte dos colombenses, especialmente os da terceira geração, que, como explica Fábio, conviveram com ele, que casaram, fizeram primeira Eucaristia, batizaram os filhos.

Ela escreveu duas páginas sobre as suas memórias do padre Alberto, explicando também a origem do nome da então Fundação Padre Alberto, da qual faz parte:

Pe. Alberto

Conheci bem o Pe. Alberto, pois tenho mais de 70 anos. Sabia que viera da Itália, ainda novo (com 35 anos).

Após 4 anos, foi nomeado pároco de Colombo entre 1923 e 1939. ^{Tinha o sotaque italiano} Nós o entendíamos bem, pois éramos de origem italiana e também falávamos o italiano em casa.

Possuía uma voz possante, de notável sonoridade. Ao fazer suas "predicas" no púlpito, conseguia alcançar toda a igreja.

- Era muito inteligente e dinâmico.

- Foi ele que idealizou a linda escadaria de nossa Matriz e igualmente a Casa Canônica.

Além de seu trabalho na Igreja, Pe. Alberto visitava as Comunidades bem como as famílias em sua charrete, acompanhado por José Indio, que muito o auxiliava.

Visitava regularmente o Colégio S. Antonio, onde estudávamos, e nos incentivava muito sempre.

Costumava convidar as crianças para seguirem a vocação religiosa.

Em todos os eventos civis e religiosos, fazia-se presente.

Com tudo o que realizava mostrava-se alegre, com boa conversa e bem disposto. Era estimado por todos os paroquianos.

Na época da 2ª Guerra Mundial, ^{de um novo} ~~quando~~ ^{Paróquia} os jovens colombenses foram chamados a servir a Pátria, implorou as bênçãos de Deus por intercessão de N. Sra do Rosário, para que todos voltassem sãos e salvos. Realmente isso aconteceu! Muitos deles receberam correspondência do Digno Padre enquanto estavam na guerra. Na administração do Prefeito Djalmá Johnson, na praça da Igreja Matriz, por ocasião de passagem do 35º aniversário do fim da guerra, foi inaugurado um obelisco comemorativo àquela data. O busto do Pe. Alberto Past^{re} foi colocado no topo do monumento, além de uma placa com os nomes dos bairros colombenses. Faleceu em Olba aos 25 de fevereiro de 1961 com 77 anos de idade. O pedido do povo de Colombo foi sepultado no cemitério de N. Sra do Rosário, sendo acompanhado por centenas de fiéis. A permanência por mais de 20 anos entre o povo colombense fez do Pe. Alberto Casavchia uma ilustre e importante figura na História do Colombo Município que jamais será esquecida. Esta Fundação leva seu nome e almeja que a cultura italiana, herdada de nossos antepassados, também seja presença viva entre nós.

Colombo, 09/03/2015

Assim como Alberto, o padre Manoel também era severo:

“- Cadê o véu da cabeça?

Se na Sexta-feira Santa fosse sem o véu, o padre Manuel falava!”

Conta dona Angela, mais conhecida pelo padre como “Capivari 1”: “É que lá no Capivari, quem lidava com as coisas da Igreja era eu!”

Reza a lenda que ele, ao ir embora de Colombo, teria amaldiçoado a cidade, devido às desavenças que tinha com alguns moradores. “Não sei se ele amaldiçoou Colombo, mas sexta-feira santa um piá foi colocar uma cruz no altar e viu um homem atrás do altar, tipo do diabo, com chifre e tudo.... daí contou pro padre Manuel. O padre: ‘Porque se eu tivesse visto, queria fazer ele passar no meio da procissão!’”

Orações em família

“Chi vol sentire il pianto della gloriosa vergine Maria, che se ga visto in c’eu, col suo divin figliolo in braccio, santi zeppi in compagnia, con fame, con siete, con caldo, con frete, el venere di santo du perdu. Ah Madona, se ga disposto ad andare se lulto, a pedicava tre volte un pò, a pedicava la diceva: figlioli miei, riguardatevi, sta gente vira gente, e si sta e un cane dei giudei che nacià e si n’icorderà. A Vergine Maria gera pia una gran doloria, che na saia più un denar; ndata per la strada, sula per sula, comme una donna ben’ abbandonata, Maria Madaena Che la encontrava, tre sante donne che la menava, non la vedeva più passar.”

A oração em italiano foi ensinada para dona Angela na infância, quando rezava todas as noites ajoelhada na cama com a mãe, há quase 80 anos. Na época, ela costumava



Casa de dona Angela

andar duas horas para chegar do Capivari até a Igreja Matriz, para não perder uma missa. Lá em Capivari, a família acordava e se ajoelhava às quatro da manhã, no silêncio, para rezar essa oração, “porque lá não abria a igreja, só abria quando nós chegávamos. Eu ficava ajoelhada, sem nada e com as velas acesas.”

Esta era uma prática muito comum: as famílias se reunirem, sobretudo de noite, e rezarem o terço, o Pai Nosso, Ave Maria. E sempre em italiano. “A mamãe rezava em italiano e a gente sabia rezar o Pai Nosso, Ave Maria, o terço, em italiano, hoje eu não sei mais! Esqueci porque a gente não rezou mais”, lamenta-se dona Iracema. “Não me lembro, era tudo em italiano.”

Na Igreja, homens e mulheres não se misturavam: mulheres ficavam no lado direito e os homens ficavam no lado esquerdo. Além disso, as mulheres só entravam usando o véu: preto as casadas, e branco as solteiras. “Um véuzinho daqueles bonitinhos, que a gente comprava”, complementa dona Iolanda Wanke. “Era chique!”

No mês de maio era rezado o terço todos os dias e, no fim, a celebração da Coroação de Nossa Senhora. Além disso, as crianças iam na primeira comunhão e sempre faziam, aos domingos, a procissão do Menino Jesus. “A gente ia na procissão pro Menino Jesus para ganhar um pé-de-moleque, porque davam!”, confessa dona Maria (Palmira Maria Strapasson Bonato). E a briga para segurar a imagem de Cristo? “Era muita! Uma disputa!”, conta Sarita (Elisa Maschio).

As festas religiosas, porém, eram a grande atração do ano, principalmente a de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira de Colombo. Os preparativos começavam já no dia anterior, quando chagava a “diligência” com os músicos. “Aí tinha banda de música, foguetório, durante a semana das novenas era ornamentada a igreja, a gente ia pelas casas pedir flores para ornamentar a igreja...” conta dona

Bernadete, como se estivesse ali, naquele momento, caminhando de mãos dadas com o pai em meio à procissão, nas ruas enfeitadas, escutando o coro e o órgão tocado pelas irmãs. “A gente lembra aquilo com muita saudade, ouvindo os sinos que de noite já tocavam bastante, aquilo toca na alma da gente até hoje”, emociona-se.

Ernesto: tocador de sino

“É verdade! Quanto que eu toquei!”, lembra seu Ernesto Mottin, de 92 anos, um dos antigos tocadores de sino de Colombo, junto com Neno e Angelo Costa, Oswaldo Lazzarotto, e Lelo Mocelin.

As baladas eram sempre às 6h e às 18h, todos os dias, com “todos os sinos tocados ao mesmo tempo”. Dos sinos, seu Ernesto tocava o “do meio”, que, apesar de não ser o maior, pesava 120 quilos. “Nós segurávamos o sino de pé! Uma vez ele virou, nós seguramos a corda e não sei como não me quebrou todos os dedos!”, conta rindo.

“Porque um sino bem tocado é muito bonito”, diz, enfática, dona Bernadete, lembrando da época em que os tocadores de sino “embalavam” os sinos todos os dias. “E os sons mais bonitos são desses (da Igreja Matriz), os de Santa Felicidade e os da Catedral de Curitiba”. O segredo? “Todos da fundição do padre Pietro Cobalchini!”, apressa-se em responder, emendando a história do padre. “Tentaram matá-lo, ele soube e fugiu de Santa Felicidade. Veio para o interior, mas nós sabemos que é Colombo”, argumenta. “Ficou quase dois meses vivendo ‘como passarinho’, escondido numa árvore, até que conseguiu voltar para Itália”, conta, “fugindo, vestindo roupas comuns”, arremata, impressionada.

Bobato: o fazedor de terços

“Você imagine quantos italianos vieram para o Brasil assim na gana, você imagine o que eles vieram rezando naquele navio até aqui! E hoje cai um avião alguém lembra de fazer o sinal da cruz? Naquele tempo o povo rezava!”.
Helder Marino Bobato

Os terços são de uma beleza simplória. As 59 sementes que os compõe, unidas por ganchinhos de ferro, são retiradas de um capim, Rosário, plantado na região do Campestre, bairro rural de Colombo. A técnica mostra a habilidade do artesão: prática de 15 anos. Simplória é também a vida de João Bobato, 59: plantar o rosário, colher as sementes, cuidar do parreiral, fazer terços.

Descendente de italianos, Bobato mora no município há 19 anos, apesar da bisnonna (Milani) ter chegado aqui na época da colônia, para depois ‘subir’ para Inguituva. Ele conta que, apesar de ter aprendido a fabricar os terços aos 11 anos, quando esteve no seminário em Araucária, foi numa missa em Guaraqueçaba que ele recomeçou definitivamente sua produção, há 15 anos. Na ocasião, o bispo Dom Alfredo Novak abençoou seus terços, suas mãos e as mãos dos presentes. No ofertório Bobato os distribuiu. E a partir daí não parou mais. Já perdeu a conta de quantos fez até hoje: “Eu já fiz terços para polícia, jogador de futebol, evangélico, para cacique!”

Enquanto cozinha o feijão, ou faz a polenta, ele produz os rosários, que distribui de graça. Nos 45 minutos que gasta para fazer cada um, ele mentaliza um pensamento positivo, uma oração à Nossa Senhora. “Nossa Senhora, eu vou te fazer esse terço porque eu gosto de você.” E assim vai.



Bobato e seus terços.

Eu vou fazer para fulano, para fulana que pediu, mas quero que você abençoe, quero que você interceda seu filho Jesus para abençoar. Em cada terço tem que ter um pensamento.”

No momento, Bobato mora em um rancho provisório, mas para o futuro pretende fazer uma casa grande, pra receber as pessoas da cidade, que vem buscar “de vinagre para cima.”

Domingo é o dia de maior produção: até dez terços são fabricados. Para ele, o terço é uma das formas de preservar a fé da população. “Ninguém investe no povo, o jeito é rezar, como faziam os mais velhos. Os nonnos antigamente não deixavam de rezar, não deixavam de ter fé, não deixaram da cultura, da tradição e não deixaram da fé”. Apesar disso, o povo não deixou de acreditar na religião, e por isso que seus terços fazem ainda tanto sucesso. “Nós estamos vivendo na incerteza e é aí que o povo quer o rosário. O povo ainda tem aquela fumacinha, foguinho no coração.”

Pouca fé é bobagem

*“Glorioso São José,
Que tão dócil fostes à voz do divino Espírito Santo,
Alcançai-me benignamente a graça de conhecer
a que estado de Deus, em sua infinita sabedoria e bondade,
me destinou...”*

*Oração a São José para conhecer a
vocaçã, dada por dona Síría.*

É impossível entrar na casa de dona Síría e não se deparar com a imagem de São José, no balcão da cozinha, de frente para a porta. Ocupando lugar de destaque, o santo é o

protetor da dona da casa, que não fica um dia sem fazer a oração em sua homenagem. “Eu sempre rezo pro meu São José, isso é indispensável, bateu seis horas eu levanto para acompanhar a oração dele.” Ela gosta de outros santos, “mas o meu Santo é São José”.

A devota explica a cura de seu filho como um milagre atribuído a ele, e a Deus:

“A médica disse assim:

- Vamos refazer esses exames, Paulo (o filho doente), você está tão bem.

Ele foi e lá disseram:

- Você tem que fazer mais quimioterapia, tem que fazer um transplante de medula.

Ele veio para casa morto, né, passado. Ele disse:

- Mãe não sei o que nós vamos fazer.

Eu disse:

- Deus dá um jeito, pode deixar.

A mulher dele então não falava mais com ninguém. Não falava nem com os filhos, nem comigo, nem com ele, se ela vinha aqui ela sentava ali: se eu desse uma xícara de café ela tomava, se eu não desse ela não tomava. Não falava com ninguém.

- Mas vai dar tudo certo - eu disse para eles – Se essa médica veio para fazer novos exames esses vão dar bons.

- Só pela fé da mãe, só.

A médica fez, daí ele foi saber o resultado.

- Não, você tá bom, nem precisa eu ir junto – eu disse pra ele.

Chegou lá a médica abriu o envelope:

- Esse aqui está bom, esse aqui tá bom, pode ir trabalhar.

Daí ele ligou de lá, a gente tava almoçando aqui, aí uns almoçaram, outros choravam, não almoçaram, choravam de alegre. Ele está trabalhado. Um milagre, Deus sabe.

- Deus curou até os leprosos – eu disse – E não vai curar você?

Só fé, você tem que acreditar. Você tem que trabalhar, ir no médico, tem que ajudar, nunca ele chegou aqui... ele tava fazendo quimioterapia, eu trouxe todos aqui para casa, ficavam 10, 11 aqui todo dia. Daí eu fazia comida para todo mundo, para os piás, para ele, para ela, para o João, que tava no serviço dele, ele vinha do Guaraituba. Então é um trompé de gente, mas a gente não falava na doença, só falava abobrinha, outras coisas, pra dar força. A religião nunca faltou. (muito emocionada). A gente tem que se ajoelhar mesmo, se ajoelhar e pedir. Eu vou na missa, eu rezo, eu nunca contei essas coisas, agora que você tá perguntando né, que a gente sentou pra falar, mas eu não conto, nem pras crianças, nem pros meninos, nada.”

***Ma ti pala il talian?
Mas você fala o talian?***

“O dialeto sardo é tão diferente do italiano quanto o português é diferente do italiano”.

Luiz Ernani Fritoli, professor

“Porque não é que nem aqui, sotaque, lá é língua mesmo, é diferente. Você vai subindo, do sul pra o norte, vai mudando tudo”.

Ana Cavalli

O ano era 1300; o ambiente a Itália; o artista Dante Alighieri, a obra a “Divina Comédia”. Nos vinte anos que se dedicou à escrita do livro, o poeta florentino reuniu nada mais, nada menos do que 14 dialetos da Itália; e, misturando vocabulário, expressões, sintaxe, provérbios, concretizou todas essas fórmulas em texto de forma literária culta. Dante podia ter idéia da obra riquíssima que havia feito, mas certamente não imaginava que nasciam ali as bases da língua italiana atual.

Posteriormente, Boccaccio e Petrarca iriam continuar a contribuição para a formação da língua, escrevendo suas obras em dialeto florentino culto e dando um valor de excelência a este dialeto, fazendo que se difundisse pelo país e se sobrepusesse sobre os demais. “90% das palavras do italiano atual são consolidadas como língua no século XIV, no século de Dante, Petrarca e Boccaccio”, enfatiza Ernani.

Mas foi com a unificação da Itália, iniciada em 1861; posteriormente, com o serviço militar obrigatório no início

do século XX; com o ensino obrigatório nas escolas; e com a invenção do rádio e da televisão, que a língua italiana moderna se consolidou e se difundiu.

Os dialetos são línguas naturais faladas pelas populações locais na Itália, que nasceram gradativamente depois da queda do Império Romano, se modificaram ao longo do tempo e existem ainda hoje. “Sem previsão para acabar”, diz Ernani, especialmente devido ao incentivo das culturas locais por parte dos governos.

O Talian

“Eles (avós) falavam italiano e lá em casa nós também falávamos tudo em italiano. Um italiano meio ‘atrapalhado’, tudo cruzado, não é bem o dialeto, é um italiano que eles ensinaram, não sei...” (seu Frideto Bonato). “Lá em casa falava tudo em italiano, mamãe não sabia falar em brasileiro, até reza era em italiano” (dona Iolanda Wanke). “Lá em casa só falava em italiano, ‘La poenta, e magnare’ tutto così (risos). Lembro de tudo, sei falar porque lembro de tudo” (Bibi, Hermenegildo Busato).

As declarações de seu Frideto, de dona Iolanda de seu Bibi Busato em relação ao dialeto são extremamente comuns entre os descendentes de imigrantes de Colombo. A maioria dos habitantes acima dos 60 anos foi criada com o italiano como única língua da casa; as rezas, as histórias, eram todas contadas em dialeto. O português seria aprendido ‘para valer’ – apesar das crianças escutarem fora de casa e conhecerem – na escola.

O dialeto falado no município é Talian – vêneto, devido à chegada anterior dos vicentinos em relação aos demais grupos (trevisanos, friulanos) e a sua grande difusão no comércio. O Talian pode ser considerado uma variante brasileira da Língua Italiana.

No Brasil, estimativas apontam em 500 mil o número de pessoas que falam o Talian, a maioria bilíngües – também falam o português. De acordo com Fábio, existem em Colombo cerca de 1500 pessoas que falam o dialeto. Porém, apesar da estrutura e da maior parte das entonações e pronúncias serem do dialeto vêneto, existem palavras incorporadas do trevisano, do friulano, e principalmente do português, língua responsável por muitos dos neologismos encontrados no Talian.

Vale lembrar que o dialeto falado pelos descendentes é derivado daquele trazido pelos imigrantes, em 1877. “Não tinha como eles conhecerem o italiano, era falado só pelas pessoas que tinham estudado, a maioria deles era agricultor, e não sabia falar a língua italiana”, reitera Raffaella. Para ela uma coisa é certa: estamos diante de uma língua muito diferente do dialeto vêneto atual. “A língua dos imigrantes que vieram para cá no final do século 19 era a língua do final do século 19. A gente sabe que toda língua evolui. O dialeto vêneto, na Itália, evoluiu muito.”

Raffella acredita assim que, do ponto de vista lingüístico, as comunidades de descendentes no Brasil com falantes do dialeto representam ilhas lingüísticas que já se perderam na Itália, o que dá um valor muito importante a essa “outra língua”. Tanto é que, segundo Fritoli, não são poucos os professores italianos de lingüística e dialetologia que vêm ao Brasil estudar os dialetos para recuperar formas, vocabulário, cultura, que saíram da Itália com imigrantes.

No caso de Colombo, é possível notar a presença da descendência italiana no sotaque dos moradores, que falam o “t” seco, o “a” aberto, o “ão” como “ón”. Fazendo o caminho inverso, muitas palavras do português, principalmente os nomes de objetos mais modernos, foram incorporados no dialeto falado pelos colombenses, como é o caso de “geladeira” e “fogón”: “Claro que vão ter palavras que não vão existir porque não eram usadas na época da

imigração; geladeira ficou geladeira, fogão ficou fogão, porque o que eles tinham é o “foguaro” – que era a panela pendurada num tripé com um arco e o fogo no chão. Eles não tinham fogão. Então só fica o sotaque, “fogón”, que é usado no dialeto”, analisa Machioski.

Apesar dos 1500 moradores de Colombo que falam o dialeto, Machioski calcula que existam mais uns 1500 que só entendam. Mas porque um número tão alto? A resposta está, primeiramente, no fato de existirem, em Colombo, basicamente quatro grupos distintos: o grupo que tem o dialeto como língua materna; o grupo que aprendeu o português na escola e o italiano em casa, mas tem o português como língua materna – aprendeu primeiro o português – mas fala o italiano fluentemente; o grupo que só entende o dialeto e o grupo que tem aversão ao dialeto por algum motivo, ou medo, ou porque acha feio.

A grande maioria dos entrevistados, como já dito, pertence ao segundo grupo, dos que aprenderam português na escola e o italiano em casa. Apenas os três irmãos Busato, seu Evaristo, seu Bepe e seu Pedro, apresentam um diferencial, por serem mais velhos – respectivamente 97, 92 e 88 anos – e terem tido aulas na escola em italiano, no colégio Santo Antônio, dadas pelas irmãs do Sagrado Coração.

“‘Ma ti pala il talian?’. ‘No, non mi palo perché mi catàca zhé brutto’. Você pergunta se ela fala o dialeto e a pessoa responde que acha que ele é feio, mas em italiano: está falando! Mas não fala no dia-a-dia porque o que foi passado para ele que o que eles falam é o caipira, o feio”, constata Fábio, justificando a idéia de muitos colombenses da terceira geração acreditam ‘falar errado’. O mesmo ponto de vista é confirmado por Fritoli, que chama a atenção para o lado negativo do dialeto, que é “coisa de imigrante, coisa de pobre, coisa dos párias”; que é “o diferente, é a língua de

uma minoria, que fugiu da fome, da miséria, foi explorado, enganado”.

Paralelamente, existem pessoas da terceira geração que não só falam, como acreditam na preservação do dialeto como riqueza do município, pois por um outro ponto de vista, “a saga dos italianos pode ser vista como um feito heróico”, reitera Fritoli.

Cumplicidade na fala

A conversa entre as amigas é quase secreta, se não fosse pelos demais presentes que conseguem entender um pouco do assunto. Mesmo assim, dona Maria (Palmira Maria Bonato) fala com tamanha rapidez e cumplicidade com a amiga Carolina Ana Cavalli Busato, que muitas vezes não se entende uma palavra. Detalhe: em dialeto – como seria toda a conversa, se não fosse a presença das entrevistadoras.

Nascidas no município e amigas há anos, as duas mantêm o hábito de conversar em dialeto. E respondem ao primeiro sinal na língua que aprenderam em casa, e falam fluentemente até hoje. “Maria Santissima, che scongiurio!! Carolina, che scongiurio!!” diz dona Maria, quando questionada se usava algum tipo de pintura quando era moça. “Era só vestidinho de chita!”. Muitos dos termos usados por elas também derivam do dialeto, ou são mesmo palavras dialetais, como “bigoio”, “tola”, “toia”, entre outras.

Assim como elas, dona Pia Luiza Lovato Wotecski – conhecida como Gigieta – também fala o dialeto fluentemente – “si, capiscemo tutto, quase tutto!” – usando naturalmente durante nossa entrevista expressões como “poverello”, “che peccato”, “non è vero?”. “Tutto quea, se te capia Berta, mia sorea, ah Santissima!”, diz, referindo-se a irmã mais nova com quem conversa em dialeto. Não só ela:



As irmãs Sarita e Maria de Lourdes

seu Renato, seu marido, também entende e fala, apesar de ser descendente de poloneses. “Só tinha minha família de polonês e todo o resto não falava português, só o dialeto.”

O aprendizado de seu Renato começou cedo freqüentando a escola em Colombo – ele tinha então 10 anos e a família havia acabado de voltar de Curitiba, onde tinham passados os últimos 8 anos. “Chegava na aula antes de entrar, ali, brincando, correndo, tudo em italiano. Ai fui aprendendo. Olhar quando um ia pegar a bola como chamava, como falava, ia aprendendo.”

Repletas de palavras dialetais é a lista que Bepe Busato, em companhia do primo Isidoro Pavin, de 82 anos, faz das palavras que mais usa em dialeto. Sentados à mesa da “Lanchonete Busato”, propriedade agora de seu filho, no começo da Rua XV, em Colombo, os dois – como fazem freqüentemente – passam a tarde conversando e relembrado os velhos tempos. Com rapidez, ele dá exemplos dos objetos: toia (mesa), piron (garfo), guciaio (colher), carega (cadeira), braghe (calças), budande (cuecas)... a lista é grande, e seu Bepe transita com facilidade entre o português, o dialeto e o italiano ‘standard’: “Meu nonno falava o dialeto vêneto, que é bem diferente da língua toscana. Meu genro é da toscana, ele já não fala o dialeto, fala a língua toscana – a madre língua italiana. E eu falo italiano.”

Assim como dona Carolina, dona Maria, seu Bepe, seu Isidoro, muitos habitantes de Colombo se comunicam em dialeto, entre amigos, nas festas promovidas pela prefeitura e principalmente no âmbito familiar. É o caso das irmãs Sarita e Maria de Lourdes Ceccon, que só falam o dialeto quando estão sozinhas: “Se tem mais pessoas a gente não fala né, mas se estamos só nós duas, vai longe a conversa!”, comenta.

Língua de mercado

- *Bon di!*
- *Bon di!*
- *Mi voio due chili di farina... ghe ze?*
- *Sí, e ànca?*
- *Uno pàco di café.*
- *Solo quìsti?*
- *Sí! Grassie!*
- *Gnente!*

Os colombenses podiam falar o italiano livremente nos comércios da colônia, sem medo: os comerciantes, também italianos, entendiam perfeitamente o cliente. Foi a época em que o dialeto era considerado “língua de mercado”: nas vendas das principais famílias, a Ceccon no Capivari, Costacurta no Capivari, a Puppi, Mocelin e Cavassin na Sede, tudo podia ser negociado em dialeto.

Apesar de funcionar muito bem como língua de mercado no interior da colônia, fora dela a história era outra: o uso do português era indispensável para escoar a produção para Curitiba e negociar preços e ofertas. Nesse sentido, segundo Raffaella, os homens aprenderam o português mais rapidamente que as mulheres, por terem mais contato com os brasileiros no momento de vender suas frutas, verduras, erva-mate e lenha.

As mulheres e crianças, sobretudo as da primeira imigração (1875-1892), “nem aprenderam o português”, como enfatiza Raffaella, por estarem ‘isoladas’ nas colônias – onde o dialeto era usado como um eficaz sistema de comunicação. “Os homens é que tinham mais contato com os brasileiros e que tiveram que aprender a língua”, explica.

Literatura Talian

“Una volta ghe gera um toseto che andava a scuola. El si ciamava Gioanin. El Prete ghe domandava tutti i di cosa ch’el magnava:

- *‘Cosa ghe tu magnà uncò Gioanin?’*
- *‘Poenta’*
- *‘Quante fette?’*
- *‘Tre fette.’*

Gioanin ga eto a casa:

- *‘Mama, el Prete mi domandi tutti di cosa che magno.’*

- *‘E cosa que dise tu ti?’*
- *‘Poenta, tre fette’*
- *‘Diga que te ga magna minestre uncò.’*

A scuola El prete:

- *‘Cosa che tu magna uncò Gioanin?’*
- *‘Minestra.’*
- *‘Quanti piatti?’*
- *‘Tre fette.’*

O trecho acima, presente do livro de Sebastião Ferrarini, é um relato da professora Altiva Pilatti sobre a alimentação dos moradores de Santa Felicidade: em dialeto. Como este, vários outros relatos e textos em dialeto formam uma vasta literatura dialetal existente principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo.

Apesar de variada, trata-se de uma literatura recente, primeiramente pelo fato da maioria dos imigrantes vindos ao Brasil ser analfabeta. Em segundo lugar, pelo fato da língua literária escrita na época pós-unificação ser o italiano florentino, ‘standard’. Assim sendo, a literatura dialetal passa

por uma fase oral no seu início, para depois começar a ser escrita.

“Ninnetto Pipetta”, de Frei Aquiles Bernardi, produzido e veiculado no Correio Riograndense em 1924, é considerada um dos marcos iniciais da literatura dialetal no Sul do país, especificamente no Rio Grande do Sul. Depois desta, outras obras foram lançadas e estimularam a produção de livros nessa língua, que, como enfatiza José Clemente Pozenato, “não é nenhum dos dialetos italianos, nem uma soma desses dialetos, mas uma língua comum aos diferentes dialetos com empréstimos do português”.

No caso de Colombo, o dialeto vêneto começou a ser escrito recentemente, com as missas das Festas da Uva e do Vinho realizadas “in Talian”, em 2005. Nesse caso, os fiéis recebem a cópia da missa com todos os salmos, cantos e orações escritas em dialeto. Fábio explica que, para escrever um dialeto que não havia ainda sido escrito, estão sendo usados os caracteres do português, com alguns símbolos tirados do manual de escrita do vêneto, conforme o caso: “Por exemplo “S-ciòpa”, que é espingarda, lá eles escrevem com o s-c porque dá essa puxada, ssciòpa, então a gente adotou isso, s-c. Então algumas coisas a gente tirou deles, algumas coisas a gente fez do nosso jeito...”, diz o historiador.

O Talian amanhã

*“Eu falo com a mulher em casa, os meninos não querem nada, mas eu com ela falamos tudo. Ela gosta, fala italiano.”
(Angelo Toniolo)*

Em um raio de dois quilômetros, o pesquisador Ciro Mioranza se deparou, em meados da década de 80, na

estrada que liga Assis, no estado de São Paulo, a Londrina, no norte do Paraná, com duas situações bem distintas. A primeira da família Pugliese, no restaurante Marajó: apesar de saberem que são descendentes de italianos, não falam o dialeto e nem sabem informar de qual região vieram seus antepassados.

Dois quilômetros adiante, quando chega ao restaurante Novoeste, da família Borsato, Mioranza leva um susto: ali, não só sabem informar de onde vieram, mas, como revela o autor: “O dialeto vêneto corre solto como o bom vinho que é servido à mesa.”

Apesar de 400 quilômetros adiante e duas décadas mais tarde, a situação pode ser presenciada em Colombo: enquanto dona Iolanda Wanke fala o dialeto naturalmente, algumas quadras para cima, dona Leoni Franceschi não o conhece. Sua mãe falava apenas com as comadres. E, sobretudo, nas situações que não queria que as crianças entendessem a conversa.

O futuro do dialeto nas comunidades ítalo-brasileiras, porém, é duvidoso: ele tende a se extinguir, justamente pela falta de uso e pela limitação do número de falantes, que cai de geração para geração: “Infelizmente os dialetos vão acabar se perdendo aqui, talvez nas duas próximas gerações, talvez um pouco mais, depende do lugar”, lamenta Ernani. “Realmente não vejo tanto interesse assim dos jovens em aprender, cultivar e utilizar esses dialetos.”

O interesse dos jovens é geralmente pela aprendizagem do italiano, e não do dialeto – tendência em parte justificada pela falta de escolas específicas de dialeto na cidade, o que contrasta com a facilidade de acesso aos numerosos cursos de italiano. “Eu entendo um pouco do italiano e gostaria de ir para aula e aprender, bem, certo”, diz seu Bobato, que se encaixa no perfil traçado por Fritoli.

Em Colombo, porém, as aulas de dialeto existiram.

Aulas de dialeto?

Durante sete meses, o grupo se reuniu, sem falta, todas as quintas-feiras, às 19h na sede da Fundação Padre Alberto, da rua XV. Ali, todos tentavam achar uma solução frente às perguntas do professor: “Ah, mas e a concordância: Doménega El zhé il dì del signor? Ou Doménega zhé il dì del signor? Como fala?”. Eram vinte pessoas com idades variadas; crianças, adolescentes e adultos; alguns que já falavam o dialeto, outros que entendiam, e ainda alguns que não sabiam nada, já de quinta geração. As aulas, ou ‘grupo de discussão’, como prefere chamar Fábio, coordenador do grupo, tinham o objetivo de ‘resgatar’ o dialeto, de instigar a comunidade a continuar falando e de aprender a falar, além de dar uma forma escrita a esse dialeto – processo iniciado em 2005.

Entre os motivos, o início do curso de italiano gramatical, apoiado também pela Fundação Padre Alberto, que causou uma grande queda no número de alunos. “Mas pretendemos continuar o ano que vem, sem falta”, garante Machioski.

Cchi non magna, ga magnà!

Quem não come, já comen!

A tavola se ven mai vècc .

A tavola non si diventa mai vecchi.

À mesa não se torna nunca velho.

Dove se tratta de paccià hin pront tucc

Quando si tratta di mangiare a scrocco sono tutti pronti

Quando se trata de comer de graça todos estão prontos.

- Cosa ti piace magnare?

- La poenta!

- Con pollo?

- Con formaio.

- E i radici, il pesto?

- Sí, radicio con pesto....

- Ma mangi ancora oggi?

*- Sí!!!! Na minha geladeira sempre tem um potinho de pesto”
(risos)*

“Eu coloco assim três ovos, uma xícara de leite, duas colheres de açúcar cada ovo então dá seis, dá uma xícara e meia quase de açúcar, mas eu bato separado, a clara separada e o ovo; aí eu ponho margarina ou então manteiga – que ali tem manteiga a dar com o pé, aqui no Paladar, você compra três reais vem um quilo de manteiga, manteiga boa, uma delícia, deixa eu mostrar pra você ver, para fazer o doce, o grusti, cheira ó, é uma delícia, bem cheiro de manteiga – bom eu ponho isso, bato as três gemas e o açúcar, bato na batedeira ou na mão, até que ela fique branquinha a massa. Bem , aí

coloco leite uma xícara de leite, uma xícara e meia mais ou menos de leite e uma de maisena, mas pouquinho, meia xícara só, duas colheradas cheias, e cachaça, cachaça de cachaça mesmo, assim umas cinco colheradas, que daí a banha o azeite não chupa, não fica ensopado de banha. Daí frita na banha quente no Royal, né. Você faz a massa, aí você estende, corta...”

Bolos, café, suco, cuque, pipoca, doce, biscoitos, salame, vinho e mais muitas outras coisas são oferecidas nas casas dos descendentes de imigrantes italianos quando se entra para conversar, bater um papo. O famoso provérbio “Mangia che te fa bene” ainda tem sentido – e muito! – quando somos convidados para entrar na casa de um descendente, sendo que a recusa provoca muito estranhamento e insistência por parte do dono da casa. “Mas porque você não quer comer? Não está com fome??!” “Mas coma mais, coma mais.” “Mas deve estar ruim esse bolo, você nem comeu”.

A alimentação é algo crucial na determinação cultural de um povo, e, quando falamos de descendentes italianos, estamos falando de uma alimentação baseada na polenta, no queijo, no frango, ovos, massas e verduras – principalmente a chicória. É obvio que o arroz e o feijão, alimentos considerados tipicamente brasileiros, também fazem parte da alimentação diária dos descendentes; mas, como garantem nove entre dez entrevistados, a polenta é indispensável. Um alimento consumido antigamente, como afirma Bernadete Lovato – “Podia faltar outra comida, mas que não faltasse a polenta!” – e que está presente na mesa dos colombenses até hoje: “Nós sempre se criemo na polenta, né. Feijão, polenta e aquela coisa. Eu como até hoje. Poenta con formaggio. Buona!”, diz Angelo Toniollo. Inclusive imigrantes que não eram italianos, como no caso dos pais de Victor Martins Siczho, um alemão e uma

polonesa, acabaram se acostumando com as tradições italianas, principalmente a polenta: “São poloneses, no caso deles é broa, mas se pegamos na polenta e no queijo, né? Polenta assim na chapa...”.

De acordo com a historiadora Giovanna Piffar, que estudou a alimentação dos descendentes de imigrantes de Santa Felicidade, a polenta, na época pós-unificação, era o alimento básico do camponês do norte da Itália, “por ser uma comida simples de preparar e que sustentava”. A tradição foi trazida pelos imigrantes, que passaram o costume de geração em geração, sendo até hoje extremamente presente na memória e na vida de todos os entrevistados.

Isso é explicado, como enfatiza a historiadora, pelo fato do alimento ser o último elemento que sofre o processo de aculturação, “você acaba assimilando a cultura de outro povo, mas a alimentação é a última que sofre, e não totalmente”, explica. É no caso da polenta, que nunca deixou de ser consumida pelos imigrantes – mesmo no início do século XX, quando era motivo de vergonha para muitos italianos por simbolizar a pobreza, e a situação de penúria vivida da Itália.

Hoje, com o ‘resgate’ das tradições, na Itália, a polenta se tornou um prato apreciado e caro, feito pelas famílias principalmente em épocas festivas. Para a grande maioria dos descendentes, ela nunca deixou de representar um elo vivo com a Itália: “A polenta é, na verdade, uma forma de dar continuidade à uma tradição, reinventando-a, de se auto-afirmar como grupo, de cultuar suas origens, suas tradições e mantê-las vivas”, diz Giovanna.

Além da polenta, poderíamos colecionar uma infinidade de receitas do “tempo da nonna”, que ainda são feitas pelos habitantes de Colombo, e que, muitas vezes, servem de gancho para relembrar os “velhos tempos”. “A comida era coisa boa, não existe comida que nem aquela,

não se faz mais”. Dona Síría Alberti Morais, se lembram de forma nostálgica da infância quando conta como era a comida antigamente: Nós tínhamos vaca de leite, minha mãe fazia queijo, fazia manteiga, fazia requeijão, mas não de pacotinho assim de requeijão (mostra uma pequena distância com a mão). Fazia aqueles quatro, cinco quilos no saquinho. Então a gente comia... Marmelada ela fazia, pessegada, com maçã, figo... Nossa Senhora!”

Nostálgica é também dona Ana Sabatin Cavalli, que nos recebeu na sua banca de revistas no centro de Colombo – que ela tem há 27 anos. Reclamando do movimento – “que era muito melhor antes de terem colocado os bancos e a prefeitura no Maracanã também” – contando as aventuras do tempo que morou na Itália e sendo interrompida constantemente pelos clientes, ela contou da cidade que viu mudar ao seu redor: a praça, a escadaria da Igreja, os desconhecidos que passam mais que os conhecidos. E falou com prazer sobre a alimentação: “Eu adoro cozinhar, comida é comigo mesma!”.

Além de comentar as receitas que faz ultimamente, como o mata-fome – “É bolo de fubá. Sabe fazer bolo de fubá? Faço sempre lá em casa, com a receita que tem no pacote de fubá, no branco. Vai um copo de leite fervendo, sabe, fica bem gostoso. Experimente, 34 minutos pra assar, bem rapidinho, bem gostoso” – ela lembrou dos alimentos que comia na infância: “Eu acho que todo mundo lembra da alimentação da infância com saudade, porque a gente era bem mais pobre mas a comida era bem melhor, a gente não tinha açougue perto de casa, não tinha luz. Mas a gente comia de tudo, a única coisa que a gente comprava mesmo era sal, café. A gente tinha arroz, tinha quirera, tinha carne de porco, meu pai criava porco e a gente sempre tinha salame, carne, tinha galinha, e carne mesmo bovina comia só nas festas, quando tinha festa na Igreja. Na Igreja, a cada três meses, aí matavam os bois e a gente comprava o tal do

‘churrasquinho’. A gente fazia farinha de biju, plantava feijão, comida então...”

Freqüentemente, a comida de antigamente também é relacionada com algo puro, bom, sem agrotóxicos, que nascia e crescia em um clima saudável, como ressalta Helena Lovato. “Era tudo orgânico, tudo de casa. Abóbora... Nós tínhamos um pomar enorme aqui, caqui, macieira que hoje não dá nenhuma maçã aqui por causa do clima que mudou tanto.” Seu Pauleto, agricultor, se impressiona com a quantidade de veneno colocada nas frutas que, segundo ele, mata até passarinho. “Imagine no corpo da gente o que não faz!”

Como dona Ana Sabatin Cavalli, muitos descendentes enfatizam o fato da carne vermelha ser rara na mesa – e quando aparecia, nos finais de semana, não era à vontade. “Não é que nem agora, joga fora carne um monte, cozinha carne meio dia, se sobrar para de tarde: ‘Ah, requentada não quero’. Naquele tempo comíamos carne só no domingo que a mãe matava o frango, que a gente criava em casa”, conta seriamente seu Frideto. “E era um pedacinho de frango assim, ó”, diz, mostrando uma pequena distância entre os dedos.

Os armazéns eram muitos – o de Antonio Puppi, de Nico Cavassi, o da família Guarise, o de Antonio Johnsson e o da família Lazarini – e vendiam principalmente café, sal e açúcar – os principais alimentos comprados pelas famílias antigamente. Mas não só. Vendiam de tudo: “Era banha, era arroz, açúcar, farinha de milho, fumo, queijo mineiro – vinha um caminhão de queijo! Soda (cáustica) tinha que pesar, querosene em garrafinha, chumbo, pólvora, e tinha um movimento!”, dispara dona Ana Líbera Cavalli Taverna, atendente por 15 anos no armazém de Nico Cavassin. “Era um balcãozinho pequenininho, mas estava sempre cheio! Você não tinha tempo de passar um pano!”, lembra.

Todos os alimentos eram pesados na balança, menos o café, que já vinha embalado. Muitos clientes na época preferiam comprar o café em grão, “que era mais barato”, como revela seu Frideto. Depois, era necessário torrar, “tinha uma ‘toradera’ que ‘torava’” e, por medida de economia, sua mãe misturava um litro de milho para cada quilo de café, “para render.” O próximo passo era misturar os grãos com açúcar derretido, para então socar no “pilón” e fazer o café.

“Esse pilão que está aí não é por qualquer coisa que está aí não!”, adverte Helena Lovato. “Taí porque minha mãe trabalhou muito com isso aí. Meu Deus como minha mãe trabalhou”, se lembra, com nostalgia, da mãe, ao olhar o pilão usado antigamente e que guarda na sua sala, de recordação.

Recordações tem Clara Wotecoski Busato, que ensina o grande diferencial no modo de preparo do risoto de frango: um pano de prato. “É uma receita típica, você coloca a carne dentro desses panos de pratos bem fininhos, tempera, e amarra bem, e deixa dentro da panela com água cozinhando”.

Muitos dos pratos típicos, porém, tiveram que ser adaptados, pois os alimentos e as condições que os imigrantes encontraram aqui não eram iguais às da Itália. Apesar da tradição e das receitas, os ingredientes sempre acabavam sendo diferentes. “Então hoje em dia você vê pratos que são considerados ‘pratos italianos’, mas que são pratos italianos dos descendentes daqui, não são pratos da Itália, eles adaptaram.”, diz Raffaella. Assim, muitos dos pratos considerados italianos não fazem parte da Itália e nem do Brasil. Fazem parte de uma “cultura ítalo-brasileira”, enfatiza a pesquisadora.

La bea poenta

La polenta la contenta.

La polenta soddisfa.

A polenta satisfaz.

“Isso aqui foi a salvação de Colombo inteira!”, defende Victor, ao mostrar um desenho do moinho feito por ele mesmo, na infância. “ É a peça principal de Colombo, aqui que nasceu Colombo, se não fosse esse moinho os italianos não teriam polenta.”

Morando perto do moinho, Victor se lembra de cada detalhe da fábrica inaugurada em 1880 por Francisco Busato: da roda “muito grande, a maior da América do Sul, para você ter uma idéia parece que eram 12 metros”; do interior “enorme”; do trajeto da água, que “vinha do tanque, desviava passava e outra vinha nessa caneleta.”

A importância do moinho é histórica: mesmo com uma grande colheita, constituída principalmente de mandioca, milho, feijão, batatas, centeio; o moinho representou um grande impulso para a indústria da região. A partir dele que foi possível moer os alimentos para o consumo.

E todo mundo levava sua plantação de milho pro moinho! “Não era comprar de quilo que nem agora, era de sacada. Levava no moinho da Carolina e do Paulo Busato”, conta dona Ana Líbera. Ali, “meu Deus do céu!”, narra Victor, era “aquela fila de carroça trazendo milho”, e o moinho quase “não dava conta”; “as filas eram enormes, e pessoas de todos níveis econômicos se encontravam ali, “levando aqueles sacos nas costas”, inclusive os mais ricos, “com o saquinho nas costas levando o milhozinho lá para moer.”

Vinho, um capítulo a parte

*El vin a bo mercàa al mènna l'omm a l'ospedàa
Il vino a buon mercato porta l'uomo all'ospedale
O vinho barato leva o homem ao hospital.*

*El vin l'è la terra di vècc.
Il vino è il latte dei vecchi.
O vinho é o leite dos velhos.*

“Quem não tinha parreiral era vagabundo!”, diverte-se seu Evaristo Busato ao lembrar da época em que todo mundo tinha parreiral, porque “tinha que plantar parreira para sobreviver”.

E se não fazia vinho, ao menos plantava e vendia uva para o vizinho fabricar. “E o parreiral dá trabalho, a gente tem que fazer o parreiral, a armação, e depois cuidar da parreira para ela sobreviver”, ensina seu Evaristo. Mas quem não tinha a “fabriqueta”, não deixava de fazer o seu “vinhinho” para o gasto mesmo – como faziam os primeiros imigrantes desde a época da chagada à Alfredo Chaves.

Mais precisamente desde 1868, quando um pedido formal ao Governo Imperial, de sementes de videiras – já que o terreno era adequado para o cultivo – foi aceito, e as videiras chegaram. Graças ao solo fértil e à preparação e cultivo conveniente, a produção de vinho foi suficiente para o consumo próprio – nas refeições e nas comemorações os colonos sentiam muita falta da bebida, consumida diariamente na Itália – e para o comércio na capital da Província.

E que uvas bonitas! Todas de Colombo, e plantadas diretamente do solo, “não é que nem agora que tem o enxerto e planta o enxerto”, reclama seu Evaristo. “Cada uva”, que ninguém resistia, nem as crianças, que “corriam



Festa da Uva – 2007



Festa da Uva - 2007

atrás das carroças e tchum!!”, conta Victor. “Eu já roubei um monte de uva de carroceiro!”, confessa.

Além de roubar uvas, na infância, Victor passava longas sessões na fábrica de vinho Guarise – “A primeira do Brasil a fazer vinho de laranja!”. Fazendo o quê? Nada, ou melhor: olhando. “Era lindo aquilo lá. Eu ficava encantado. Eles perguntavam: ‘O que você quer?’. Eu dizia: ‘Quero ver!’”.

Uma tradição daquela época que continua vivíssima na mesa dos colombenses: “Até hoje eu tomo o meu vinhinho que eu aprendi com o meu pai, de meio dia e de tarde a gente tomava, lógico que era a medida certa para as crianças, mas tomava.”, conta Ana Sabatin Cavalli. “Vinho? Todo dia, um tantinho assim do copo. Eu não almoço se não tiver um pouquinho de vinho.”, concorda dona Angela.

Quem tinha “fabriqueta”, como era o caso de Heitor Busato, pai de seu Evaristo, levava o vinho, “tudo engarrafado, rotulado, e selado” para vender na capital. A precariedade das estradas e os impostos cobrados nas barreiras foram um dos grandes problemas enfrentados pelos colonos para a comercialização dos produtos – que eram vendidos principalmente no centro da cidade, onde se concentravam o maior número de restaurantes e armazéns. “À par da Catedral, da rua, tinha um tal de Faustino Gasparin, ele tinha armazém e tinha hotel. Nós fornecíamos o vinho quase todo para ele, ele não queria outro vinho a não ser esse, ‘Vinho Busato’”. Mas é claro que tinham outros clientes, “ele fornecia para diversos aí”, já que, como completa com bom humor seu Evaristo, “só um não podia tomar todo o vinho!”

- Mas como começaram a produzir o vinho? Já sabiam fazer?

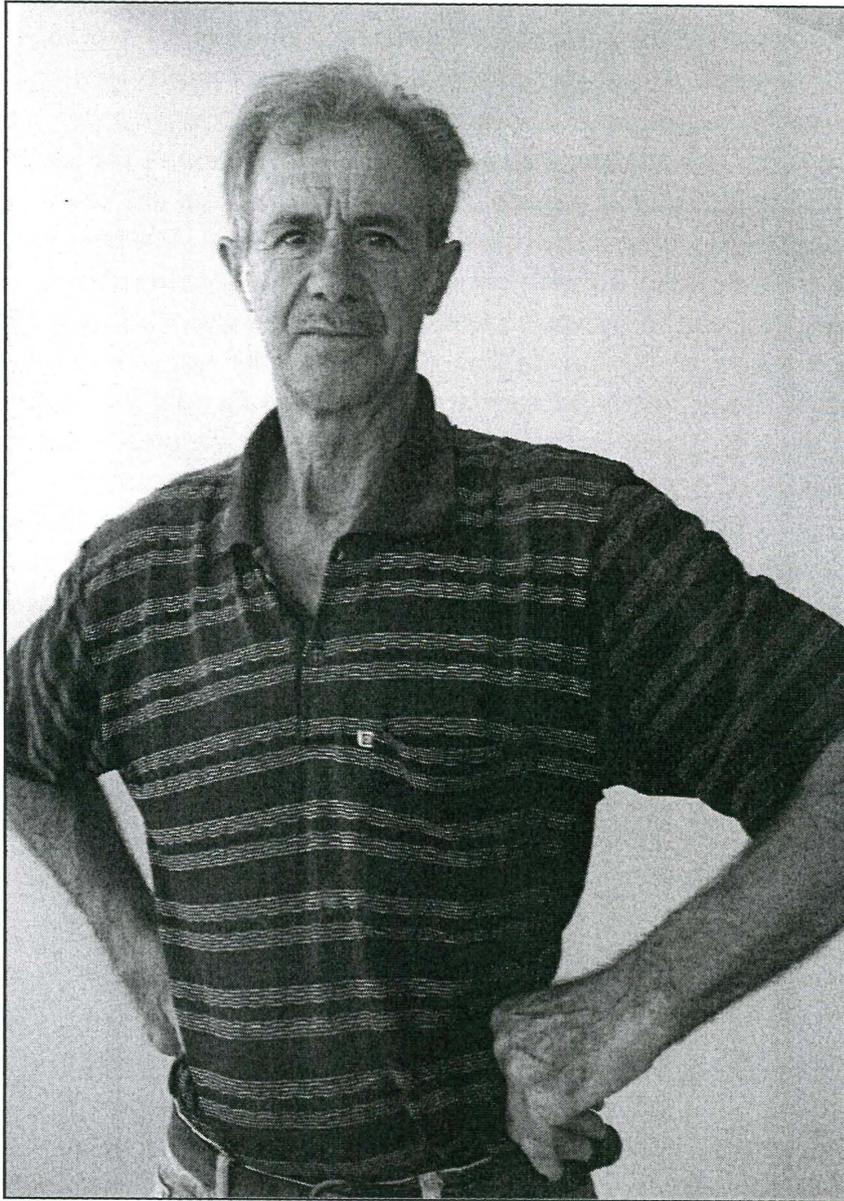
- Já, já vieram sabendo de lá. É a mesma uva e a mesmo modelo de trabalhar – responde seu José Seccon.

Muitos descendentes, como ele, acreditam que as sementes de videira teriam sido trazidas da Itália para o Brasil – o que não é verdade. Aqui, os italianos encontraram outro solo e outro clima, inadequado para as espécies de uva européias. “Meu avô contava que quando eles começaram a fazer o vinho não era que nem o da Itália, o de lá era melhor. Aqui faltava açúcar, era da própria terra, faltava algo, a própria uva tinha mais açúcar. Eles faziam um vinho carregado, em pouco tempo azedava, estragava”, conta dona Bernadete.

De fato, no Brasil, as uvas tiveram de ser substituídas por espécies nativas: Niagara e a Terci, que necessitam de açúcar para completar o processo de fermentação do vinho. “Então eles levavam um tempo para aprender, depois ficaram hábeis nessa profissão”, conta Bernadete.

Seu José, que trabalha há mais ou menos 40 anos com vinho, produz em sua vinícola vinho tinto, rosado e branco; suave e seco – 40 mil litros por ano. Ele explica as etapas da produção: “Primeiro colher a uva bem madura, tudo bem caprichado, tudo bem limpo. Amassa ela com motor, espera 4, 5 dias, tira o suco, completa com o açúcar Dolcetin e deixa fermentar tudo sozinho. É artesanal”. Proprietário da vinícola “José Seccon”, seu José continua a saga do pai e do avó: todos Josés, todos agricultores e vinicultores.

A saga dos Josés vinicultores inclui, ainda, um item fundamental: o trabalho duro – desde a infância. Tanto é que fica difícil para o seu José se lembrar de alguma história de antigamente. “É difícil a gente se lembrar, só trabalhando direto”, revela. Boa parte do trabalho é consumida com o parreiral, e com os cuidados e detalhes na produção do vinho.



José Seccon

Um destes “detalhes fundamentais” da produção é ressaltado por seu Evaristo: deixar a uva descansar dois dias, no assoalho ou nos paióis, “ para ficar murcha e ter o sabor do vinho”. A moagem, hoje feita mecanicamente, era feita manualmente, com a mão ou com os pés: “Com os pés, eu lembro que moíam a uva com os pés”. Só depois seu sogro fez uma máquina usando pregos, um rolo e um caixão, para manivelar, “mas antes disso era com os pés”, lembra dona Carolina. “Mas a gente corria!”, lembra às gargalhadas Rose Mottin, dos tempos que tinha de fugir para não ser jogada, pelo nonno, dentro da tina de uva – e ter que amassá-las com o pé. “Nós não queríamos amassar! Depois levava um mês pra gente limpar o pé! A gente se escondia, corria mesmo!”

Primeiramente era feito o vinho “bom”, da primeira moagem da uva. O vinho era extravasado, a água fervida e o resto de bagaço de uva colocado. “Deixa um ou dois dias e sai um vinho mais fraquinho, que eles chamam vinho piccolo, que você tem que consumir meio rápido senão ele fermenta”, alerta dona Ana Sabatin.

Ele queria voar. No tanque, perto de sua casa, tinha um morro alto, que dava espaço para um grande vão, e mais à frente o lago do reservatório. Ao olhar aquela paisagem, não foi difícil ter a idéia. O avião foi construído com bambus, ficando uma espécie de asa delta, de quatro metros. A parte de cima coberta com lona de carroça, para poder planar.

Depois de tudo pronto, ele subiu o morro. Ventava bastante, e, se segurando por baixo do seu avião, ele resolveu testar: deu uma pequena corrida e viu que havia quase levantado do chão. “A única coisa que pode acontecer é eu ir parar lá no tanque, se eu cair não vou me machucar”, pensou. Correu e se jogou lá de cima, amparado pelas grandes asas.

O trajeto, porém, foi outro: depois de levar uma rajada de vento que vinha na direção oposta, o avião virou e caiu com ângulo de 90 graus, nas pedras e galhos, no imenso vão. Batendo as costas ali, o menino desmaiou.

“Olha ele saiu de avião, fez um avião e saiu daqui, não sei onde ele foi, sumiu”. Já eram oito horas da noite, e nada dele aparecer. A mãe já muito preocupada, e todos procurando por ele. Já tinham até ido na delegacia, para saber se não havia sido um seqüestro. Sozinho, ele recobrou os sentidos, e foi para casa. “Era coisa de menino inventar, eu inventava essas coisas”, conta Victor Siezcho. Além de voar, Victor costumava nadar no tanque e pescar. “Brincar era assim: era pescar, tomar banho no rio, mergulhar, andar a cavalo, carreira de cavalo”, conta Bobato.

Bem mais nova, a Bernadete tinha dois anos e pouco quando a irmãzinha nasceu. E a partir daquele momento, passou a ter sonhos ambiciosos e grandes para sua estatura: alcançar o colo do pai:

- Mas me pegue papai.
- Mas agora estou com a Alzira.
- Não papai mas eu também quero colo.
- Mas eu não posso pegar as duas.
- Pode sim papai eu pago pro senhor.
- Com que dinheiro?
- Eu tenho meu dinheiro do bom princípio.

O dinheiro do bom princípio era dado pelo nonno e pelos familiares, pelo bom comportamento, por acordar sempre cedo.

‘Lá ia eu, buscava, ele me dizia quanto queria: ‘Não, não, pode me dar o pequeno’. Tinha aquele tostãozinho, era menor, eu dava aquele”.

No dia seguinte a história se repetia:

- Você vai me pagar de novo? – perguntava o pai.
- Pago – respondia a menina – eu quero ir no colo.

“Daí eu ia dando para ele. Mas meu dinheiro nunca terminava, né, depois quando eu não via, com certeza é porque ele me devolvia, mas nunca vi ele me devolver assim... daí ele me pegava no colo, dava um jeitinho de me pegar junto com a minha irmã. Isso ele lembrou até morrer, ele contava para os meus filhos”, relembra dona Bernadete.

Ela, que tem vivas em sua memória lembranças desde que começou a andar – “ Eu atravessava da cozinha para a varanda, varanda era grande, em cima dos pés dele (pai), mudando os passinhos. Eu me lembro disso..” – acredita que boa parte dos medos e sentimentos que os adultos guardam são explicados na infância.

É por isso que explica o medo de água e a tristeza que sente ao ouvir o galo cantar. Uma vez o pai a deixou sozinha para ir buscar uma cabrita. “A cabrita tinha ido pro mato, e

meu pai me levou no colo. Atravessamos um rio, ele passou do lado de lá e disse 'Agora eu vou buscar a cabrita que está naquele morro lá, você fique aqui'. E de certo o tempo demora quando a gente é criança, acha que é muito tempo, ele não voltava mais, e eu comecei a chorar, chamava meu pai, nada. 'Sabe de uma coisa, acho que eu vou embora'. E fui andando aos poucos e a água o mato meio escondia, a água já estava perto de mim, tinha bastante água, e aí o quanto que eu chorei.(...) Eu fiquei com medo de água muitos anos..."

Já no segundo caso estava na casa de sua avó no Capivari, e durante a noite começou a sentir medo. "Chorava baixinho, a noite inteira, e tinha um vizinho que tinha um galo que cantava durante a noite. Até hoje se eu ouço um galo cantando eu lembro direitinho daquela passagem, parece mentira que a gente guarda, são mais de 70 anos."

Assim como dona Bernadete, Rose – Maria Roseli Mottin – também guarda até hoje traumas do passado, como a aversão ao queijo. Trabalhando no ateliê ao lado de sua casa, a costureira de Colombo quer deixar a profissão – "é mal reconhecida, você trabalha demais e hoje as pessoas estão muito exigentes!" – mas não consegue, por ser a única da Sede e não ter aonde mandar os clientes. Ela conta que com dois anos recebeu uma bala que não tinha bala dentro: mas sim um pedaço de queijo.

O choque enorme piorou um ano depois, quando seus pais ofereceram uma boneca se comesse um pedacinho de queijo. A tarefa foi impossível para ela, que passou mal e nunca mais comeu queijo – ou derivados. "Além disso eles (pais) me passaram isso, me traumatizam, ela (mãe) não punha queijo perto de mim. Pois eu tive que ir comer na caixa de lenha por causa do queijo, eles me compraram uma cadeirinha e eu tive que comer ali, porque eles comiam polenta e queijo na mesa. Eu perdi meu lugar na mesa."

Mas as lembranças boas também estão presentes na infância dela, quando se recorda do dia de matar o porco na sua casa. “Era minha maior alegria! Por quê? Porque o chiqueiro era minha casinha!”. Ali, onde o pai havia feito prateleirinhas e panelas com latas de leite ninho, Rose virava a dona da casa por um mês. “Até que ele dizia que estava trazendo um porquinho novo! Eu começava a chorar, entrava em desespero!”

Eram as coisas simples as que mais faziam sucesso com as crianças. “Sabe aquelas rodas de ferro para debulhar milho? Aquela era a roda do meu carrinho. A falecida tia Vitoria que me deu, eu vim para casa assim com a roda, -ruuummmm-, eu tinha ganhado a roda!”, vibra dona Iracema, ao contar do dia que ganhou uma roda de ferro que veio empurrando pela rua abaixo, e que depois se transformou em um carrinho, feito por seu pai. “Papai brincava, contava história, fazia cinema assim na parede assim, com o lampião. Nós brincávamos ele vinha brincar junto, porque éramos nós quatro as mais velhas, tem um ano de diferença uma da outra, nós brincávamos de lenço atrás, ele vinha; de peteca, ele vinha; chutar bola, ele vinha; nós brincávamos de burico, ele vinha”.

Sem muita Brincadeira

Ela era linda, mas para ganhá-la ela teve que acordar bem cedo e andar um mês carregando todo dia cinco litros de leite. Aos nove anos, depois de passar julho inteiro levando leite para as irmãs que faziam retiro no então Educandário Nossa Senhora do Rosário, Helena Lovato ganhou sua “primeira boneca bonita”: “No final do mês me deram uma boneca de celulóide, linda. Porque senão era tudo de pano.”

Dona Ana Líbera Cavalli lembra-se também da boneca, comprada pelo seu irmão mais velho, Líbero. Mas não se lembra das brincadeiras por ser a única menina da família, e não ter nenhuma vizinha da mesma idade. Com 10 anos foi mandada para aprender costura com Nilda Tosin, uma das primeiras costureiras do município. “Bordava coisas mais simples, ponto cruz”. Com o tempo ela foi se aperfeiçoando, e passou a costurar “de tudo”. “Até me admira o que eu fazia!!” Costurou tanto que, hoje, não agüenta nem mais “ver uma agulha! Não, não suporto não!”

“Brincadeira, não tinha brincadeira, os pais nem deixavam, tinha que começar a trabalhar.”, conta seu Frideto. Como ele, dona Carolina, dona Maria, seu Pedro Busato Sobrinho e muitos outros trabalharam desde cedo na lavoura. “Nós íamos fazer roça adiante da Campina, lá no Brejá, uns 20km, porque não tinha terreno aqui. Nós íamos, ficávamos a semana inteira.”, diz dona Carolina. Seu Pedro Busato ia fazer roça em Rio Branco, no terreno comprado por seu pai. “Ali, no meio daqueles tocos, daquelas pedras, aquele sol, aquela cigarra chiava: e nós, sem camisa, ficávamos ‘torradóns’ lá, no meio do sol”.

A mesma sensação triste em relação à infância é a de Pia Luiza Lovato Wotecoski, dona Gigieta: “Eu me lembro é trabalhar, uma semana na escola e 15 dias no mato trabalhar com o meu paizinho. Sempre, sempre junto com o meu pai. Eu não tive infância, não. Eu carpia, eu trabalhava com a carroça, puxava tora, serrava no estaleiro com o meu pai, puxava palanque no mato, eu arava, cortava lenha, empilhava lenha, tudo isso eu fazia.”

Roupinhas de saco

Feitas de saco – de açúcar ou de farinha – e depois tingidas, as roupas que as crianças vestiam eram muito diferentes do que são hoje. “E não tinha blusa de lã como tem hoje. A gente sofria de frio, barbaridade, tudo cheio de remendo, quando rasgava...”, conta Frideto. Dona Iracema confirma a história: não existia diferença entre a roupa de usar de dia e de noite; cada ano eram feitos, para as meninas, os vestidinhos de saco e pintados ou de verde, ou de vermelho, ou de azul. “E tinham manguinha, porque servia para o inverno também”. Para tingi-los, dona Carolina lembra-se que usavam a casca de pinheiro, quando queriam a cor marrom.

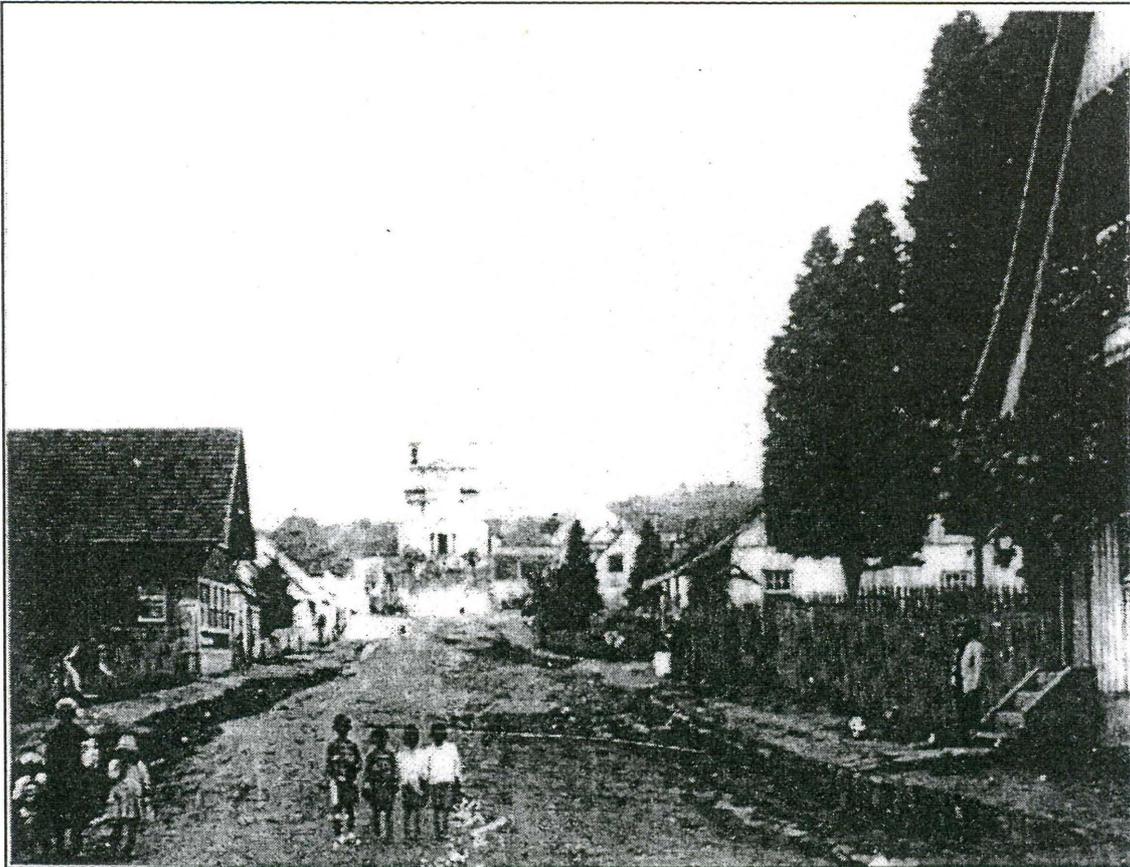
E nos pés? “Sandália. Minha mãe ia para cidade, não sei onde ela ia, trazia uma sandalinha que era de mititi, querapim que dizia, e tinha que usar”, lembra dona Maria. Apesar de simples, as sandálias eram usadas em ocasiões especiais, como as missas. Mas não se saía de casa com elas: “Tinha que levar uma sandália e colocar perto da igreja para não gastar.” A lembrança de ir descalço para a escola também é comum entre os descendentes. “E não faz muito tempo, o Nelson, meu filho mais velho, também ia descalço”, conclui dona Carolina.

Dona Bernadete não esquece os tamancos dados pela mãe na infância, “assim de pelúcia, muito bonitos”. O par de tamancos, porém, teve um destino trágico: virou cinzas logo no dia seguinte, pois Bernadete os havia colocado no forno à lenha para secar. “Eu cheguei em casa ele estava molhado, lavei e pus no forninho. Abri a porta do forninho no dia seguinte: dois montes de cinza, tinha queimado, era de madeira em baixo..”, relembra-se.

Sem gastos

Não só as roupas: a gordura, o sabão, as vassouras eram todos feitos em casa. “Eu fui casado 63 anos com a minha esposa, nunca precisei comprar banha nem uma vassoura. E quando me casei me casei com colchão de palha”, conta seu José Busato. O milho era, na verdade, a base de sustentação de tudo: das folhas faziam-se os colchões, os grãos melhores eram moídos, os piores dados aos animais, e a espiga ajudava a fazer o fogo.

Geladeira também não existia. Para conservar a comida, era usada banha de porco. “Nós cozinhávamos a carne e colocávamos no meio daquela lata de banha de porco. E depois fritava aquilo”, conta Pedro Busato Sobrinho.



*Primeiro grupo escolar de Colombo – década de 1910.
Acervo Paróquia Nossa Senhora do Rosário – Colombo*

La scuola. A escola.

“Tira tea, brincadeira de roda:

Tira tea, bon tirata.

Fai un gruppo – Go fatto (a gente fazia um nó)

Falme un’antro – Farò

Appri porta che passerò. (e passava por baixo)

Esse era o nosso brinquedo de escola.”

Angela Coletto Ceccon

O professor Antonio José de Souza Guimarães, brasileiro, havia cursado a Escola Normal de Curitiba, e, naquele ano de 1882, dava aulas na escola da colônia Santa Cândida. Ao saber da criação de uma nova escola em Alfredo Chaves, colônia vizinha à Santa Cândida, não teve dúvidas: enviou um requerimento ao então presidente da Província, Dr. Carlos Augusto de Carvalho, pedindo sua transferência para a recém inaugurada escola.

O desejo da instalação de uma escola em Alfredo Chaves havia se concretizado em um pedido – feito em 11 de julho do mesmo ano – que continha 67 assinaturas. Justificava o pedido o fato de existirem ali cerca de 140 crianças de ambos os sexos, menores de 14 anos, e ainda filhos de brasileiros, que necessitavam igualmente de educação. A resposta foi rápida: 11 dias depois, a chamada escola promíscua (mista) era criada.

Depois de iniciadas as aulas, em 14 de agosto, o professor Guimarães, através de um ofício, pede uma relação de móveis e materiais para equipar a escola, no valor

total de 82 mil réis. Além dos bancos de madeira, mesas, quadro, cadeiras, Guimarães acrescenta ao elenco um relógio de parede, “por não haver na colônia”. A Diretoria Geral da Instrução Pública autorizou, três dias depois, a compra do material, mas negou a quantia referente ao relógio, “alegando não ser necessário, uma vez que a nenhuma outra escola fora fornecido tal objeto”.

Mesmo sem o relógio, Antonio José de Souza Guimarães deu aulas por três anos, quando assumiu o cargo a professora Júlia Guimarães Ferreira, primeira professora primária do município, seguida depois por muitos outros professores. Tinha então início a escola pública na Sede de Colombo.

Escola italiana

“Eu tirei o primário na escola italiana, na madre língua, aqui em Colombo. Naquela época tinha convênio com a Itália e o Brasil, né. Os dois continentes. Então, estudei aqui no colégio...” Evaristo Busato, 97 anos, conta da época em que era “tudo em italiano”, inclusive sua escola. Não só ele como seus irmãos, José Busato, 92, e Pedro Busato Sobrinho, 88, estudaram no Colégio Santo Antonio, escola particular situada no terreno pertencente à Honesta Cavalli e comprado em novembro de 1915.

Depois de dois anos de construção é que, no mesmo dia e mês da criação da primeira escola pública de Colombo, só que 35 anos depois, em 1917, Dom Francisco Braga, Bispo de Curitiba, inaugurava o novo colégio. Como professoras, permaneceram no Colégio Santo Antonio as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus – irmãs Severina, Pia, Adriana e Gema – até o ano de 1927, com as aulas sendo sempre ministradas em italiano. Antes delas, de 1879 até 1917, as

aulas particulares dadas em italiano por João Batista Lovato são motivo de polêmica. Enquanto Sebastião Ferrarini, em “O Município de Colombo”, acredita que Lovato teria sido o primeiro professor de Colombo – com seu salário e o aluguel da casa mantidos pelos pais dos alunos – Elaine Cátia Falcade Maschio pensa o contrário: em 1879, com apenas 12 anos de idade, João Batista Lovato não teria condições de assumir o cargo de professor. Polêmicas à parte, a versão mais provável é a sustentada por Elaine: da existência de uma escola informal, onde João Batista, por ser mais velho, cuidaria dos mais novos, transmitindo seus conhecimentos enquanto os pais iam para lavoura.

Apesar da escola particular – no caso, ‘étnica’ – existir paralelamente ao ensino público, Elaine defende a importância da instalação do primeiro colégio público por parte dos imigrantes, concretizado em 1882: devido aos altos custos para manter a escola particular e também pela aprendizagem do português servir como elemento socializador. Que o diga seu José Busato, que ficou preocupado quando saiu da escola por não saber português. “Do que me adiantava?”, perguntou para seu pai. A solução encontrada por ele foram as aulas com um professor chamado Manoel Padilha: “Eu fui um ano lá e aprendi tudo em português, senão, o que eu ia fazer?”

Mesmo com custos, o Colégio Santo Antonio continuou em funcionamento, sendo fechado apenas em pequenos períodos, como entre novembro de 1927 e dezembro de 1928, quando saíram as irmãs do Sagrado Coração de Jesus e chegaram as primeiras irmãs passionistas. Permaneceram ali até 1933, sendo em 1934 o colégio fechado mais uma vez. No ano seguinte, as irmãs de São José ocupam o colégio e ali permanecem uma década. De 1948 até 1950 o colégio permanece fechado e passa por reformas, sendo reaberto com o nome de Educandário Nossa Senhora do Rosário em 16 de fevereiro de 1951, fazendo parte da

Rede Passionista de Educação. Em 1971 passou a denominar-se Escola Nossa Senhora do Rosário e, em 2002, com a agregação do Ensino Médio, passa a ser chamado Colégio Nossa Senhora do Rosário.

Novata na escola

O número de alunos era grande e as salas também. Feitas de madeira, eram compostas por três linhas de carteiras, e por bancos, também de madeira, onde sentavam os alunos de dois em dois. Na sala do primeiro ano, as irmãs mostravam grandes cartazes que usavam para ensinar o conteúdo – no caso, os números e o alfabeto. “1, 2, 3, 4, 5, 6”; “A, B, C, D”: os alunos formavam suas primeiras palavras. Assustada no seu primeiro dia de aula, a menina olhava todos aqueles símbolos e acreditava que não seria capaz de aprender tantas coisas novas. “É muita coisa pra mim!”, pensava.

O alento veio depois do recreio, na aula de religião: depois de ensinar o Pai Nosso e a Ave Maria, a irmã chegou no Ato de Fé, Esperança e Caridade. A menina os sabia decor, pois a mãe ensinava os filhos toda noite. Perdendo a timidez, ela disse a oração inteira, e ganhou não só elogios da professora, como um santinho, que ela guardou como se fosse um grande presente. O ano era de 1941, o colégio, o Santo Antonio, e a menina Bernadete Lovato. Sempre incentivada a estudar pelos pais, a rotina de estudos da época era baseada nas contas que deviam ser feitas em casa, os pontos somados de acordo com os deveres – “ela somava e mandava a gente fazer bastante contas em casa” – e nos ‘pontos’, questionários sobre conhecimentos gerais que deviam ser respondidos e depois estudados. De noite era feito o dever – “de dia a gente tinha que ajudar, trabalhar” –

à luz do lampião, pois não existia ainda energia elétrica em Colombo.

Bernadete continuou o estudo em Curitiba, assim como Angela Coletto Ceccon. Ali, no colégio interno Cajuru, os dias demoravam a passar. Como interna, ela não vinha para casa nem nas férias. “Ali de cima, bem alto, nos olhávamos para baixo, aqueles morros, ‘Olhe Colombo!’. E eu olhava, a outra também, corriam as lágrimas emocionadas, porque a gente via os pais só de vez em quando, que vinham nos visitar de carroça.” Ela não agüentou, e voltou antes de terminar o ginásio. Em Colombo não havia ginásio, e Bernadete ficou dois anos parada, ajudando os pais em casa. “Até que eu esperei meu pai ir viajar e fui falar com o prefeito. Ele me avisou de um concurso que teria em pouco tempo. Aí eu fiz e graças a Deus passei, e daí comecei a dar aula.”

Só o ABC

A mesma sorte não teve dona Maria, que teve que interromper os estudos devido à necessidade de começar a trabalhar cedo: “Estudei só até o terceiro ano, o quarto já não, tinha que trabalhar se quisesse comer.” Assim como ela, muitos descendentes foram obrigados a interromper seus estudos para ajudar os pais na lavoura. “Até dei o nome para ir para Curitiba estudar, mas como? Naquele tempo, mamãe com quatro filhos, o parreiral e a roça, não era fácil, como?” pergunta Ana Líbera Taverna.

“Chegou no final meu pai perguntou: ‘Você sabe fazer uma continha? Escrever seu nome? Então agora você tem que ficar em casa trabalhando porque nós precisamos trabalhar’”, lembra-se seu Frideto, que estudou até o primeiro ano. Quem estudava até a quinta série era “só

algum que podia bastante”. E, depois que terminasse, já podia se empregar no cartório, “era o mais estudado”. “E veja hoje, o que tem que estudar!”, impressiona-se.

Recordações da escola todos têm; algumas mais felizes, outras mais tristes. Dona Carolina, que estudou até a quarta série, conta que não queria ir para o colégio, porque qualquer brincadeira que as crianças fizessem, “ ficavam ajoelhadas no milho. Deus me livre fazer brincadeira!”. E se na escola o “clima” não era dos melhores, em casa também não: o pai, que “só queria guardar dinheiro”, não dava o material escolar para os filhos. “Se a gente precisasse de um lápis ele não dava, corria atrás da gente até o tanque com uma vara”.

E que presente ganhar lápis novos! Para muitos, o material escolar era dado como presente no dia do aniversário, e era uma alegria : “Aí era meu presente de aniversário! Ter dois lápis de uma vez só, uns lápis coloridos, um caderno novinho, era um presente!”, lembra contente dona Bernadete.

Casada e na escola?

“Me chamavam de louca! Eu fui a primeira mulher casada de Colombo que começou a estudar. ‘Ah, essa mulher é louca, abandonar a família pra estudar, é louca’. Porque todas que estudavam comigo eram solteiras, e eu ia junto com as meninas, eu casada, com quatro filhos e estudando. Na época que fui nomeada como diretora, diziam: ‘Não tem ninguém para por como diretora, tem que vim de fora’. Eu falei: ‘Me nomeiem que eu assumo’, e deu certo. Dizem que santo de casa não faz milagre, mas na época fizemos. Falta de se impor”.

Leoni Rosa Franceschi Tosin voltou a estudar depois de sete anos de casada. Após terminar a oitava série no colégio estadual Presidente Abraão Lincoln – de onde seria diretora mais tarde, por dez anos – fez magistério em Curitiba e faculdade de Pedagogia, na PUCPR. Ela conta com orgulho que foi reeleita pelos pais dos alunos na direção do colégio, e que junto com Helena Lovato – inspetora na época – conseguiu trazer o segundo grau para a escola.

Helena Lovato também enfrentou problemas por ser uma das primeiras mulheres de Colombo a ir fazer faculdade em Curitiba. “Nós enfrentamos assim até o preconceito do pessoal, porque imagiine, duas moças, indo para Curitiba! Indo estudar longe, muuito longe, até parece, né? (risos).” Ela, também professora do Colégio Estadual Abraão Lincoln, estudou o “Normal” em Curitiba, o magistério, no Instituto de Educação; e fez Pedagogia e pós-graduação na PUC-PR. Aposentada depois de 43 anos trabalhando na escola, ela diz que ainda não deu tempo para sentir falta da escola. “É como se eu estivesse de férias mais prolongadas”. Na sua família, das oito irmãs, cinco são professoras, incluindo sua irmã Bernadete. “Ainda mais por ter só mulheres meus pais fizeram com que todas estudassem... nos formamos professoras, era a profissão da mulher”.



*Dona Angela em seu primeiro casamento, em 1949
Acervo particular.*

***J piazzéri della vita.
Os prazeres da vida.***

*“Pensa que era que nem agora... Nós não ficávamos sozinhos, mas imagina! Namorávamos na frente do pai e da mãe toda vida, pensa que era assim? Nossa, mudou tudo!!
Ana Líbera Cavalli*

*“E a emoção de pegar na mão? É assim.... não é que nem hoje! as emoções perderam-se. Dançar de rosto colado, nossa, você ficava sonhando o mês inteiro com aquilo!”
Rose Mottin*

Mas eu gostei dele desde a primeira vez que vi, meu Deus do céu! Foi aqui na Igreja. Eu pedi para minha prima: “Me mostre o Alfredo Wanke”, ela me mostrou um outro. Eu disse “Não, o viúvo!” “Ah, ele ali, esse que tá passando!” Bonitão ele, de ‘marrão’, e eu fiquei em cima do caminho olhando ver se ele ia com os homens, com as meninas... ficou junto dos homens. Eu escrevi para ele, uma cartinha contando tudo quem eu era, e se ele quisesse saber mais, que falasse com o Neco (Manoel Costacurta). Foi o Neco que me encaminhou ele, meu padrinho. Aí ele recebeu a carta e já foi falar. Tudo simples, eu estava escrevendo para convidar se ele queria me conhecer, porque eu já conhecia ele, e fui falando umas coisas, e depois coloquei: ‘Bom, o convite está feito, depende de você’, não insisti. Não, não, ninguém fazia isso, a louca aqui que fez!!! Depois que eu

escrevi para ele e ele veio me conhecer. Eu disse: ‘Se você quer vir me conhecer pode, sem compromisso’. Daí ele veio. Ele disse: ‘Eu gostei de você, posso vir domingo?’. Eu disse: ‘Não, pense bem, porque o primeiro homem que vai entrar aqui para me namorar, eu não quero que amanhã, depois, você... então pense 15 dias, e quando você vier venha para valer’. Mas para passar 15 dias, gente!! Maria Santíssima, me arrependi tanto!! Mas foi uma lição que eu dei para ele, senão ele ia pensar: ‘Ah, ela quer, eu posso fazer o que eu quiser’. Então se eu disse 15 dias, eu sofri, mas ele viu que eu não tava me jogando, não queria me jogar. Aí depois de 15 dias, eu vi de longe a camisa, ele não tirou o luto, sempre de camisa preta. E eu disse lá em casa: ‘Olha, aquele de camisa preta é um viúvo, vocês tratem bem que com esse eu vou casar’”.

Dona Iolanda conta com entusiasmo a história do seu namoro com Alfredo Wanke. Apesar de ser trinta anos mais velho que ela, Iolanda nunca se importou, pelo contrário, sempre quis casar com um homem viúvo “Ah, eu achava que ia me tratar melhor.” E de fato: dona Iolanda diz não querer voltar “nem por brincadeira” para a época de solteira. “Ele saía daqui e ia lá para Bocaiúva de bicicleta, 16 quilômetros. Quando chovia, eu emprestava um guarda-chuva para ele.. E todo mundo curioso: ‘Mas onde será que vai esse Alfredo Wanke?’ Demoraram para descobrir, mas descobriram”.

O namoro de dona Iolanda, como ela mesmo conta, “foi mais liberal”: “o Alfredo era meio esperto!”. Já o da maioria das demais meninas foi bem policiado. Juntos, em casa, na presença os pais, ficavam só conversando, em cadeiras separadas. “O namoro era um aqui outro ali, da uma às seis horas da tarde, e só. Conversava, mas nem tinha o que, ficávamos se olhando...”, conta dona Iracema, sobre o clima entre os namorados – sempre vigiados. “ Se você soubesse que a mamãe tinha uma porta de vidro na cozinha para olhar para sala! Era cadeira aqui, cadeira ali, né (mostra

uma distância).” Seu pai chegava em casa sempre antes dos pretendentes saírem, “e não olhava para cara deles.”

“Ir pros bailes? Perigoso, ir pros bailes perigoso! Nada, nada. Mamãe era muito enérgica. Ela marcava: 5 horas em casa”, relembra dona Maria. “Eles não soltavam a gente” conta dona Carolina, que tinha que fugir se quisesse ir a algum baile. Já dona Bernadete não podia nem ir ao baile, nem passar na calçada do salão onde ele estava acontecendo. Seu pai a fazia andar pelo outro lado da rua, “e não era nem para ficar olhando para lá!”, conta, sorrindo, lembrando dos bailes na casa do Trevisan.

“Pegar na mão? Perigoso, perigoso! Otto giorni prima di ‘maridarsi’, oito dias antes de casar!”. Alerta mais uma vez dona Maria. “Não é que nem o namoro de agora: começa a namorar, a namorada já vai dormir junto com o namorado, ou senão o namorado vai dormir com a namorada...”, reflete. “Eles tão certo, nós que se criamos burro desse jeito!”, conclui decidida. Ela namorou apenas um ano para casar com Reinaldo Bonato quando tinha apenas 21 anos.

Cedo mesmo casou dona Carolina, com 16 anos. Ela teve que ajudar o marido e o sogro, já que a sogra havia morrido: “Me tocou casar porque a mãe do meu marido faleceu, ficou só o pai, e daí só dois homens, ele quis casar. Eu não tinha completado 17 anos”, revela, pensativa. “Naquela época os pais mandavam, era mais com quem eles queriam”, diz. Tanto é que, na época de namorar, os pais já diziam com quem podia e com quem não, “se for fulano, fulano e fulano tudo bem; da família tal e tal, os outros não”, conta Leoni Franceschi Tosin.

No caso de Leoni, o namoro foi inesperado entre ela, que estudava no colégio de freiras, e seu Mário, seminarista. Além disso, os dois começaram a namorar em uma Sexta-feira Santa. “Fomos nas rezas, paramos na frente do portão, veio a mãe: ‘Hoje não é dia de parar na frente do portão, se

quiserem namorar entrem”. Eu disse para ele: ‘Vamos entrar?’. Ele entrou!”, vibra Leoni.

“Naquela época”, como costumam dizer os colombenses, as festas de casamento duravam o dia todo, e havia um costume interessante: as mães – tanto do noivo quanto da noiva – não iam à Igreja. O motivo não se sabe ao certo. “Não sei se era superstição, ou se era para cuidar da casa, mas eu casei em 55, minha mãe não veio. Daí no dia seguinte ela ia almoçar na casa da noiva.”, explica Bernadete Lovato.

As fotografias da cerimônia eram tiradas em Curitiba, geralmente na Foto Progresso, localizada na Rua XV. Algumas vezes os próprios padres ficavam responsáveis pelas fotos da cerimônia, o que representava um verdadeiro risco se o fotógrafo fosse inexperiente “Teve (fotos), mas o padre Gregório que tirou. E do dia do casamento não saiu nenhuma! Não sei o que aconteceu, só sei que tive que me vestir de noiva outra vez e ir lá tirar!”, ri dona Ana Líbera, lembrando das fotografias que não saíram.

Casada duas vezes, com José Ceccon e com Luiz Busato Sobrinho, Angela Ceccon considera-se uma mulher enérgica, “puxei minha mãe”. Enérgica não só de espírito, quanto de corpo: ela ainda carpe na horta que mantém no quintal de sua casa, no auge dos seus 85 anos. A energia só faltou mesmo no dia do seu primeiro casamento, em 1949. O dia que deveria ser um dos mais felizes de sua vida, foi um dos mais tristes: ela foi a última filha a casar, porque tinha dó de deixar os pais – o pai era paralítico. “Não queria casar porque era eu que estava sustentando eles, né? Mas eu chorei o dia que eu casei! Meu marido não queria morar com os meus pais porque ele tinha a mãe viúva, e duas irmãs também, e eu não queria deixar os meus! Aquela luta!”.

Diferentemente de dona Carolina e dona Maria, dona Angela não perdia um baile: “Eu ia nos bailes, eu não perdia um! Violão, música, gaita! Tinha cada bailão lá no salão perto

de Roça Grande. E no salão do Trevisan também! Nós íamos aprontar, dançar!” A vida social dela continua intensa, e ela revela correr o risco de repetir a sina de sua avô Milani, que se casou três vezes.

Outro que não perdia um baile era Pedro Busato Sobrinho, que conheceu sua primeira esposa, Maria, numa matinê no salão do Trevisan. “Eu estava dançando com a Maria, era par efetivo, só eu e ela. Namorava uma outra, Cenira”. Depois de vir para casa, e ver a namorada passando com dois policiais, resolveu ir atrás de dona Maria: “Foi que nem uma bomba! Voltei lá no salão, acabou a baile e foi um namoro só, daquele dia nunca brigamos mais.”

Mora!

- *Resteremo tutti ciuchi con questo vino!*
- *No, ‘magnemo’ il churrasquinho, non saremo ciuchi!*

- *Vamo joga uma partida de mora quando chegar lá em Colonia Faria!*
- *Vamos sim, fazer uma demonstração.*
- *Vamo mostrar do que os colombenses do centro são capazes!*

- *Ir jogar mora no sábado de manhã é coisa de vadio mesmo..*

- *Olhe só meus dedos, todos machucados!*
- *Mas o que foi?*
- *Ah, me enfiei no bosque pra esquentar um pouco, fui carpir.*
- *Ah, na nossa idade não dá mais! Fica todo quebrado!*

- *Sei, tóç, sette, tóç, cinque, quattro!*

- *Sie!*
- Tóc, tóc, tóc.*
- *Sie, sie!*
- *Mora, mora!*
- *Dôs, dôs, tóc, tóc.*
- *Ê, tá robando, tá robando aí!!!*
- *Due, tóc, sie!*
- *Não, due!*
- *Sette, settee, epa, epaaa!*
- *Quatroo, Otto*
- *Cinquee! Não, cinque, cinque!*
- *Mora, moraaa!*

Eram 9 horas da manhã de um sábado de julho. Dia 28. Manhã fria, mas limpa, no município; uma Kombi velha, da prefeitura, cruzava as estradas de terra, passando de propriedade em propriedade buscando os que iriam ser os ‘astros’ do dia: um grupo de senhores jogadores de mora. Seu Renato, seu Frideto, seu Bibi, seu Angelo, seu Pauleto e Dórico Strapasson, sete homens que ainda conservam, na lembrança, o jogo ensinado pelo pai e pelo avô.

O destino: o salão paroquial da Igreja do Roseiral, bairro rural de Colombo. Ali aconteceria a quarta etapa da atual temporada do Mitsubishi Outdoor 2007. Entre as provas propostas para os competidores, essa, número 26, talvez fosse a mais difícil: ser juiz de um jogo de mora.

A mora é uma variante de morra, jogo muito popular na Itália e em outros países do mundo, principalmente nos mediterrâneos, como Espanha, Portugal e Grécia. Há registros da mora na Antigüidade, sendo praticada pelos egípcios, romanos, durante o Renascimento. Foi jogado também no Oriente – Islã e China.

A regra do jogo é simples: consiste em adivinhar a soma dos dedos que são mostrados pelo adversário e por

you. "You have to calculate the thought of the people and the other. Then if the other calls 3, let's say, and I call 5, that counts, it doesn't count. You have to always see if the other only plays equal, you have to switch fingers, if he calls only two, two, two he takes you. You have to always switch, switch and think of what the other takes, it's like stealing the thought of the other let's say.", explains Paulino Gasparin, his Pauleto.

It is possible to play one against one or in doubles, being indispensable the presence of a judge who calculates the points for each side, that reach 10. Mission nothing easy: very few of the teams that passed through the parish hall of Roseira managed to get the score, being that the final winner of the stage revealed to have found the proof of "due, tri" one of the most difficult of all.

A large part of the gentlemen of the group learned with the 'older ones': accompanying the parents, uncles, aunts and watching the tournaments being held, as remembers Hermenegildo Busato, "until late hours of the night". "It was the old ones who played: the deceased Vidolin, Antonio Strapasson, had Vitor Cavalli; they gathered and played until late hours of the night. And I still like to play. I played trick, mora, baralho, I played everything." The game, however, was forgotten. It was only from 2005 that the Municipality of Colombo passed to encourage the practice in the Uva and Wine Festivals, making the "Tournaments of Mora" an attempt at valorization of Italian culture: "And after that the municipality started to encourage in the Uva and Wine Festival, we started to play again. And now there are a lot of new people who want to learn, I have the children there that sometimes play



Mora!

entre eles, meio mal, mas eles fazem barulho!”, diverte-se Frideto.

Barulho é algo que não falta na mesa de jogo. Todo o “balé” é feito com as mãos, que, colocadas ora com a palma para cima, ora para baixo, de lado, servem para confundir o adversário, e dificultar o cálculo. Apesar dos truques, seu Pauleto afirma que se trata de um jogo fácil, que todos podem aprender, inclusive as mulheres. Ele, que já ensinou para a esposa – “Não digo que ela sabe jogar assiim..!” – acredita que mais pessoas deveriam ser incentivadas: “Tudo vai de começar, e depois que começou tudo fica mais alegre. A saúde melhora!”.

Além da mora, o grupo joga baralho, baineto – jogo também tipicamente italiano, trazido pelos imigrantes. Alguns ainda jogam bocha nos finais de semana, mas a maioria revela que jogava mais antigamente, “quando a saúde deixava.”

A importância do incentivo ao jogo é, sem dúvida nenhuma, a preservação da mora, que para os participantes é algo crucial: “Mas eu gosto disso aí, é uma tradição dos antigos, eu gosto. Então a gente deve manter a tradição senão acaba”, diz seu Angelo.

Músicas e canções

“Música? Ah, se for bonita a gente gosta! Pode ser italiana, pode ser em outras línguas, não tem problema.”

José Seccon – vinicultor

“La Ninetta, la giunta al valo, è quando stata metà del valo che la pino, ta la ven ga ga. E presto presto, ciamare el medico, e presto presto, ciamare el medico che la pino, ta la guarirà. E quel dottore, será un veccioto, se quel dottore será

un vecioto che la pino, ta La morirà. Se quel dottore, será un bell'uomine, se quel dottore será un bell'uomine che la pino, ta la guarirá."

Angela Coletto Ceccon

"A mamãe cantava as músicas italianas, e eu ajudava, mas não me lembro. "Nineta come va... pode ser que eu ajude. Ninetta come va la, pupa la mi va ma, che prima di morire, con lu voglio palar." Dona Iolanda Wanke, assim como a maioria dos habitantes da sede de Colombo, lembra das músicas cantadas pelos pais e avós: "Quel mazzolin di Fiori", "Mèrica", "Ninetta", "Siam partiti", "Santa Lucia". E também das que fizeram mais sucesso no seu tempo. Carmem Miranda, no caso de dona Iolanda; Jovem Guarda, no caso de Clara Wotecoski Busato, e chorinho e valsas para Zaro Taverna.

A música esteve sempre presente na vida dos descendentes, ainda mais antigamente, como enfatiza dona Carolina, "que tinha umas músicas bonitas!"

"Depois de carpir o dia inteiro, a gente ficava cantando até às duas da manhã, para acordar de novo às cinco!", conta seu Isidoro Pavin. "Tinha bastante canto! Tanto que até nos casamentos nós cantávamos junto", lembra dona Iracema. "Eu gostava de cantar italiano com o meu velho, e os Busato tem uma voz bonita, todos eles, e o meu velho você sabe que ele é Busato também", completa, falando da fama dos Busato como bons cantores. "Meus tios cantavam muito em italiano. Quando era dia de casamento eram cantos em italiano.", lembra-se dona Bernadete.

Como acompanhamento: violões, sanfonas, gaita. As músicas variavam, das italianas às sertanejas, e o simples fato de ter um violão e uma gaitinha de boca já era motivo para festas ao ar livre. "O Nene Pucca, que tocava violão bem e também cavaquinho, vinha e tocava. Nós dançava no

gramado, naquele beco ali, a gente se divertia!”, lembra-se seu Renato.

As serenatas também estavam na moda: na frente da casa da família Lovato elas eram comuns, já que ali moravam oito meninas. “Papai não se opunha porque ele sabia que o pátio era grande e tinha a cerca, e que eles (os cantores) não vinham muito perto”, recorda dona Bernadete rindo, justificando a calma do pai, geralmente tão rígido. “Lá de cima, a gente abria a janela lá do sótão onde a gente dormia, e ficava ouvindo”, conta.

E nem os estrangeiros escapavam da música italiana! “É por isso que eu fiquei com ouvido de italiano!”, revela Victor, o filho de russo e alemã, que morava com a família na região onde “só dava italiano”. A parede de madeira que separavam as casas eram finas, e nos gramofones dos vizinhos as músicas dos cantores italianos Guido Schipa, Gino Becker e Beniamino Gigli rolavam soltas, tomando conta do ambiente. “De um lado o gramofone, do outro também; era mulher cantando aquelas músicas líricas; tudo cantor clássico, só música italiana, de tenor, ópera”, conta ele. “Tocava de um lado, eu cantarolava do outro, queria imitar os cantores!”, diverte-se.

Pé na estrada

Caminhar quilômetros, quilômetros e quilômetros era comum antigamente, e ninguém reclamava – pelo contrário, até servia como diversão. Como conta o seu Renato, ir à pé de Colombo para Tamandaré, quando não havia nada de interessante para fazer na cidade, ou quando tinham partidas de futebol, era o programa dos finais de semana.

“Toda noite nós fazíamos fió!”, contam Sarita e Maria de Lourdes Ceccon sobre as visitas com conversas mantidas

com os vizinhos à noite, depois do jantar. A falta de energia elétrica incentivava os passeios noturnos, já que não havia “nada para fazer, rádio nem nada, tinha que ir para rua!”.

Os vizinhos visitados podiam ser próximos ou, como no caso das irmãs, mais distantes: elas iam freqüentemente visitar uma tia que morava “lá para baixo do tanque” – cerca de um quilômetro de distância da sua casa. iam geralmente em grupos grandes, com irmãos e primos, somando mais de dez pessoas. Voltar no escuro, depois, era o problema: “Eles subindo viam as ‘avisage’. Se cansavam de ver. Se matavam tudo, iam para casa correndo se matando de medo!”, ri Sarita. Mesmo assim, não havia arrependimento e sim saudades. “E depois era tão bom ir fazer o fió, e só falava das ‘avisage’ e depois tinha que ir para casa.. e o medo de ir para casa! Meu Deus, como era gostoso aquele medo!”

Em grande estilo

“Pois uma vez o Cassino de Sevilla... você já ouviu falar do Cassino de Sevilla, da Espanha? Que reunia os melhores músicos do mundo, que nem faz hoje o time de futebol da Espanha. Pois trouxeram o Cassino de Sevilla para tocar por duas horas, de tarde!”, vibra Zaro Taverna ao lembrar da vinda do grupo famoso para Colombo.

Foi o “velho” Nino Mottin, que gostava de dançar valsa, que chamou o grupo num domingo, “não o grupo todo, umas 20 pessoas”, com aqueles “violinos, rabecões”. O grupo tocou tudo, e, depois de duas horas, acabou o contrato. E Nino “ficou triiiste”: “Fale compadre para eles quanto eles querem para tocar um pouco mais pra nós”. “Ah, mas eles cobram muito caro”. “Peça para eles tocarem até as duas da manhã”. Nino no final pede para tocarem até as

quatro. “Os caras ficaram bobos, e tocaram até as cinco!”, lembra-se Zaro. Tudo no salão da Sociedade Colombo.

Construída no dia primeiro de outubro de 1905, a Societá Italiana Cristoforo Colombo era uma sociedade de mútuo socorro: ali, os imigrantes se reuniam, com o objetivo de ajudar-se entre si. O lema da instituição era a promoção do bem estar, da moralidade e da instrução.

A instrução era feita por meio das aulas em italiano, dadas por João Batista Lovato, tio-avô de dona Bernadete: “Meu tio deu aulas de italiano ali”, lembra-se. “Os alunos se vestiam de branco, e tinham um boné com as iniciais da Societá Italiana.” João Batista Lovato comunicou ao governo no dia 24 de novembro de 1910 a existência da escola particular italiana, que contava então com 42 alunos, todos homens, como explica Elaine Cátia Falcade Maschio: “A participação restringia-se apenas a pessoas de origem italiana e, exclusivamente, do sexo masculino.”

Além da educação, a assistência médica era também um dos serviços oferecidos pela Sociedade. Por mil réis por mês, os sócios poderiam ter acesso aos benefícios.

Localizada em um terreno particular, que foi vendido em 1937, a Societá acabou; sendo “transferida” para rua XV muitos anos depois: em 1959 era fundada a “Sociedade Colombo”, local de confraternização, onde todos se reuniam, jogavam bocha, iam aos bailes. “Quem construiu essa sociedade aqui foram os filhos de imigrantes, pela falta da outra ali, eles sentiram a necessidade de ter um espaço e fizeram”, conta Angela Mottin.

E como usaram o novo espaço! “Aqui tinha um clube, ainda tem, a gente ia muito dançar, tudo, levava as crianças. Lá em cima tinha umas camas, então a gente deixava as crianças dormindo e dançava até o final do baile!”, ri dona Irene, ao recordar do clima alegre do salão. “Tinha valsa, tango, samba. tinha baile caipira, carnaval. Não se perdia um baile!”



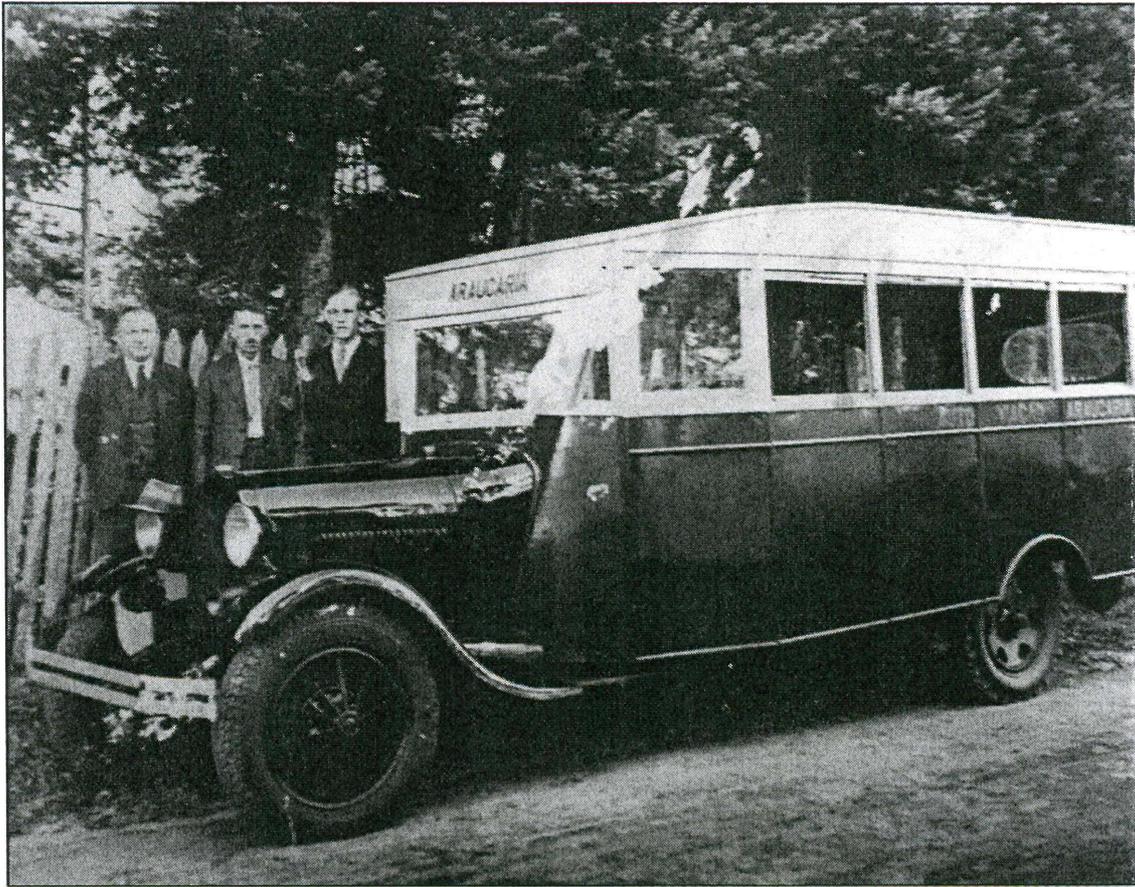
*Società Cristofero Colombo.
Acervo Departamento de Cultura de Colombo.*

“Agora os bailes de fim de ano!”. Nada se comparava aos bailes de fim de ano, no tempo do champanhe mesmo, “não era espumante”; com todas as mesas e cadeiras enfeitadas; quando “só associado entrava”, apesar de mesmo os mais “pobretões” também participarem. E tinha que vir com gravata, “senão não dançava”, e à meia noite, apesar de pouca gente, “parecia um time de futebol pronto para entrar no campo!”. “Muito bonito.”, conclui Zaro Taverna.

Nos cliques de antigamente

Luiz Franceschi, pai de Vitório Franceschi, foi o primeiro fotógrafo de Colombo. Grande parte das fotos do acervo do Departamento de Cultura do município foram feitas por ele: por ter mais posses, ele comprou uma máquina fotográfica, “porque não era qualquer pessoa que tinha a máquina”, conta Edilson Maschio. “Eles têm um pouco mais de recursos; se você pesquisar nos casamentos, você vai ver que entre os padrinhos, uma das famílias era a Franceschi, por quê? Porque eles tinham um carro para levar a noiva”, explica.

Depois de comprar a câmera, Luiz começou a tirar fotos e se especializou como fotógrafo, registrando os principais eventos de Colombo. “Lembro dele fotografando, lembro de um dos casais, um dos primeiros que tinha feito bodas de ouro”, conta Leoni Franceschi Tosin sobre o seu avô. “Ele era assim bem ‘legalzão!’ Não era muito alto. Ele gostava da fotografia. Era um tripé, ele punha a máquina em cima e tirava a fotografia. Mas não lembro ele com o pano preto, aquele pano que colocava, não sei”.



*Luiz Franceschi, Jacob Mottin e Vitório Franceschi,
proprietários da primeira empresa
de ônibus de Colombo.
Acervo Departamento de Cultura de Colombo.*

Franceschi revelava todas as chapas de vidro em sua casa, “ele tinha tudo ali”, lembra-se Leoni. Posteriormente surgiam outras máquinas no município. “Mas primeira máquina que se têm referencia é a dele”, conta Edilson.



*Inauguração do prédio da Câmara Municipal
da Vila de Colombo
Acervo Departamento de Cultura de Colombo*

Tutti politici, tutti ladri!
Todos políticos, todos ladrões!

A foto velha, um pouco desbotada, escura em sua maior parte, deixa transparecer somente um vulto sério, já velho, de um homem que olha para a câmera fixamente. Os olhos são fundos, e pela falta de definição da imagem transformam-se em dois borrões pretos, que contrastam com o cabelo branco, e misturam-se com a continuação da testa. Percebemos ainda um casaco preto – provavelmente um terno – em V, com uma gravata do tipo borboleta colocada sobre a camisa. A foto é 3x4, e olhando para ela não conseguimos, nem de longe captar toda a história deste imigrante que veio da Itália e se estabeleceu junto com os pioneiros de Alfredo Chaves.

Francisco Busato, aos 36 anos, no dia 24 de agosto de 1887 se naturalizava cidadão brasileiro. O objetivo, além das muitas regalias que receberia, era mais ousado: o de tornar-se prefeito. Ousadia que virou realidade 12 anos depois, quando seria o primeiro imigrante italiano eleito não só em Colombo, mas em todo Paraná.

Revelando desde logo “seu espírito de liderança”, tendo já instalado uma serraria, um moinho e a fábrica de louças, Francisco Busato agora dava seus primeiros passos na política. Os boatos, tão comuns nesta área, dizem que a população da época não gostava muito de seu governo, apesar de todos os mais velhos falarem bem do italiano: “Eu não sei porquê essa história, porque eu nunca ouvi alguém falar mal, todo mundo tem uma recordação boa dele”, conta a sua trineta, Angela Mottin. “Ele está à frente de todas as

reunioes políticas e de tudo que tinha alguma coisa registrada, ele está ali”, acrescenta.

O homem líder, que tomava a dianteira de tudo, apesar de sério nas fotos e nos debates e decisões políticas, tinha um outro lado: brincalhão e alegre. Os netos Evaristo Busato e José Busato sabem sobre os passatempos preferidos do avô: cantar, beber vinho, fazer brincadeiras. Mas na hora de trabalhar, o conversa era outra: “Teve uma família grande, quando tinha algum serviço grande para fazer, ele chamava a família: ‘Oh, aquele serviço ali é grande, precisa de mais (gente) fora eu” (risos). Mandava a família fazer o serviço. Ele era muito brincalhão, sabe. Ele gostava de brincadeira”, diz Evaristo.

Já José não conheceu muito o avô, tinha 10 anos quando ele morreu, e por isso tem poucas lembranças de sua vida: “Ele gostava mesmo de se divertir, caçar era com ele mesmo! Eles faziam passarinhada lá para baixo do tanque, reunia todos os italianos e tomavam 200 litros de vinho no sábado e no domingo!”. Ele narra também a famosa negociação feita pelo italiano, que ao chegar à praça Tiradentes, na antiga estação ferroviária, se encantou por duas peças de queijo provolone, enormes. “Custava 10 mil réis cada queijo, e ele não resistiu: trocou dois queijos por um terreno que ele tinha, e 20 mil réis. Isso há 140 anos.”

Capa Preta x Capa Branca

“ELEITOR, JÁ QUE O SR FRANCESCHI NÃO LEVA A SÉRIO ESSA ARMA PERIGOSA QUE É O VOTO – DÊ UM TIRO CERTO, VOTANDO EM MANOEL COSTACURTA E DURMA TRANQUILO”.

João Batista Stocco – Prefeito Municipal, setembro de 1963.

Eleito em 1952, Vitório Fransceschi era o verdadeiro político de Colombo. Esperto, ele aproveitava as festas e outras celebrações religiosas – inclusive velórios – para cumprimentar, dar o exemplo, ser visto e percebido. Dizem que ele chegava na Igreja depois de todos, ia andando pelo corredor calmamente e, quando chegava lá na frente, colocava a mão dentro do paletó e tirava a fita de mariano. Beijava a medalha, colocava-a no pescoço. Era um católico, mas era político. Foi em seu governo que começou a disputa entre os dois partidos políticos: os Capa Preta e os Capa Branca.

João Batista Stocco – que seria eleito prefeito na eleição 1959 – era o candidato dos Capa Preta, da resistência, contra a gestão de Fransceschi. Este último fazia então parte do Capa Branca, o partido da situação. As famílias dividiam-se no momento de apoiar os candidatos: os bairros da Serrinha, Fervida, eram a favor dos Capa Branca. Na vila as famílias dividiam-se: os Mottin, por exemplo, eram dos Capa Preta; já os Nodari eram do Capa Branca.

A cidade pegava fogo nessa época, tendo inclusive os bares divididos entre os dos Capa Preta e dos Capa Branca. Os membros de cada facção não podiam chegar no espaço do concorrente: era briga na certa. Apesar das disputas políticas, Vitório Fransceschi trouxe muitos benefícios para o município, como diz sua filha, Leoni: “Ele foi prefeito em 1951, quando ele entrou como prefeito a prefeitura não tinha nem uma pá, nem um carrinho de mão, ele começou. Não tinha nem uma máquina.” Ainda segundo Leoni, foi no governo de seu pai que foi instalada a energia elétrica em Colombo e a rua XV foi nivelada e canalizada.

Os panfletos da época, porém, negam todas as promessas de Fransceschi. As “Cartas Abertas ao Povo de Colombo”, escritas em 1963 pela oposição, que apoiava o

candidato Neco – Manoel Costacurta – para as próximas eleições, desmentiam todas as realizações do ex-prefeito:

- Sobre a compra de máquinas para o município: “Ele diz que comprou MÁQUINAS – ONDE ESTÃO?”

- Sobre ser católico: “O mentiroso é colega do Diabo e não líder Católico”

- Sobre a instalação da energia elétrica: “O Franceschi passou oito anos negando luz para todo mundo”

- Sobre a construção da estrada Colombo – Curitiba: “A única coisa que o Franceschi fez foi tentar embargar e tudo a dita estrada, até que um dia o engenheiro construtor deu-lhe um corridão, desses de dar medo”

E finalizava: “Examinemos bem os dois candidatos e veremos que o NECO é o amigo do Município e seu amigo também, é o candidato ganhador e o Franceschi já se desmoralizou perante o povo pelas suas bandalheiras e já perdeu na vez passada para um homem desconhecido no Município e que foi a salvação de Colombo”.

O desconhecido citado no panfleto é provavelmente Gabriel D’Anúncio Strapasson, vencedor na eleição de 1955. Em 1959, depois da eleição de Stocco, ainda com o clima político em chamas, as coisas continuavam funcionando de forma simples, quase ‘caseira’ na prefeitura. Dona Maria de Lourdes Ceccon trabalhou ali por na gestão de Stocco, lembra-se do local com apenas cinco funcionários. “Era ele que trabalhava (o prefeito), o Ito Wanke e o Adir Silva, eram em três que trabalhavam lá dentro com as máquinas. Fora tinha um tratorista e um caminhão, com um motorista. Eu era a zeladora”, conta dona Maria de Lourdes. “Mas o prefeito trabalhava o dia inteiro, e ainda se via louco para pagar os cinco que ele tinha!”, conta impressionada.

Apolíticos

“Eu tenho um nojo de político, me dá dor de barriga falar de política”, confessa Helder Marino Bobato. Já Clara Wotecoski Busato, quando questionada sobre a política de Colombo, lembra de uma manifestação em que bateram panelas na frente da prefeitura, na gestão de Djalma Johnsson, em 1977. “Só não me lembro o motivo.”

A maioria dos habitantes de Colombo não se interessa muito por política, como Bobato e Clara. Apesar de relacionarem os principais fatos à gestão dos prefeitos – como a vinda de luz com a administração de Vitório Franceschi, por exemplo – não se lembram de outros detalhes, nem contam as histórias com tanto entusiasmo. O que pode ser um reflexo dos imigrantes pioneiros, que eram apolíticos, não possuíam nenhum posicionamento, como confirma Angela. “Nunca ouvi falar. A partir do Franceschi que o município começa a ter a vida política mais ativa. Antes, era o grupo de imigrantes que queria transformar o lugar”.



*Monumento em homenagem aos pracinhas da FEB
Acervo Departamento de Cultura de Colombo.*

De repente, o silêncio. Os meninos ‘de mais idade’ ficam quietos, imóveis, escondidos na palha do paiol, para não serem levados pelos soldados da Revolução que passava pela cidade. “É porque eles levavam os cavalos, e eles tinham medo que levassem eles também. E daí se escondiam lá, ficavam todos escondidos”, diz dona Carolina, dona do paiol. Os soldados, que vieram de Santa Catarina a cavalo, ficaram uma semana acampados no município. “Mas era só milho, onde eles paravam eles queriam só milho”. Por que milho? “Para tratar os animais. Pegavam, levavam os animais”. Devolviam? “Não, não devolviam”, conta ela, sobre o que lembra da Revolução Constitucionalista de 30.

De repente, o silêncio. O pintor tem seu ateliê confiscado e seu violino levado. A música e a arte cessam na casa de Pedro Bobato. O motivo? Era descendente de italianos. “Quem era descendente de italiano eles perseguiram. Tomaram cavalo, rádio, imagine coisa de pintura na época aquilo não podia.”, explica o filho, Helder Bobato, sobre a repressão sofrida durante a época da Segunda Guerra Mundial. “Quando minha mãe (Amália Pontarollo) e o pai foram casar lá em Iguituva, prenderam o padre porque o padre falou em polonês”. Para Helder, apesar do tempo – mais de 60 anos – “essas coisas estão marcadas ainda”: “O pai tocava violino, o pai tinha um violino e tomaram o violino dele. Isso está me doendo até agora”, desabafa Bobato.

De repente, o silêncio. As crianças não podem mais se expressar em dialeto, ensina a professora, em hipótese

nenhuma. Elas entendiam o dialeto, mas respondiam em português: porque no plano nacionalista de Getúlio Vargas, era permitido entender, mas não podia falar. “Na época da guerra, elas (as professoras) ensinaram que nós não podíamos falar italiano, porque a Itália era contra, era a favor da Alemanha. Que nós não podíamos falar italiano”, conta Bernadete. Dito e feito: no caminho para a escola, as duas Bernadetes – ela e uma prima de mesmo nome – iam falando em português, para não chamar a atenção. Conversa que consistia na repetição das mesmas palavras, já que as duas podiam ser hábeis no dialeto, mas ainda não sabiam formar frases muito bem na língua portuguesa. “Chegando principalmente perto da prefeitura, da delegacia que era perto, a gente ia dizendo: ‘Cadernos, eu fiz bastante conta; o livro, estudei os verbos.’ A gente ia tagarelado sempre a mesma coisa até chegar na escola para não falar italiano. E depois lá dentro falava-se em italiano”, lembra ela.

Além disso, eram obrigadas a soletrar várias vezes as palavras, para perder qualquer tipo de sotaque, e se insistiam em pronunciar a língua ‘de casa’, acabam tomando um único caminho, como diz Fábio: eram punidas – “a questão de apanhar com régua na mão é clássica” – e emudeciam definitivamente em sala de aula: “Não falar nada. ‘Vou falar o que, eu não sei falar português’.” Isso explica a rápida perda – por parte de muitas pessoas da terceira geração – do hábito de falar dialeto, e do sotaque. Fato intensificado pela política da época: o governo getulista não permitia nem a fala e nem a escrita de outras línguas que não fossem o português.

De repente, o silêncio. Os sonhos felizes do então menino Evaristo Busato se transformam nos horrores da guerra, lidos por seu pai. “O falecido papai tinha correspondência, tudo por jornal, vinha um jornal de correspondência, por mês, por navio. Então eu era ‘pinantão’ ainda, ele lia o jornal, e me arrepiava o cabelo”, conta.

Evaristo se impressionou tanto que até hoje sonha que está na guerra. “Faziam aquelas barbaridades, faziam aqueles montes de gente, queimavam tudo, nas batalhas.”

Mães da gruta

Em Colombo, cerca de 19 soldados foram convocados para as revoluções de 30 e de 32, entre eles Antônio D’Agostin, que se lembra da sua atuação na Revolução, no depoimento para Sebastião Ferrarini: “Partimos de Colombo com o comboio das 18 carroças, à paisana, levando mantimentos, armas e munição, acompanhados pela cavalaria do Rio Grande do Sul. (...) Os canhões eram puxados por burros. Em Capão Bonito (SP) não houve tiro. Os paulistas levantaram a bandeira vermelha de Getúlio Vargas. No fim de dezembro de 1930 eles regressaram a São Paulo e nosso comboio voltou!”

Já para a Segunda Guerra Mundial, integraram a Força Expedicionária Brasileira – FEB, 28 colombenses, e a Força Aérea Brasileira – FAB, apenas quatro.

É muito difundida entre os moradores a lenda da gruta do Bacaetava – situada no bairro de mesmo nome a 14 quilômetros do centro. Ali, os soldados convocados se refugiavam e evitavam assim ir à guerra.

Os desertores ficaram escondidos cerca de dois meses, e durante esse período recebiam a visita das mães, que levavam comida e roupas. “Elas levaram a imagem de Nossa Senhora de Lourdes que servia de pretexto para irem rezar lá todos os dias, pela segurança dos filhos”, conta Angela Mottin.

As mães levavam as roupas no próprio corpo, por baixo das suas. Elas trocavam assim as secas que traziam, pelas úmidas dadas pelos filhos, depois de ter passado toda a

noite na gruta. Os alimentos também eram levados camuflados, e a rotina teria sido repetida diariamente, sem nunca ter levantado suspeita dos policiais ou outras autoridades.

Un' altra Colombo!
Uma outra Colombo!

As placas e outdoors espalhados nos 23 quilômetros que separam Curitiba de Colombo já dão uma pista de que estamos entrando em uma cidade de descendência italiana: “Pavin, Pavin construções”, “Gasparin construções” “Supermercado da nonna”, “Ristorante Grande Famiglia”, “Genova Car”, entre outros. A viagem demora cerca de uma hora, de ônibus, do centro de Curitiba até o centro de Colombo, e passamos pela Rodovia da Uva, uma estrada inteiramente asfaltada e sem buracos nem obras. Mas nem sempre foi assim.

O asfalto em Colombo demorou a chegar; só em 1971 seria assinado o termo de asfaltamento da rodovia, pelo então governador Haroldo Leon Peres. Até lá, as jardineiras e, antes delas as carroças, atolariam muito no barro que se formava nos dias de chuva. “Pra transportar o vinho do Rio Branco para cá era tudo de carrocinha, estrada tudo de barro, quantas vezes eu posei na estrada. Encalhava a carroça tinha que deixar a carroça, tirar os cavalos e posar lá na casa dele (cunhado), um pouco distante, uns dois, três quilômetros. Quantas vezes que aconteceu isso!”, lembra Evaristo Busato.

Algumas vezes, era necessário esperar outra carroça chegar, para usar os cavalos para desatolar a da frente, lembra-se Frideto. E com as primeiras jardineiras não era diferente.

“O dono era o Santin, marido da Leonor Fransceschi, né”, recorda Irene do Rosário Fontoura Batuí, dona Irene.

“Era um ônibus assim bem antigo, Deus me livre, a gente saía demorava uma hora e meia, duas horas e até três! Porque tinha lama, né. E ele tinha que chegar num lugar e colocar uma corrente”, conta. “Tinha também duas fileiras de bancos, e uns banquinhos no meio. Esses banquinhos eram guardados na frente, à medida que as pessoas iam entrando eles iam pondo o banquinho, porque não ia ninguém em pé.”

Os horários também eram poucos; no começo funcionavam só uma vez por semana, a cada 15 dias. Com o tempo, passaram a funcionar diariamente, mas ainda assim com poucos horários. Helena Lovato lembra da época que o ônibus fazia só três viagens por dia: às 6 e meia, meio dia e três da tarde. Mesmo assim, era um meio usado por todos. “No meu tempo, para você ver, o juiz vinha no mesmo ônibus, o promotor... eram poucos horários, mas eles não se davam ao luxo de vir de carro, vinham de ônibus também.”

Fiat Lux!

“Relógio não existia, calculavam as horas pelo sol. Tinha um senhor, Francisco Berro, teve uma longa enfermidade. Ele falava para os vizinhos ‘Hoje é momento da lua..’, sabia quando era lua nova, crescente, cheia e minguante, sem se mexer da cama.... o lampião da noite era para iluminar, ter claridade. Faziam um feixe de taquara e acendiam” (Angela Ceccon)

A luz demorou para chegar no município de Colombo. Apenas em 1952, no governo de Vitório Manoel Franceschi, que a rede de iluminação foi efetivamente distribuída e funcionou bem. Antes disso, como diz Angela Ceccon, a iluminação era feita a lampião. Os lampiões não iluminavam apenas o interior das casas: eles eram presos aos postes, formando assim a iluminação pública. Existia na época –

entre 1900 até 1920 – um zelador: a pessoa responsável pela manutenção destes lampiões. E que devia não só mantê-los sempre abastecidos com querosene, mas acendê-los entre às 18 e 20h, e apagá-los às 22h. Mesmo com registros apontando a presença dos zeladores até 1920, os depoimentos confirmam que eles permaneceram por mais tempo. Rose Morrin lembra-se de um homem “que vinha apagar, poste por poste, cada poste tinha uma tomada”. “Era um sarro de ver!”, acrescenta.

Em 1921, um contrato assinado pelo então prefeito Eduardo Ferreira Guimarães, para a instalação da luz elétrica no município nunca foi executado. Só dois anos depois, o prefeito Guimarães concede a Francisco Beira Fontoura a instalação da rede elétrica, e, apesar do contrato entrar em vigor, a luz era fornecida até determinado período do dia, sendo o gerador uma máquina velha que quebrava freqüentemente.

“Eu lembro da época que a gente acendeu a luz pela primeira vez! Meu Deus que emoção, que loucura!”, ri Rose Mottin. “O radinho funcionando, meu Deus!”, diz, relembando a emoção de ter energia elétrica. “E os mais velhos ficaram loucos, diziam que o mundo estava acabando!”.

“A luz veio, eu tinha o Antoninho – ele fez 52 anos – então acho que ele tinha dois anos. Eu acendia a luz e ele não dormia mais, porque dizia que era dia! Eu tinha que acender o lampião, daí ele sabia que era noite. Até ele acostumar”, conta dona Iracema sobre a chegada da luz, 50 anos atrás.

Clara Wotecoski Busato conta que a primeira coisa que comprou quando chegou a luz foi uma geladeira. “Quando chegou luz a gente ficou bem feliz, na outra semana já corremos comprar geladeira, a primeira coisa que a gente comprou!”. Pia Luiza Lovato Wotecoski, dona Luiza,

esposa de seu Renato, também lembra-se com entusiasmo da primeira geladeira, “que foi uma novidade!!”, diz rindo.

Nas ondas do rádio

“Rádio a gente tinha a pilha, grandes, nunca faltou (...) Lembro de uma radiola que meu pai comprou, grande, tinha uma manivelinha que dava corda. Meu irmão mais velho, Renato, escutava música com os vizinhos de noite” (Clara Wotecoski Busato).

“Eu me lembro do primeiro rádio que teve em Colombo, o sogro do Pedro Strapasson, comprou o primeiro rádio de Colombo. Nós íamos assistir lá, meu Deus do céu! Aquele rádio era um troço tudo cheio de chiadeira, com bateria, tudo chiado, mas a gente ia assistir o Belarmino e a Gabriela, aqueles cantores sertanejos. Três modas eles cantavam. Nós íamos lá para assistir aquelas três modas!” (seu Frideto).

“O rádio foi meu tio que nos presenteou, foi uma animação! Porque senão a gente ia na vizinha de vez em quando! Até que papai descobriu que tinha novelas e não deixou mais a gente ir. Um dia demoramos um pouco mais, papai veio ver o que estava acontecendo, e por azar aconteceu lá que nasceu uma criança e começou a chorar. Ai meu pai: ‘O que era aquilo?’. Aí nós fomos andando meio na frente, uma não queria contar, a outra também não, depois ele não deixou mais” (Bernadete Lovato).

“E as novelas?! Nossa, ficávamos o dia inteiro com aquele rádio escutando as novelas!!” (Rose Mottin).

O rádio nunca faltou na maior parte das casas dos moradores de Colombo no começo do século, e, mesmo

quando não tinham o seu aparelho próprio, era comum se reunirem na casa dos vizinhos mais próximos para escutar as novelas e as modas. Já os jornais, a maioria dos entrevistados não se lembra de ter acesso, fora algumas exceções, como o pai de seu Evaristo Busato, que recebia correspondência da Itália. A grande parte lembra-se apenas na década de 40, com a Folha Agrícola de Colombo.

Já a “chegada” da televisão é lembrada com mais emoção.

Um rádio que você vê a pessoa falar?

Quarenta e sete anos atrás, dia 31 de maio. Walfrido Bonato, seu Frideto, vai para a coroação de Nossa Senhora do Rosário, agradecer pelo filho que acabara de nascer. Está feliz, e, no meio da multidão, encontra Antonio Puppi, dono do armazém Puppi.

- Frideto, venha ver uma coisa, eu comprei um rádio que você vê a pessoa falar lá no outro lado.

- Mas como?

- Venha ver.

E, de fato, dentro do armazém de Antônio Puppi, encontra uma televisão em branco e preto: “Aquele rádio que você via, fiquei bobo, fiquei bobo”, lembra-se Frideto.

Seu Bibi Busato também levou um susto quando viu a primeira televisão, não em Colombo, mas em Osasco. “Eu fiz uma viagem para Osasco nos padres lá, e disseram: ‘Vamos ver um negócio aqui que você nunca viu’. E daí me apresentaram a tevê. Eu quase fiquei doido! Para mim foi uma novidade, nunca tinha visto aquilo, fiquei bobo de ver! Deus me livre! Eu disse ‘Como é que pode um homem falar lá dentro?’”.

O filho de Antonio Puppi, Ronaldo Puppi, na época estudava eletrônica, e foi ele quem começou a montar e a vender os aparelhos para os colombenses. Com as peças

trazidas de São Paulo, montava um por mês, por meio de encomendas. “Daí o Ronaldo Puppi vendia, e a segunda televisão que teve em Colombo foi na casa do meu sogro. Então, de tarde, tudo os vizinhos se reuniam para assistir”, conta seu Bibi Busato.

De uma maneira geral, a chegada da televisão reunia, como acontecia com o rádio, os vizinhos nas casas de quem já possuía o aparelho. Dona Luiza, por exemplo, gostava muito de assistir lutas de boxe, e ia freqüentemente à casa de seu pai ou de seu irmão para ver as disputas. “Não perdia uma!” Se dependesse de seu Renato eles não teriam tido televisão tão cedo, mas não deu para escapar: “Eu não queria saber, mas tinha que comprar porque eu chegava do serviço não tinha ninguém em casa: tudo lá no vizinho assistindo!”, conta seu Renato.

Salvadores e parceiros

“Não tinha luz, não tinha farmácia, não tinha médico, não tinha nada”, enumera seu Frideto. “Farmacêutico era só lá no Capivari, o falecido Neco Costacurta que foi prefeito de Colombo, era nosso médico”, conta. Dona Iolanda também se lembra de Neco Costacurta, seu padrinho, como o “Salvador de Colombo”, o único doutor da região, que atendia no Capivari: “Íamos lá, ele temperava, dava muito biotônico, temperava as garrafas de remédio, pegava as ervas. Ele que era o salvador do mundo! Era o santo de Colombo, Bocaiúva, de tudo quanto é lado.”

Apesar de em 1930 já constarem registros de profissões exercidas no município (dentista, farmacêutico, médico) é só na administração de 1951 a 1955, quando era prefeito Vitório Franceschi, que a prefeitura adquire um terreno para ser construída a Casa Rural e o Posto de Puericultura. O prefeito subsequente, Gabriel Strapasson

D’Anuncio, dá incentivos à Santa Casa Colombense – Irmandade da Santa Casa de Misericórdia Nossa Senhora do Rosário de Colombo – fazendo com que se aumentasse ainda mais o acesso à saúde.

Mesmo assim, no momento de fazer o parto de algum filho, os moradores revelam ter sempre recorrido às parteiras: “Nós tivemos quatro filhos em seis anos de casados, há 52 anos atrás. A mulher nunca foi no médico! Antes de ganhar o filho não tinha médico, tinha a parteira”, narra seu Frideto. “Tinha que disputar uma mulher lá que fazia os partos de Colombo inteiro. Quantas vezes eu tinha que ir buscar de ‘caroça’ e quantas vezes ela não estava em casa, minha mulher tava ganhando nenê e ela tava atendendo outra mulher lá loonge, tinha que esperar atender aquela para depois atender a gente”, diz seriamente. “Hoje a mulher antes de engravidar vai para o médico para saber como tem que engravidar!”, indigna-se.

No fio do bigode

- Então amanhã eu vou pra Colombo, mando fazer uma promissória e venho aqui pegar o dinheiro.

- O quê? Você vai com o dinheiro AGORA e eu não quero papel. Não, não, papel não paga conta, quem paga a conta é VOCÊ, você quem vai levar o dinheiro.

“Eu fiquei alegre, confiança né. Daí já sai com o dinheiro”, conta seu Renato Wotecoski, sobre o empréstimo que fez com o tio da esposa, dona Luiza, para poder se casar, 49 anos atrás.

“Um fio de cabelo era documento naquela época”, confirma seu Pedro Busato Sobrinho, sobre como os acordos eram feitos antigamente. Seu pai comprou um terreno de 60 alqueires em Rio Branco junto com Pedro Fiorese, seu cunhado, que dividiram pela metade e, na sorte, (no par ou

ímpar) decidiram quem ficava com o da esquerda e quem ficava com o da direita. “As pessoas confiavam umas nas outras, a palavra bastava!”.

Os documentos não eram tão necessários mesmo; já a confiança, como enfatiza seu Renato era fundamental. E como era comum “comprar fiado”! Mas não durante uma semana ou um mês: mas durante o ano todo: “Nós fazíamos compra o ano inteiro no caderno, comprava o mais necessário, no falecido Pupi que era abaixo da loja Colombo hoje – lá tinha o armazém do velho Pupi. E nós comprávamos no caderno até que vinha a uva, depois nos vendíamos a uva para o fabricante e com o dinheiro da uva meu pai ia pagar o caderno”. Seu Evaristo Busato confirma a história, e conta que, se caso ficasse “um rabo lá pra pagar”, era só plantar mais parreiras para pagar o resto. “Tudo isso aí fazia fácil de fazer as coisas”.

Teria sido um sonho?

“Sabe que se eu estiver com os olhos fechados, assim, tiver na cama, eu lembro mais Colombo antiga do que de hoje... Acho que o que a gente gravou assim da infância a gente lembra bem como eram as ruas – que não tinha todas as ruas que tem hoje, né – por onde a gente passava para ir para aula”.

Bernadete Lovato

Unidos pelo olhar, pai e filha viram a cidade mudar. Rose, que do seu ateliê de costura, viu “o progresso chegar”; e seu Ernesto, que sentado na janela, passa o dia, sem ver mais nenhuma pessoa conhecida.

A iluminação, os novos estabelecimentos comerciais, as ruas asfaltadas e o grande aumento do número de casas mudou drasticamente o centro de Colombo nos últimos

anos. “O centro de Colombo tinha dez casas, coisa de louco!”, fala com entusiasmo seu Frideto. “Eu ia para cidade de ‘caroça’ porque eu plantava verdura, então ia levar para cidade. Saía as 11h da noite chegava as 7h da manhã na Praça 19 onde tem o monumento, alí que tinha a feira. Ia vender alí, 8h para chegar lá. Vender o que? Ah, vender uva, verdura, laranja”, conta.

“Aqui era tudo parreiral”, diz seu José Busato, olhando para a rua XV. “Era tudo parreiral, tudo, tudo, ali para baixo também, com cavalos, tudo. Essa rua daqui era uma estrada”, diz, impressionado também com a queda do número de moradores da XV “A maioria é casa de comércio; moradores são em seis, sete”. A praça não existia, na verdade, no centro dela, ficava a casa da família Lazzarotto. A igreja sempre existiu, apesar de alguns entrevistados lembrarem-se dela diferente, sem a escadaria, inaugurada apenas em 1925.

Além da Igreja, o Colégio Santo Antonio também é sempre citado, e com ele os principais armazéns da época: o dos Puppi, onde hoje encontra-se a Lojas Colombo; do Nico Cavassin (no meio do quarteirão da rua XV com a Leal Fontoura, dos Guarise (perto do tanque Tumirin), dos Johnssons, da cancha de bocha do lado do colégio – ou da fábrica de barro, a olaria de Anselmo Pavin, instalada ali antes do colégio – do salão de baile dos Trevisan (onde hoje é o banco HSBC).

“Eu tenho saudade, aquele tempo era mais divertido, era mais à vontade”, conta seu Bibi Busato. “Hoje a pessoa sai, não sabe se volta, antigamente era bom porque a gente podia deixar a porta aberta que ninguém vinha. Hoje a gente tem que viver trancado, os bandidos soltos e a gente fechado. Eu prefiro o modo de vida agora, o modo de segurança antes”, filosofa dona Iolanda Wanke.



*Casal de imigrantes Angelo Toniolo e sua
esposa Giovanna Paulin Toniolo
Acervo Departamento de Cultura de Colombo*

*Ma chi zé queo?
Mas quem é aquele?*

“Não contavam muito, era o jeito deles antigo, era difícil falar. É difícil porque depois que eles vieram de lá eles ficaram sem história, porque precisavam arar e fazer, sofreram o resto”.

José Seccon

Afinal, o que sobrou dos imigrantes na cabeça dos descendentes? Que idéias, que características, mitos, guardam daqueles que vieram e fundaram Colombo, e trouxeram consigo vários dos hábitos e costumes que ainda hoje são seguidos?

Uma coisa é certa: os imigrantes eram trabalhadores, sofridos, religiosos: “Sofreram os velhos, né? E fazer uma rocinha arrancava tudo com picareta os tocos, não era que nem agora.”, comenta dona Maria. “A minha família lá na Itália já rezava, já fazia igreja na Itália. A capela no Água Verde foi minha família que fez, a imagem de Nossa Senhora do Caravaggio do Capivari foi minha família que levou”, diz seu Bobato.

Mas outra coisa também é certa: eles eram briguentos, gostavam de beber, eram espertos, e não tratavam bem as mulheres. “Antigamente era pior ainda. Os italianos de antigamente eram mais ignorantes. Porque não davam valor para mulher; a mulher era criadeira, empregada, tinha que trabalhar”, revela dona Iracema.

“O nonno Liberato que veio da Itália, dizia que viúvo porque ele era bem mais velho que ela. Mas sabe daqueles

italianos sem vergonha! E ela era costureira, a nonna, ela ficava costurando de noite e ele dizia: 'Eu vou deitar'. Quando ela olhava cadê o velho Liberato? Já tinha pulado a janela!!! (Risos). Isso mamãe contava”, conta às gargalhadas dona Ana Líbera Taverna. Ela continua: “E dizem que brigavam que só vendo! Daí ela fazia polenta e a salada de chicória. Ele chegava, de certo meio bravo – porque eram muito ruins meesmo, com aqueles bigodões, tinha fotografia lá no tio Toni. Aí diz que ele pegava e jogava a salada. Ela pegava e jogava a polenta. Daí ficavam sem comida!!! (Risos)”. E não pára por aí: “ De vez em quando ele dizia: 'Ah, minha defunta Margarida'. Vá saber o que deixou lá na Itália... e aqui ele teve sete filhos, com a Angela, lá não sei quantos ficaram!!!”, diverte-se.

“Ele queria sempre fazer festa para os amigos, disso ele gostava muito! Sempre querendo fazer festa para os outros!” conta Bernadete Lovato, sobre seu bisnonno, Giacomo Lovato. Como Francisco Busato, Giacomo gostava de festar, mas não de preparar: “Ele não deixava nem os netos ficarem junto, os netos tinham que ficar lá fora. Só preparavam para ele durante o dia!”

Histórias divertidas à parte, muitos colombenses lamentam o fato de serem crianças no tempo dos nonnos e bisnonnos, e de não terem perguntado mais sobre a vinda da Itália, a viagem, a cidade de antigamente: “A gente não tinha curiosidade, agora é diferente, a gente quer ver tudo, e antes a gente não tinha curiosidade, criança. Veio da Itália, veio da Itália e pronto”, diz dona Iolanda. “A gente espertou-se de um tempo para cá sobre essas coisas. Se fosse hoje, quantas perguntas a gente não faria. Meu avô morreu com 90 e poucos anos e era sóbrio. Escutava eles porque eles não contavam direto, eles não conversavam. Se fosse hoje, a gente já fazia bastante pergunta para eles”, conclui dona Iracema.

Queo che gien. O que virá

*“Não é que a gente pega uma poesia, senta assim e já faz...
tem que...daí você escreve uma palavra lá, aí você acha outra
mais bonita e muda, de repente muda outra vez e vai indo.
Poesia não tem dinheiro que pague...”*

Zaro Taverna

Meu Colombo Antigo

No Timbu das Sesmarias
Da Colônia Alfredo Chaves
Do cultivo das sementes
Um botão floresceu.
No desabrochar dessa rosa
De nossa vila formosa
Meu Colombo apareceu.

II

Na alegria dos imigrantes
No canto da tarantela
Do fandango do caboclo
Do casamento a luz de vela.
Do romantismo do luar
Da morena um lindo olhar
Nas quermesses da capela.

III

A lavoura na terra fértil
Cerâmica nas campinas
Da rocha o minério
Da floresta a poesia.
No vai e vem da carrocinha
Lá da roça o que me vinha
Nosso pão de cada dia.

IV

Com a chegada dos imigrantes
E um povo de muita fé
Com trabalho e muito suor
Foi construída a Igreja Matriz.
Na arte das esculturas
Nos quadros de pinturas
Esta a arte de ser feliz.

V

Na velha estrada da Graciosa
Descendo a serra do mar
No transporte de nossas riquezas
A erva-mate e o nó de pinho.
E dos países estrangeiros
É que chegava o dinheiro
À nova terra do vinho.

VI

Cercada por lindas montanhas
Crescia a nossa cidade
Cercada por lindos parreirais
E muito vinho nos tonéis.
E do trabalho do homem pobre

Hoje nosso vinho é nobre
Na mesa dos coronéis.

VII

Dos personagens da história
Seus nomes nas ruas e praças
Na política e na cultura
Fazem parte do presente.
Colombo de raça e cor
É como um jardim de flor
E terra de muita gente.

VIII

Naquele ramalhete de flores
Que colhi lá na montanha
Molhe e cuide, que não murche
Que eu quero doar.
No passado de muita glória
Colocamos na memória
E na nossa história vai ficar.

João Israel Taverna – Zaro. Setembro, 2007.

O futuro a Deus pertence. E aos homens também. Muitas dúvidas persistem quando falamos da preservação da cultura italiana em Colombo.

No dia 24 de novembro de 2007, a inauguração do primeiro museu de cidade, o Museu Municipal Società Cristofero Colombo, no Bosque da Uva, foi mais uma das

iniciativas da prefeitura municipal para a valorização da cultura italiana. Na ocasião, a poesia de Zaro, Meu Colombo Antigo, foi declamada e, ao som de Mèrica Mèrica, os visitantes puderam visitar a casa réplica da Società Italiana di Mutuo Soccorso – com objetos antigos que contam a história do município. O desafio, para Edinei Bueno do Nascimento, coordenador do programa de Turismo Rural na Secretaria de Agricultura do Paraná, é “identificar e valorizar o patrimônio histórico, para assim poder fazer novas ações e projetos que preservem isso”.

A Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia procura, igualmente, preservar os aspectos relacionados à italianidade do município: com grupos de dança, canto, aulas de dialeto, acervo iconográfico e pesquisas de genealogia. Em funcionamento desde 2000 e agora com uma sede própria, na Rua XV, eles prometem lançar dois livros e incentivar mais projetos. “Um livro vai contar a educação dos imigrantes do início da colonização até a construção do colégio das irmãs, em 1917. E o outro terá informações sobre mais de 100 famílias: quem imigrou, quando, o que aconteceu depois”, revela Edilson Maschio, que faz parte do conselho fiscal e é responsável pela pesquisa de genealogia.

De acordo com Edilson, as tradições italianas vão continuar sim, como o dialeto, “que é falado por pessoas novas, de 16, 17 anos, é algo possível”. Se depender das futuras gerações, a dança, ao menos, será preservada. “Porque a gente gosta de representar a cultura italiana. Nossos parentes têm descendência italiana”, responde Gian Henrique Machioski, de 16 anos. Ele dança há “quase dois anos” no grupo folclórico da Associação Padre Alberto. “Vou continuar”, afirma.

Sejam planejadas – por meio de projetos e ações da prefeitura ou da Associação Padre Alberto – ou espontâneas – como as conversas travadas por Rose e seu Ernesto – é importante que mantenham-se vivas as tradições italianas.

Nem que seja para uma brincadeira, como diria seu Evaristo Busato. Nem que seja para fazer um fió, como recordam-se Sarita e Maria de Lourdes. Nem que seja para evitar que tudo vire só lembrança.

*“ O povo vai dizer:
‘Cadê os italianos daqui?
Acabou aquela raça de italianos.’
Tem que preservar então!”
Angelo Toniollo*

Bibliografia

BARTOLOTTI, Domenico. **Il Brasile Meridionale**. Roma, Itália: Editrice, 1930.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIDO, Jacir Francisco. **O bairro que chegou num navio: Santa Felicidade Centenário**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1978

CUSANO, Alfredo. **Italia d'oltro mare**. Milano, Itália: Enrico reggiani, 1911

DE AMICIS, Edmondo. **Sull' oceano**. Versão on line disponível em [www.pelagus.org/it/libri/SULL'OCEANO, di Edmondo De Amicis 1.html](http://www.pelagus.org/it/libri/SULL'OCEANO,diEdmondoDeAmicis1.html).

DE BONI, Luis Alberto organização. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli,1996.

DE BONI, Luis Alberto organização. **A presença italiana no Brasil vol. II**. Porto Alegre; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli,1996.

FACCHINETTI, Luciana. **Parla!: o Imigrante Italiano do segundo pós-Guerra e seus relatos**. São Paulo: Angellara, 2004

FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba Champagnat, 1992.

_____ **Da Itália ao Paraná : 100 anos depois.** Curitiba
EDUCA, 1989.

_____ **Colombo : centenário da imigração italiana.**
Curitiba: Litero - Tecnica, 1979.

_____ **A imigração italiana na Província do Paraná e o
Município de Colombo.** Curitiba : Litero-Tecnica, 1974.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus!** Rio de Janeiro:
Editora Record, 1979.

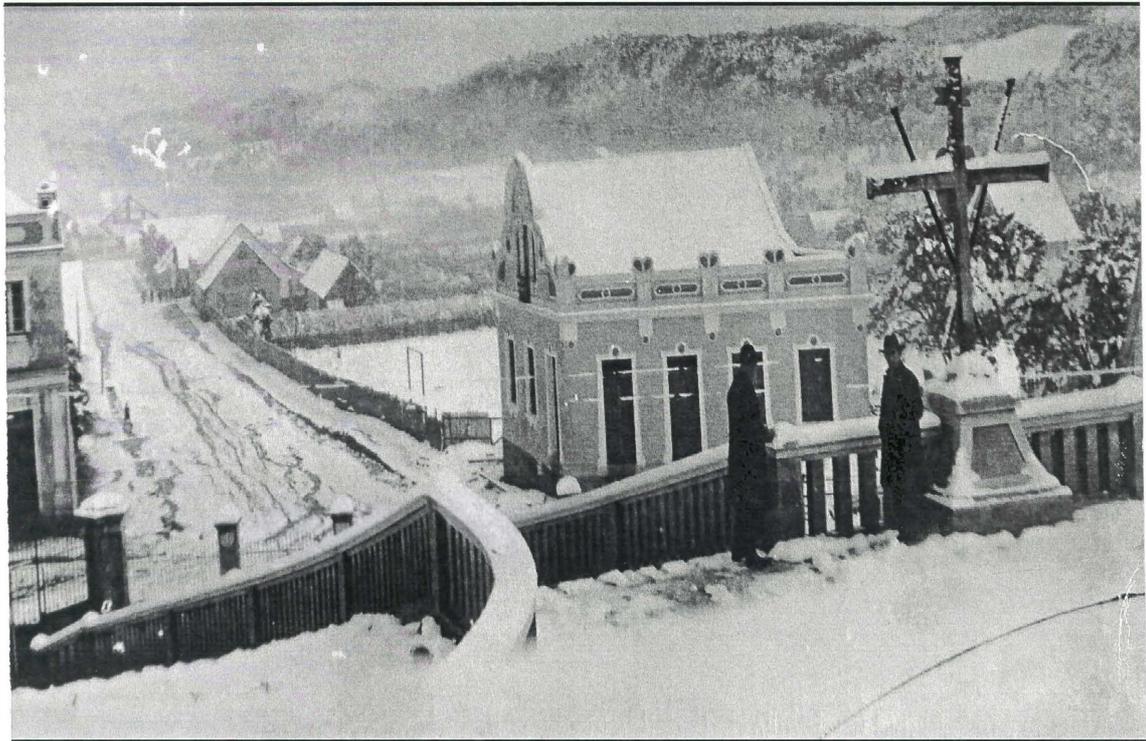
MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A preservação da identidade
cultural em um grupo imigrante italiano – Curato de
Colombo, Paraná, 1888 – 1910.** Monografia apresentada à
conclusão do Curso de História, setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba,
2004.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A constituição do processo
de escolarização primária no município de Colombo -
Paraná (1882-1912)** Curitiba: Imprensa 2005.

ROSSI, Giovanni. **Colônia Cecília e outras utopias.** Curitiba:
Imprensa Oficial, 2000

TRENTO, Angelo. **Os italianos no Brasil / gli italiani in
Brasile.** São Paulo: Ministério das Relações Exteriores da
Itália, Embaixada da Itália e Instituto Italiano de Cultura de
São Paulo, 2000.

VILLA, Deliso. **Storia Dimenticata.** Ente Vicentini nel Mondo.



Neve em Colombo – 1928
Acervo Departamento de Cultura de Colombo.